



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

JOÃO BATISTA CONDE

A pedagogia da fé no escutismo
O CNE no acompanhamento juvenil

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues

Braga
2023

1

Sabes, leitor, que estamos ambos na mesma página
E aproveito o facto de teres chegado agora
Para te explicar como vejo o crescer de uma magnólia.
A magnólia cresce na terra que pisas - podes pensar
Que te digo alguma coisa não necessária, mas podia ter-te dito, acredita,
Que a magnólia te cresce como um livro entre as mãos. Ou melhor,
Que a magnólia – e essa é a verdade – cresce sempre
Apesar de nós.
Esta raiz para a palavra que ela lançou no poema
Pode bem significar que no ramo que ficar desse lado
A flor que se abrir é já um pouco de ti. E a flor que te estendo,
Mesmo que a recuses
Nunca a poderei conhecer, nem jamais, por muito que a ame,
A colherei.

A magnólia estende contra a minha escrita a tua sombra
E eu toco na sombra da magnólia como se pegasse na tua mão¹

¹ Daniel Faria, «Do ciclo das intempéries», em *Poesia*, ed. Vera Vouga, 2ª ed. (Porto: Assírio & Alvim, 2019), 337.

Índice

RESUMO.....	7
ABSTRACT	7
SIGLÁRIO.....	8
INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I – AS ORIGENS DO MOVIMENTO ESCUTISTA	12
1. A definição de fé.....	12
1.1 A imaterialidade do não visível.....	14
1.2. A doação pessoal em ato de crer	16
1.3. A intemporalidade da revelação	18
1.4. O dom transmitido, em pedagogia	20
1.5. A horizontalidade das relações.....	22
2. O que é o escutismo	24
2.1. A Lei e a Promessa Escutista	27
3. O escutismo católico	29
3.1 Escutismo religioso	29
3.2. Escutismo escola de fé?.....	31
4. O Corpo Nacional de Escutas (CNE)	33
4.1. A metodologia pedagógica.....	36
4.2. A fé na pedagogia escutista.....	37
4.3. A inserção na comunidade	38
CAPÍTULO II – A PEDAGOGIA DA FÉ E O ESCUTISMO	40
1. A pedagogia da fé	40
1.1. A ação pedagógica de Deus	41
1.2. Jesus, o verdadeiro pedagogo.....	42
1.3. A ação pedagógica humana.....	43
2. A pedagogia da fé na formação escutista.....	45
2.1. A dimensão espiritual, no projeto educativo do CNE.....	46
2.2. A ação pastoral escutista	47
2.3. A pedagogia do sistema de progresso	48
2.3.1. Primeira Secção (Lobitos).....	49
2.3.2. Segunda Secção (Exploradores).....	50
2.3.3. Terceira Secção (Pioneiros).....	51

2.3.4. Quarta Secção (Caminheiros)	52
3. Os adultos no escutismo	53
3.1. A ação performativa dos dirigentes	55
3.1.1. Os dirigentes no apostolado dos leigos	57
3.2. A ação espiritual dos assistentes	59
CAPÍTULO III – O ACOMPANHAMENTO PASTORAL NO ESCUTISMO	61
1. A ideia de acompanhamento pastoral.....	61
1.1. Passos de dois a três.....	63
1.2. Caminhar em comunidade	65
1.2.1 A família, primeiro berço geracional da fé cristã	65
1.2.2. A comunidade paroquial e social.....	67
2. O caminho conjunto no escutismo	71
2.1. Os acompanhados	73
2.2. Os acompanhantes	75
2.3. A comunidade escutista no âmago da Igreja	78
3. O escutismo no caminho de uma nova conversão pastoral	79
3.1. Os sinais dos tempos, uma linguagem contemporânea da fé.....	80
3.2. O emergir de um novo paradigma, a partir do escutismo	82
3.2.1. A ação pastoral do diálogo.....	83
3.2.2. Potenciar os jovens a ser missão na Igreja.....	84
3.2.3. Enraizar o evangelho entre os jovens escuteiros	85
3.2.3.1. Crescer na maturidade cristã.....	87
3.2.3.2. Caminhar na conversão.....	88
3.2.3.3. Ser-se caridade.....	89
CONCLUSÃO.....	92
BIOGRAFIA GERAL	96

RESUMO

A presente dissertação centrar-se-á na abordagem à pedagogia escutista, na dimensão da fé. Este é um movimento juvenil mundial, que sempre contemplou uma forte ligação a Deus, inscrita pelo fundador, Robert Stephenson Smith Baden-Powell. Em Portugal o escutismo vive-se, essencialmente, no Corpo Nacional de Escutas (CNE), uma instituição que se alicerça no seio da Igreja Católica. Fruto desta temática, realizaremos toda a pesquisa, na qual iremos refletir sobre a importância da vivência da fé, no movimento. Esta apreciação centra-se tanto no âmbito individual, como no interpessoal, porque um crescimento íntegro implica as duas visões. Assim, dá-se principal destaque à experiência de fé que o CNE proporciona a crianças e jovens, no desenvolvimento do ser, como pessoa e como cristão.

Palavras-chave: fé; pedagogia; escutismo; CNE; jovens; movimento; acompanhamento.

ABSTRACT

The present dissertation will focus on the approach to Scout pedagogy, in the dimension of faith. This is a worldwide youth movement, which has always contemplated a strong connection to God, inscribed by the founder, Robert Stephenson Smith Baden-Powell. In Portugal, Scouting is lived, essentially, in the Corpo Nacional de Escutas (CNE), an institution that is based within the Catholic Church. As a result of this theme, we will carry out all the research, in which we will reflect on the importance of living the faith in the movement. This assessment is centered both on the individual and on the interpersonal level, because an integrated growth implies both visions. Thus, the main emphasis is given to the experience of faith that the CNE provides to children and young people, in the development of being, as a person and as a Christian.

Keywords: faith; pedagogy; scouting; CNE; young people; movement; follow-up.

SIGLÁRIO

BP Robert Stephenson Smith Baden-Powell

CNE Corpo Nacional de Escutas

ChL João Paulo II, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christifideles Laici* (30 de dezembro de 1988)

CT João Paulo II, Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae* (16 de outubro de 1979).

CV Francisco, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christus Vivit* (25 de março de 2019).

DFSB XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos Os Jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional (3-28 de outubro de 2018).

DV Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituição Dogmática *Dei Verbum* (18 de novembro de 1965).

EG Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (24 de novembro de 2013).

FT Francisco, Carta Encíclica *Fratelli Tutti* (3 de outubro de 2020).

GE Paulo VI, Declaração Conciliar, sobre a *Educação Cristã*, *Gravissimum Educationis* (28 de Outubro de 1965).

GS Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (7 de Dezembro de 1965)

LF Francisco, Carta Encíclica *Lumen Fidei* (29 de junho de 2013).

LG Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (21 de novembro de 1964).

PF Bento XVI, Carta Apostólica *Porta Fidei* (11 de outubro de 2011).

INTRODUÇÃO

A presente dissertação, de Mestrado Integrado em Teologia, é o culminar de um percurso académico, que se estendeu ao longo dos últimos anos. Cientes do tempo pós-moderno, instaurado na realidade em que vivemos, entendemos que entre uma boa parte dos jovens, a fé, em Jesus Cristo, é indiferente. Atentos a essa realidade, verificamos que há propostas, por parte da Igreja, que possibilitam remar contra a maré da descrença. Nesse sentido, apercebemo-nos que o Corpo Nacional de Escutas, maior movimento juvenil do País, é uma proposta educativa para crianças e jovens de carisma religioso. Verificamos que esta instituição tem um papel ativo na pastoral juvenil, ao levar jovens ao contacto com Jesus Cristo. Assim, este trabalho científico pretende incidir na centralidade da vivência da fé, que os jovens experienciam no movimento escutista. Com um fundo espiritual, quer-se ressaltar a experiência pessoal e comunitária que cada escuteiro poderá viver, seja na comunidade, seja na sociedade.

No capítulo primeiro, iniciaremos com uma breve definição de fé, no modo como a experienciamos e vivemos, na relação com Deus e com os outros. A centralidade deste conceito é a base na qual se alicerça, não só este capítulo, mas todo o trabalho que apresentaremos. Na breve reflexão que expomos, entenderemos que a fé é certamente uma abertura, com confiança, ao dom que nos é dado da parte de Deus. Ora, porque é um dom, não nos é permitido privar o outro de o receber, antes devemos reconhecê-lo e transmiti-lo, tal como nos foi dado, na autenticidade e na verdade.

Clarificado este conceito, partimos para uma abordagem mais histórica e explicativa sobre o movimento escutista, tal como nasceu, cresceu e chegou a Portugal. Fundado em Inglaterra, por Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, em 1907, tinha como principal objetivo a formação integral dos jovens, daquela época. Não pretendia ser escola, mas ser um complemento à educação que as crianças recebiam. O objetivo era formar jovens capazes de viver felizes, numa sociedade que apresentava algumas dificuldades. Por isso, o fundador não retira ao escutismo a dimensão espiritual, vendo em Deus o Criador de todo o universo. Porém, não atribui ao escutismo nenhuma religião em concreto, para que cada país, ao adotar o movimento escutista, pudesse ele mesmo atribuir-lhe a religião em que vive. Foi nesse intuito que o padre jesuíta Jacques Sevin introduz em França o Escutismo Católico, tendo em vista a evangelização juvenil e reconhecendo no escutismo um movimento capaz de desenvolver a personalidade dos jovens. Por fim, em Portugal é fundado o movimento escutista no dia 27 de maio, de 1923, pelo Arcebispo Dom Manuel Vieira de Matos e pelo Monsenhor Avelino

Gonçalves. A partir daí, foi tendo várias evoluções, até chegar aos dias de hoje, reconhecendo-se como Corpo Nacional de Escutas (CNE).

No capítulo segundo, começaremos por uma análise à pedagogia da fé. É um método de agir humano, como meio para transmitir a fé entre pessoas. Este modo de agir é semelhante ao modo de ser de Deus, na instrução do povo. A pedagogia da fé bebe da pedagogia divina e é nela que deve centrar a atenção, porque lhe dá continuidade. O principal objetivo desta pedagogia é levar as pessoas a fazer experiência de fé, instruindo-as com a mensagem divina. Mais do que uma pura pregação de palavras, transmite-se um modo de vida, pelo testemunho cristão, na tradição viva da Igreja. No entanto, esta ação não invalida a partilha da Sagrada Escritura, como fonte inesgotável da Palavra de Deus. A Bíblia é a principal fonte da pedagogia da fé. Nela está contido o modo de ser e de agir de Jesus, pelo evangelho. Ora, o cristão assume-a como ponto de referência para a sua vida. Com isto, o método pedagógico é alicerçado numa relação entre o pedagogo e o recetor, visto que fazem uma experiência partilhada de Deus.

A reflexão acima explanada serve de configuração para a pedagogia da fé, delineada pelo CNE. No segundo ponto, do mesmo capítulo, abordaremos a proposta pedagógica que esta instituição realiza, no âmbito da fé. Aqui expomos, de forma concreta, os agentes e o objetivo da pedagogia. Dirigida a crianças e a jovens, centra-se em idades díspares. Cada grupo etário é designado de secção, ou seja, no CNE existem quatro faixas etárias, tendo cada secção uma ação pedagógica específica. A dimensão pedagógica que abordamos é a espiritual, sabendo que nela, os escuteiros são introduzidos numa vivência diária de fé. Esta dimensão proporciona aos jovens uma experiência de fé partilhada em grupo e acompanhada pelos dirigentes. Como agentes da missão, os dirigentes, chefes e assistentes, são os responsáveis pela educação dos jovens, nas áreas que o CNE propõe. Como leigos, são cristãos de referência para os mais novos, pelo testemunho e pela vida partilhada com eles. No terceiro ponto, voltamos o olhar para a ação dos leigos, dirigentes, como meios de Deus chegar às crianças. A fé é uma experiência de Deus, pessoal e comunitária, logo cabe aos mais velhos partilhar a própria experiência do transcendente com os mais novos. Daqui surge um acompanhamento efetivo, da parte dos dirigentes e dos assistentes.

No terceiro e último capítulo, pretendemos abrir um novo horizonte pastoral, a partir da imagem escutista. Perante um olhar sobre o panorama nacional, identificamos algumas lacunas e a mais evidente é o envelhecer das comunidades cristãs, fruto de uma pastoral em decadência. As propostas que há parecem pouco adequadas para o nosso tempo, ou centradas apenas na manutenção. Certamente, o tempo, exigente, que vivemos pede-nos mais atenção e cuidado no

anúncio do evangelho. Diariamente se vê a necessidade de novos paradigmas, mais centrados na pessoa, na cura e no potenciar. Com isto, surge a ideia de que o último objeto de estudo seja o acompanhamento pastoral no escutismo.

Ao pretender trilhar um caminho de fé, tendo em conta a pedagogia escutista e o modo como cada faixa etária, entre os jovens, a pode viver, ressalta ao pensamento que este percurso, não só não pode ser realizado sozinho, como tem de desaguar numa realidade concreta. Ora, se no CNE se vive a dimensão da fé de um modo compenetrado, este revela que os jovens desejam ser e caminhar com Jesus. A partir do artigo *Acompanhar: estilo e chave da pastoral juvenil e samaritana*, elaborado pelo bispo auxiliar de Braga, D. Nuno Almeida, prendemos traçar linhas orientadoras de um caminhar que requer atenção e doação de outros, mais velhos. Por isso, abordaremos a ideia de acompanhamento na esfera pessoal e grupal. Sem esquecer que este percurso começa na família, à qual reservamos um ponto, partimos para a paróquia e agrupamento, onde tudo acontece.

Posto isto, parece-nos realmente importante traçar um perfil sugestivo, quer do acompanhado, quer do acompanhante. No primeiro, legitima-se que abra o interior, num processo de reconhecimento próprio e de Deus, que age em si. Com o auxílio de alguém mais velho, um dirigente ou assistente, poderá peregrinar na fé, libertando-se do que o prende no viver e potenciar as suas capacidades e dons, para viver em liberdade e verdade. Já o acompanhante, será uma pessoa mais velha, que transporta um testemunho de vida, enraizado na fé, e sobretudo, tem o dom de cuidar, escutar e libertar. Será para os jovens um modelo, que os ajuda a chegar a Cristo e aos irmãos.

Assim, chega-se à parte terminal, na qual asseveramos ser importante abordar o escutismo católico como modelo de uma nova conversão pastoral. Esta ideia surge do caminho apresentado até aqui. Pelo que, não impondo nenhum modelo, queremos destacar que o modo vivencial da fé, no movimento escutista, potencia um viver enraizado no evangelho. Pelo diálogo, com o desenvolver dos dons pessoais e numa fé madura, chega-se à conversão do coração, para poder viver como discípulo no serviço da caridade. Tendo consciência de que o que apresentaremos não é um caminho linear, nem realizado por todos, desejamos que este possa ser modelo para todos os escuteiros e também para outros grupos de jovens. Apresentado o percurso, temos pernas para andar?

CAPÍTULO I – AS ORIGENS DO MOVIMENTO ESCUTISTA

No presente capítulo, iniciaremos a pesquisa por uma breve definição da fé, como correspondência à dádiva divina. Porque é breve, não nos é possível entrar na profundidade do termo, nem na grande panóplia teológica que existe referente ao conceito. Centrar-nos-emos apenas na ação de Deus e na correspondência humana.

Posto isto, afluiremos a mais definições, desta vez debruçar-nos-emos, de modo geral, no movimento escutista, sendo que não nos restringiremos a factos meramente históricos e circunstanciais, mas sobretudo à mística e a ideologia criada pelo fundador, Robert Stephenson Smyth Baden-Powell. É a partir das origens que iremos alicerçar todo o foco da pesquisa, acompanhando a evolução até aos nossos dias, tendo em conta os principais agentes dessa missão. Este trabalho centra-se essencialmente no escutismo católico, visto que é do nosso interesse abordar o movimento como escola de transmissão da fé. Deste modo, delineámos a investigação pelo escutismo católico, enquanto movimento apadrinhado pela Igreja Católica, tendo em vista a formação dos jovens.

Seguindo a linha do tempo, mergulhamos no escutismo católico em Portugal, desde a sua origem em Braga, pelo Arcebispo Primaz, D. Manuel Vieira de Matos e o Monsenhor Avelino Gonçalves, até aos dias de hoje. Com isto, todo este capítulo é redigido tendo em conta as definições basilares, para o fundamento desta investigação.

1. A definição de fé

A fé é entendida como correspondência livre do ser humano à revelação de Deus. Na gratuidade do dom de Si mesmo, Deus dá-se inteiramente à humanidade. Ora, a resposta pessoal engloba a totalidade de cada indivíduo, que em total liberdade aceita, ou não, o que lhe é oferecido. É a partir da iniciativa divina que o ato de fé acontece, sendo que, sem a ação primeira de Deus, não é possível ao ser humano estar numa atitude de fé.²

Efetivamente, partindo desta crença de que a fé é uma atitude de confiança na revelação divina, poder-se-á dizer que «a fé cristã autêntica, que desemboca em esperança, é resposta, entrega, confiança incondicional e fidelidade crescente do homem todo a Deus que Se revela e comunica em Jesus Cristo, pelo Espírito Santo».³ A ação humana vai sempre ao encontro do que lhe é dado e por isso, trata-se de aceitar, de forma livre, as práticas e o modo de viver, que

² Cf. José María Gelabert, «Fe», em *Diccionario de Teología*, ed. César Izquierdo (Navarra: EUNSA, 2006), 394.

³ António Vaz Pinto, *Fé e Existência Cristã* (Lisboa: Alêtheia Editores, 2010), 24.

essa aceitação confere.⁴ Trata-se então de uma transformação interior e exterior, no modo de viver, visto que a ação de Deus, no humano, vai moldando a sua vida. Esta ação, apesar de ser por vontade humana, não deixa de ser auxiliada pelo Espírito Santo, que age no mundo. Com os seus dons, o Espírito de Deus assiste na adesão total à fé (Cf. *DV*, 5). Na verdade, «a vida na fé, enquanto existência filial, é reconhecer o dom originário e radical que está na base da existência do homem» (*LF*, 19). Somos filhos e por isso herdeiros de um dom que nos antecede, que está em nós e que devemos procurar. Este modo de vida permite-nos viver configurados com o que acreditamos, porque «se a fé cristã é a resposta e adesão do homem à Revelação de Deus e de facto é, então ela é também adesão a uma imagem e a um projecto de homem, precisamente aquele que é revelado em Jesus Cristo».⁵ Ao assumir esse projeto de vida, o ser humano vive em prol de uma relação personalizante com Cristo.

Na verdade, não há fé sem relação pessoal com a pessoa, ou aquilo em que se acredita. Essa relação interpessoal é o eixo de ligação entre os dois, ao permitir um contacto credível e autêntico, para que o ser humano possa dizer “eu creio em ti”.⁶ Há de facto uma transmissão que se dá entre os dois seres, que é insubstituível, para que haja um conhecimento pessoal em quem se acredita. A relação entre os dois *entes* revela-se efetiva e afetiva, pela mútua doação de cada parte, para alimentar a conexão existente. O amor é a centralidade que une os dois seres, como dádiva total de Deus e que o humano utiliza, como forma expressiva dessa relação, com Ele e com os outros. Sem uma relação com a pessoa amada, a união é falsa (Cf. *LF*, 27). Na verdade,

fé significa aqui essencialmente a resposta ao amor que se entregou por mim. Resposta que vem sempre demasiado tarde, porque o acto de Deus em Cristo, o acto de carregar e tirar os meus pecados, ocorreu primeiro, antes de toda a resposta possível, antes de toda a previsão de resposta, portanto numa pura gratuidade — o que prova o amor puro e absoluto.⁷

Com esta evidência, torna-se claro ao humano que todo o amor que recebe de Deus é anterior à sua própria vontade de crer e amar. O Criador antecede toda e qualquer ação da criatura, logo é-lhe próprio deixar que a ação trinitária aconteça no seu âmago. Deus não decide pelo humano, antes age nele, sempre que tem permissão. Somos livres em toda a nossa existência, porque

⁴ Cf. Wolfgang Beinert, «Fe», em *Diccionario de teología dogmática*, ed. Wolfgang Beinert (Barcelona: Herder, 1990), 289.

⁵ Pinto, *Fé e Existência Cristã*, 25.

⁶ Cf. João Manuel Duque, *Homo Credens: Para Uma Teologia da Fé*, 2.^a ed. (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004), 114.

⁷ Hans Urs von Balthasar, *Só o Amor é Digno de Fé*, trad. Artur Mourão (Lisboa: Assírio & Alvim, 2008), 90.

assim fomos criados. Podemos até dizer que é necessário «escolher a fé, para reconhecer o amor»,⁸ sabendo que há uma ligação forte entre os dois termos.

Esta conceção amorosa da relação humana com Deus é a parte essencial da fé, para que haja uma transformação interior do sujeito que acredita, perante a escolha que fez. Logo, «o crente é transformado pelo Amor, ao qual se abriu na fé; e, na sua abertura a este Amor que lhe é oferecido, a sua existência dilata-se para além dele próprio» (LF, 21). Essa relação amorosa implica necessariamente renovação, quer na relação pessoal com Jesus, quer na relação comunitária, como veremos mais à frente. Essa relação amorosa será sempre de «um amor que nos precede e sobre o qual podemos apoiar-nos para construir solidamente a vida» (LF, 4). É, certamente, uma relação estruturada sobre esta base, como alicerce.

Nunca o ser humano chega à fé apenas pela via pessoal, mas por uma transmissão que lhe é dada pela comunidade onde vive. A principal via usada para transmitir a fé é a evangelização a partir da Sagrada Escritura, da tradição da Igreja e também pelo testemunho pessoal. O modo de vida dos crentes é exemplo, para que muitos cheguem a Cristo. Assente nessa ideia, diremos que «a fé, nasce, portanto, de um acto de comunicação em sentido vasto e não apenas no sentido informativo entre Deus (em Cristo) e o ser humano».⁹ É impossível uma relação entre Deus e o humano fechada em si mesma, visto que Ele se faz presente em todos, logo é por todos que chegamos a Ele. Este modo de viver transforma e ilumina o percurso do caminho humano, enquanto seres terrenos (Cf. LF, 7).

Assim, o crente é imerso sempre no amor transbordante de Deus, que vivifica todas as ações humanas. Ter fé é o modo como o humano confia e se abre ao dom de Deus, na possibilidade que tem em ser-lhe fiel. A esperança humana será sempre emergir na transcendência como seres divinizados pelo próprio Deus, que se humanizou. É esse o sentido de toda a esperança cristã, sabendo que no mundo a fé é experiência para além do visível.¹⁰

1.1 A imaterialidade do não visível

A fé como experiência relacional entre seres não possui um corpo visível ou invisível. As relações não se assumem como corpos, mas como meios de contacto entre seres humanos. Ao perceber este facto entendemos que «ter fé significa decidir que, no âmago da existência

⁸ Michael Paul Gallagher, *Livres para acreditar. Dez passos para a fé*, trad. Luís Amaral, 2ª ed. (Braga: Apostolado da Oração, 2021), 140.

⁹ Duque, *Homo Credens: Para Uma Teologia da Fé*, 116.

¹⁰ Cf. Karl Rahner e Herbert Vorgrimler, «Fe», em *Diccionario Teológico*, 2ª ed., vol. 104 (Barcelona: Editorial Herder, 1970), 251.

humana, há um ponto que não pode ser alimentado e sustentado pelo que é visível e tangível, mas que toca na fimbria daquilo que não é visível, a ponto de este se tornar tangível revelando-se como algo indispensável à existência».¹¹ Ora, porque é centralizada no interior do ser humano, a fé assume-se como uma revelação de Deus no íntimo de cada pessoa. Como parte fundamental do humano, necessita de um cuidado pessoal da parte do sujeito onde habita.

Partindo de uma ideia, vista anteriormente, de que a adesão à fé implica uma mudança de vida, podemos constatar que essa forma de viver é necessária diariamente. A adesão é diária e constante, pelo facto de que o ser humano necessita de uma conversão contínua. A fé não é uma dado adquirido, mas um dom a desenvolver pelo forma como vivo e como creio. Por isso, não é física, nem visível, nem temporária. É um ato que imprime a necessidade de doação total, por parte do sujeito que crê. Só quem vive na fé a compreende, como fonte inesgotável. Na verdade, «não podemos esquecer que a fé só se compreende à luz dela mesma. [...] Em última análise, a fé só se pode legitimar a partir da sua própria vivência. Pelos actos que gera, é que se percebe a sua razão de ser».¹² Compreende-se a fé, ao fazer experiência dela mesma, o que não impossibilita de a pensarmos à luz da razão, mas não lhe podemos querer conferir um carácter meramente psicológico.

Sem se opor ao racional, o modo de ser da fé declara-se intimamente ligado ao amor. É nele que a fé se alimenta e é nele que vive. A luz da fé só pode vir da relação amorosa entre pessoas, não na clarificação científica. Fé e ciência não são contrárias, mas também não são a mesma coisa e, por isso, devem manter-se juntas, sem esquecer o que as difere (Cf. *LF*, 26). A fé não é factual. A ciência também não é expressão de relações humanas amorosas. São diferentes e distintas. Por isso,

a fé refere-se a pessoas, não a razões objectivas. Constitui um acto pessoal de confiança e estabelece uma vinculação mútua de pessoas. Como acto pessoal, envolve, na unidade original que lhes é própria, o entendimento e a vontade no conjunto da pessoa humana, porque é um acto do homem uno e total.¹³

Se assim entendermos, compreenderemos novamente que a única possibilidade de fazer experiência da fé é confiar na doação de Deus.

Mergulhada na dimensão espiritual, compreendemos a fé como algo que se alimenta da revelação divina, que opera no sujeito vivente. Em verdade, «a fé situando-se, isso sim, no

¹¹ Joseph Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, trad. Alfred Keller, 2ª ed. (Lisboa: Lucerna, 2017), 36.

¹² Domingos Terra, *O sentido da fé* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009), 70.

¹³ Walter Kasper, *Introdução à Fé*, trad. Augusto Mourão (Porto: Telos, 1972), 78.

âmbito das decisões fundamentais que o ser humano precisa de tomar quer queira, quer não e que só podem ser tomadas de uma única forma, aquela a que chamamos fé».¹⁴ Não exige visibilidade exterior, mas requer um cuidado necessário das relações humanas, fundadas no amor.

1.2. A doação pessoal em ato de crer

A doação pessoal do ser humano a Deus é entendida como configuração do crer em ato, ou seja, dar-se em abertura total, para que Ele desça e habite a totalidade do ser. Então, a inteireza do sujeito passa a estar e a viver integralmente n'Ele. Dá-se nesta ação de entrega o principal passo para chegar à fé, que visa uma mudança interior.¹⁵ Aqui percebemos que esta doação de si mesmo não é um processo automático nem imediato. Esta decisão envolve toda a integridade do ser humano, porque é na completude do ser que se opera todo o processo.¹⁶ Ciente do que aconteceu, depois da entrega, o crente passa agora a reconhecer Deus como fundamento de toda a Criação e sentido último da sua vida.¹⁷

No entanto, dar um passo inicial para entrar na fé revela-se importante, mas insuficiente. Como ato experiencial, alargado a toda a vida, exige a constante doação de si, para nutrir a relação. Aqui, destaca-se o compromisso humano em estar constantemente relacionado com o Deus.¹⁸ Na esfera espiritual, o ser humano alimenta-se com a própria vida, dos laços interiores e exteriores. O que acontece fora é expressão de dentro. O ser estrutura-se desde o ponto central da sua existência, no qual habita o Absoluto. É a partir daí que forma toda a personalidade que o define, embora seja influenciado pelo espaço onde habita. Na verdade, «o caminho da fé é uma opção irrevogável que implica a entrega da própria vida nas mãos de um Deus que não se vê, mas que se percebe presente como último e definitivo portador de sentido».¹⁹ Para o crente, o Deus em que acredita é o princípio e o fim de toda a sua existência, comprometendo-se intimamente com Ele.²⁰ Em última análise, crer «significa aceitar que o sentido, que não podemos produzir, mas apenas receber, já nos foi dado, de modo que precisamos tão-somente

¹⁴ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 50.

¹⁵ Cf. Beinert, «Fe», 289.

¹⁶ Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 36.

¹⁷ Cf. Rino Fisichella, *A fé como resposta de sentido*, trad. António Rocha (São Paulo: Paulinas, 2005), 8.

¹⁸ Cf. François Varillon, *Alegria de Crer e de Viver*, trad. Miriam Godinho, 2ª ed. (Braga: Apostolado da Oração, 2013), 41.

¹⁹ Fisichella, *A fé como resposta de sentido*, 8.

²⁰ Cf. Varillon, *Alegria de Crer e de Viver*, 41.

de aceitá-lo confiando-nos a ele».²¹ A confiança imprime sustentabilidade e garante uma relação estruturada.

Ora, ao afirmar a fé como uma doação da pessoa, perante o Ser, em que acredita, é importante ter em consciência que este ato leva a um compromisso, não a uma ideia. «No ato de fé, o crente fia-se em Jesus Cristo e no testemunho apostólico, porque são fiáveis e oferecem-nos sinais».²² É nos sinais que desponta o querer comprometer-se, porque há crença. Este comprometer-se é importante e necessário, para que no íntimo do ser da pessoa haja um contacto unitário com Deus. Sem uma ligação estruturada e duradoura, o crescimento pessoal no Absoluto revela-se incapaz de se enraizar no crente.²³ Tendo em vista um longo caminho, não poderá deixar de ser necessário que o humano se entregue, confie totalmente em Jesus que lhe é revelado, por meio de um testemunho e da relação pessoal. A confiança imprime abertura à ação moldadora do Ser, que habita a pessoa (Cf. *LF*, 13). «A fé consiste na disponibilidade a deixar-se incessantemente transformar pela chamada de Deus» (*LF*, 13). O crer vê-se entrelaçado no viver, sem que haja uma separação possível, mas um contínuo vínculo. Alinhem-se mutuamente no mesmo sentido.²⁴ A história do crente é inscrita pelos dons que de Deus recebe. No caminho trilhado há sempre reminiscências de passos acompanhados por outros e pelo totalmente Outro. Isto implica lutarmos contra a corrente moderna, que infere que tudo é do plano visível e que o sentido último da nossa existência está na ciência. A fé não é do plano factual.

Deste modo, entendemos que o crer não pode ser posto de lado nas experiências vivenciais do quotidiano. O crente é-o em qualquer lado e em qualquer circunstância. Logo, no espaço em que se encontra poderá reconhecer e compreender os sinais que se evidenciam da revelação divina. O crer é também uma forma de compreender e de penetrar nos mistérios de Deus. Para isso é importante uma disponibilidade interior, acompanhada de uma atenção sensível a tudo o quanto possa evidenciar sinais de transcendência.²⁵ Em tudo o que constitui o humano, Deus faz-se presença.

²¹ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 51.

²² Franco Arduso, «Fe», em *Cristianismo. Diccionario Enciclopédico San Pablo* (Madrid: San Pablo, 2009), 391.

²³ Cf. Varillon, *Alegria de Crer e de Viver*, 41.

²⁴ Cf. Varillon, 322.

²⁵ Cf. Fisichella, *A fé como resposta de sentido*, 88.

1.3. A intemporalidade da revelação

A presença de Deus no mundo realiza-se por revelação, desde os tempos antigos. Toda a tradição da Igreja e a Sagrada Escritura são a garantia visível de que este facto é realmente verdade. O apóstolo Paulo afirma-o na Carta ao Coríntios: «A nós, porém, Deus o revelou por meio do Espírito. Pois o Espírito tudo penetra, até as profundidades de Deus» (1 Cor. 2, 8). Ora, o Espírito de Deus, que age no mundo, continua ainda hoje a penetrar os corações humanos, na certeza de que aquele que escutar a sua voz entenderá os seus sinais. Aqui, a escuta assume-se como ponte central da revelação. Ora, se a Palavra é revelada por meio de uma relação pessoal, entende-se a necessidade de uma escuta atenta para recepcionar o que é transmitido. É a partir daí que nasce a compreensão da revelação e a resposta em ato de fé (Cf. *LF*, 8). Isto dá-se pela ação de Deus na fímbria do humano, mas também pelas vozes que clamam toda a tradição bíblica. «Portanto, a fé surge da pregação, e a pregação surge da Palavra de Cristo» (Rm. 10, 17). Hoje e sempre, Cristo será a referência autêntica de toda a transmissão, num evangelho vivo e ativo. Na verdade, «a vida de fé nasce como resposta a uma dádiva que vem de longe, de uma tradição que estende as suas raízes pelo tempo, abarcando muitas gerações, até se “perder” na história».²⁶ A fé que vivemos é garantida pela intemporalidade da revelação. Sem a base fundante da Palavra, a fé seria desencarnada ou mesmo utópica. Logo, «a fé é descrita como um fincar o pé ou colocar-se com confiança no chão da Palavra de Deus».²⁷ Enraizada na Escritura, a fé cresce no humano para Deus. Por isso, entendemos que acolher a mensagem da Escritura é acolher o próprio Deus, que se faz presente nela. Pelo Espírito que anuncia/age no humano, torna-se possível participar da vida trinitária, por vontade divina e adesão humana, livre.²⁸ Deus faz-se, conscientemente, presente na história humana, em dom gratuito e eterno.²⁹

Em Jesus acontece a revelação plena de Deus. Ao humanizar-se faz-se presente entre os humanos como Deus e Homem. Nas duas naturezas de Cristo está presente a teofania do próprio Deus. N’Ele e por Ele chegou-nos a Palavra que fecunda toda a nossa existência e nos permite viver em atitude de fé. Na verdade, «a fé cristã é o encontro, a comunicação de duas palavras: a Palavra de Deus pronunciada na carne de Jesus de Nazaré e a palavra humana do crente, que se entrega à Palavra de Deus ao descobrir em Jesus o Salvador».³⁰ A vida do crente é, continuamente, entrelaçada na existência divina, levando a que este viva em comunhão com a

²⁶ João Manuel Duque, *No Corpo do Tempo* (Braga: Editorial Frente e Verso, 2021), 138.

²⁷ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 48.

²⁸ Cf. Duque, *Homo Credens: Para Uma Teologia da Fé*, 111.

²⁹ Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 38.

³⁰ Nuno Brás da Silva Martins, *Introdução à Teologia* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003), 33.

revelação bíblica. Nas experiências relatadas na Sagrada Escritura, encontra visível a sua própria experiência e de lá retira indicações para o modo como vive. É fazendo experiência de Deus, no quotidiano, que o crente revê a Palavra atualizada, na forma como vive. Aceitar a revelação é um dos primeiros passos em direção à fé. «É decerto verdade que a resposta de fé é incutida pela revelação divina na criatura a que Deus se dirige no amor, de tal modo que é verdadeiramente a criatura que responde a Deus com toda a sua natureza e com todas as suas forças naturais de amor».³¹ Por amor e com amor, embora imperfeito, o crente dirige-se para Jesus, no qual reside o cerne de toda a fé. Na ressurreição vê-se o mistério profundo do amor de Deus e nela o crente assenta o fundamento da sua fé. O ser humano faz experiência de Deus no amor, que brota da contínua salvação. Em Jesus revela-se o mistério autêntico do amor divino (Cf. *LF*, 15). Por Jesus toda a humanidade é redimida.

Por conseguinte, compreendemos que somos gerados no amor autêntico de Deus. Logo, as conexões interpessoais devem assentar em relações amorosas. Somos interdependentes e partilhamos a história pessoal na vivência comunitária. Em imagens bíblicas encontramos sempre um povo a relacionar-se com Deus, mas também entre eles. Aliás, a antropologia cristã reconhece o ser humano como um ser em relação. Por conseguinte, somos todos filhos de Deus, pela paternidade partilhada com Jesus.

Por isso, somos todos filhos, que recebemos o ser sem o merecermos, como dom de quem nos dá a vida. Nesse sentido, também faz parte da identidade humana o facto de sermos gerados por outros - primordialmente por Deus - e de devermos a nossa existência à dádiva gratuita de outros.³²

Criados à imagem e semelhança de Deus (Cf. Gen. 1, 26), continuamos ainda “hoje” o projeto da criação divina. Todos contribuem para a obra da criação. Somos, então, seres dependentes e relacionais. Ora, percebe-se que esta contínua criação é acompanhada, constantemente, pela revelação divina. A dádiva divina é sempre compartilhada entre os seus filhos. Assim, o modo preferível de viver e experienciar a fé é ser em relação. Deste modo, «essa fé originária, fundamental à existência de todo o ser humano que assim concebido como resposta, acontece ou manifesta-se de forma privilegiada na relação humana interpessoal, que passa pela minha resposta concreta à interpelação do outro».³³ Compreendemos que o ser humano é um ser para o outro, um “eu” que está em contínua relação com um “tu”. E a base de toda a relação será o

³¹ Balthasar, *Só o Amor é Digno de Fé*, 74.

³² Duque, *No Corpo do Tempo*, 133.

³³ Duque, *Homo Credens: Para Uma Teologia da Fé*, 49.

amor que provém de Deus. É este o sentido da existência do crente, pelo testemunho que recebeu e pela experiência que faz. Na verdade, «o sentido, ou seja, o chão sobre o qual pode firmar-se e viver a nossa existência como um todo, é algo que não pode ser produzido, só pode ser recebido».³⁴ Do criador recebemos o amor como sustento de toda a vida relacional e existencial. Ao crente é pedido que transmita ao seu semelhante os frutos da sua relação com o Pai.

1.4. O dom transmitido, em pedagogia

A via mais comum para o ser humano chegar à fé é a transmissão. Pela ação pedagógica da Igreja, ou até mesmo por partilha de experiências de fé, o ser humano é introduzido nos mistérios divinos, se, em liberdade, for essa a sua vontade. O modo de vida do crente pode influenciar outros a quererem ser e a viver como ele. A pedagogia do testemunho foi sempre um bom meio pelo qual muitos aderiram à fé. Como já vimos, o crente vive entrelaçado com a Palavra de Deus e isso confere-lhe um modo de vida e uma identidade própria do modo de ser em Deus. Ser deste modo permite a que outros vejam nele um modelo de vida ou um modo de vida a adotar. A fé propaga-se nas relações entre os humanos. À fé chega-se pela palavra, pela escuta atenta das vozes que anunciam o evangelho. É no ser com os outros que tudo acontece.

A fé, se é opção por um estilo humano de vida, grato e gracioso, que gera, por isso, individual e comunitariamente, modos concretos de ver, de pensar e de agir - não deixa, por isso, de implicar doutrina e rito, moral e tradição é, primeiro que tudo, disposição, dinamismo e encontro visceral com a paisagem, a Palavra e o rosto de Deus revelado na história efetiva de Jesus.³⁵

Neste modo de ser comunitário, o indivíduo pode realmente ter um encontro performativo com o próprio Deus, através da revelação que em Jesus acontece. Com isto, será inserido num modo de vida totalmente enraizado na tradição apostólica, na vivência dos sacramentos e nos conhecimentos próprios de um cristão, como refere a citação anterior. Geram-se novos cristãos em comunidade e é nela que eles devem crescer na fé, em tudo o que possa ser frutífero para a relação com Deus.

Efetivamente, conferimos que o modo de ser do crente é social, pela forma como celebra e vive a fé entre todos. Na Palavra centra-se a unidade entre os crentes, porque nela está o alimento espiritual e a verdade que partilham. A partir daqui surge o diálogo na fé, ou seja, da

³⁴ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 51.

³⁵ José Frazão Correia, *A Fé vive de afeto* (Lisboa: Paulinas, 2013), 67.

interligação entre os crentes dá-se o diálogo com Deus. A relação entre os crentes é expressão da presença de Deus imanente. Chega-se ao divino, pelo semelhante. Ora, a fé vive do contacto do “eu” com o “tu”, no “nós” de Deus.³⁶ De facto, Jesus explica esta forma relacional de modo simples e direto: «Se alguém disser: “Eu amo a Deus”, mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso; pois aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê» (1 Jo. 4, 20). Chegamos ao invisível, pelo visível. Amamos os irmãos com o amor de Deus. Então, conferimos que para haver relação com Deus são necessárias as relações inter-humanas, porque Deus faz-se presente em cada humano. Deus chega ao ser humano, no humano.

Como seres de coabitação, o humano é moldado e influenciado pelo seu semelhante, com quem partilha a vida. As relações marcam a existência e influenciam o destino de cada um. Por isso, «a iniciativa do outro constitui uma das marcas fundamentais da formação da fé. Ele diz uma palavra com que se identifica, na medida em que nela se diz. A Palavra passa a ser, por isso, testemunho; para além de dizer aquele que a pronuncia, a palavra pretende dizer algo».³⁷ A palavra proferida pela boca do crente, como testemunho, é o fruto de uma ação transformadora que aconteceu no seu íntimo. É expressão da própria vivência e não um mero papaguear de conceitos. A autenticidade da Palavra revela a ação que ela produziu e garante o alcance do testemunho. Quanto mais penetrado na revelação, mais autêntica será a mensagem testemunhal que o crente pode conferir. Partilha de si para os outros, em comunidade. O modo como se vive esta realidade influencia no modo de ser em Deus.

A verdade da fé transparece nos múltiplos modos como pessoas e grupos a interiorizam e testemunham. É no plural que ela se conjuga. Não há instância singular na Igreja que possa declarar possuí-la por inteiro. É certo que o discernimento da verdade à escala eclesial se quer como um caminho de configuração da unidade.³⁸

O testemunho imprime sempre um caráter comunitário. Não é um testemunho individual, mas um partilhar da experiência da ação de Deus em cada um. Não se testemunha as próprias ideias, mas a mensagem de Jesus que no crente se fez carne. Por isso, a Sagrada Escritura é fonte na qual todo o crente deve beber, para celebrar vivificamente os mistérios de Deus, quer nos sacramentos, quer nas relações interpessoais.

A Sagrada Escritura não serve, pois, só para confirmar os dados atingidos pela reflexão teológica, mas é o ponto de partida desta última, animando toda a sua reflexão: é a sua fonte original, que provoca e anima a reflexão, porque provoca e anima a vida da fé. À luz da palavra

³⁶ Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 65.

³⁷ Duque, *Homo Credens: Para Uma Teologia da Fé*, 51.

³⁸ Terra, *O sentido da fé*, 75.

de Deus serão iluminadas todas as outras afirmações sobre a relação entre Deus e o homem ao longo das várias épocas históricas.³⁹

A tradição cristã é a prova visível de que Deus se manifesta a todos os povos.

Assim, entendemos que a forma pedagógica de Deus agir no mundo é dialogante, quer no próprio âmago da pessoa humana, quer nas relações que o ser humano estabelece com o seu semelhante. A partir dessa experiência, todos os crentes têm a missão pedagógica de ser eles testemunho vivo da presença e ação de Deus no mundo. O depósito da fé é um bem precioso para o crente, pois dele deve viver e por ele deve anunciar a todos os povos. «A fé transmite-se por assim dizer sob a forma de contacto, de pessoa a pessoa, como uma chama se acende noutra chama» (*LF*, 37). A transmissão só é possível no contacto pessoal.

O diálogo de Deus com os humanos só é possível no diálogo que os humanos têm entre si. Isto dá-se quando o ser humano já não fala de banalidades, mas fala do que tem e vive dentro de si. Ora ao falar de si, fala também de Deus. Porém, hoje podemos encontrar um problema na linguagem humana, que é a redução do discurso ao mecanicista, ao técnico.

1.5. A horizontalidade das relações

Como analisamos no ponto anterior, a fé vive-se em comunidade, na horizontalidade das relações. Ser semelhantes indica um nível de estado igual, independentemente do estatuto social, da riqueza ou até mesmo da etnia. Para Deus todos têm a mesma dignidade e serão sempre amados e olhados de igual modo. As relações mantêm-se sempre no mesmo nível. Ora, certos dessa realidade, entendemos que o ato de fé de cada pessoa possui um carácter comunitário. Tal como os sacramentos, a fé também exige um estar inserido numa comunidade, na qual o sujeito vive e se relaciona. Todos os humanos trilham a história da salvação, com fé na redenção da humanidade. É um dom gratuito a todos concedido. É nesse caminho de confiança que encontram Cristo (Cf. *LF*, 14). Nessa certeza, entendemos que «a fé apresenta uma exigência universal; é missionária. A dimensão pessoal e dialógica tomada isoladamente não basta, claro está, para a fundamentação da fé».⁴⁰ Por si só, o crente não vive. Necessita do outro, que o apoia e lhe dá apoio no caminhar. Compartilhar a vida é um sinal visível de que a fé se alimenta da relação interpessoal.

Neste sentido, compreendemos que todo o crente que está mais enraizado na fé é testemunho pedagógico para os mais novos, pela forma como vive e pelo modo como anuncia

³⁹ Martins, *Introdução à Teologia*, 44.

⁴⁰ Kasper, *Introdução à Fé*, 79.

o evangelho. «A fé exige união, ela clama pelo outro que crê comigo».⁴¹ Não é suposto que o ser humano viva para si, mas que se abra ao seu semelhante, como quem compartilha a sua história. Quanto mais cresce para Deus, mais espaço livre ganha no interior, disponível para relações. Claro está que «a pessoa vive sempre em relação: provém de outros, pertence a outros, a sua vida torna-se maior no encontro com os outros; o próprio conhecimento e consciência de nós mesmos são de tipo relacional e estão ligados a outros que nos precederam» (*LF*, 38). Percebemos aqui que o campo de ação humano é partilhado pelos seres que o habitam. No meio cristão, o espaço onde habitam é a Igreja, na qual cada fiel é membro ativo da mesma. A Igreja é estrutura, mas, mais do que isso, é corpo místico de Cristo, no qual todos os fiéis se congregam, proferindo a mesma fé e adorando o mesmo Deus.⁴² Em comunhão corporal, a ação da Igreja entende-se relacional, de indivíduos em constante contacto, quer nas práticas culturais, quer na vida quotidiana. O espaço não invalida a crença, nem retira dignidade ao crente, antes permite relacionar-se com o seu semelhante em atitude de fé.

Por conseguinte, o modo de ser em relação horizontal leva a uma consciência coletiva da fé, na qual existe partilha do mesmo *kerygma*. Viver sobre a mesma ação do Espírito Santo é agir no mesmo espaço eclesial. Neste modo de viver afluem diferentes modos de ser e de perceber a realidade, no entanto todos partilham a mesma fé.⁴³ Na verdade, «os cristãos sejam “todos um só” (Cf. Gl. 3, 28), sem perder a sua individualidade, e, no serviço aos outros, cada um ganha profundamente o próprio ser» (*LF*, 22). A doação de si em prol do outro permite ao cristão realizar a vontade de Cristo e realizar-se como dádiva do que possui, sem deixar de ser o que é. Então, esta doação permite-lhe ser com o outro e melhorar a vida do seu semelhante. Aqui entendemos que na Igreja se dá o ponto inicial da teologia, que é a revelação divina em Jesus Cristo. Esta revelação trinitária é correspondida pelo ser humano, em ato de fé no ambiente eclesial.⁴⁴ Toda a vida na fé passa por uma experiência comunitária, nas relações que tece e na comunhão que alimenta. É nessa experiência que se geram novos cristãos, aliás «os humanos existem para gerar».⁴⁵ É esse o propósito de vida de qualquer fiel, gerar novos cristãos, porque todos procuramos a felicidade e a felicidade plena está em Jesus Cristo.

Deste modo, é na história humana que o ser humano faz experiência de Deus e experiência de salvação, no quotidiano onde vive, com o próprio corpo e no corpo comunitário.

⁴¹ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 68.

⁴² Cf. Ratzinger, 68.

⁴³ Cf. Terra, *O sentido da fé*, 82.

⁴⁴ Cf. Martins, *Introdução à Teologia*, 44.

⁴⁵ Duque, *No Corpo do Tempo*, 133.

Realiza-se na realidade comum, sem deixar de ser uma experiência própria.⁴⁶ O fiel é “parte” no “todo”, que é a Igreja, por isso ao inserir-se no “todo”, não deixa de ser “parte”, embora complete o “todo”. Com isto, verificamos a unidade da Igreja, que é um só corpo.

Assim, entendemos que a experiência de fé, partilhada no dia a dia, assenta sobre o corpo da Igreja. É aqui que Deus faz morada e é na morada de Deus que o humano faz experiência d’Ele, na relação entre todos. É na horizontalidade das relações que tudo acontece. A única relação vertical que existe é do humano com Deus, pela distância entre os dois seres, mesmo Deus sendo imanente. A «fé é, portanto, algo de eminentemente temporal e susceptível, com referência ao absoluto».⁴⁷ Pela experiência de fé, somos orientados para o transcendente, que passa a ser o vínculo primeiro da nossa existência. Neste sentido, é no mesmo corpo e no mesmo Espírito que a fé é partilhada, sem deixar de ser una. A Igreja é corpo que sustenta a comunhão dos fiéis, porque é corpo místico de Cristo, no qual se gera novos cristãos para Deus (Cf. *LF*, 47).

2. O que é o escutismo

O Escutismo é um movimento mundial, de índole juvenil, que nasce em Inglaterra, no ano de 1907, fundado por Sir Robert Stephenson Smyth Baden-Powell. A sua génese encontra-se neste homem, que a partir da própria carreira militar, vastíssima, decide aplicar aos jovens os ensinamentos que tinha adquirido durante toda a sua vida. Na sua concessão de viver, encontramos uma pretensão por agarrar tudo o que a vida de bom nos concede e deixar de lado o que impede uma autêntica vivência. Soube sempre dar-se, em totalidade, às boas oportunidades que na sua vida surgiram.⁴⁸

Com isto, pretendia transmitir, de forma sábia, alguma da bagagem que transportava, para conceber jovens prontos para o mundo em que iriam habitar. Não desejava formar militares, mas homens íntegros, com uma educação completa, integral, que só por eles mesmos conseguiriam descobrir. Essa formação serviria, na prática, para enfrentar as necessidades de um mundo que mostrava grandes sinais de transformação, logo seria imprescindível que cada jovem tivesse a aprendizagem necessária para sobreviver da melhor forma e essencialmente para ser feliz.

⁴⁶ Cf. Duque, 8.

⁴⁷ Duque, *Homo Credens: Para Uma Teologia da Fé*, 52.

⁴⁸ Cf. Robert Baden-Powell, *A Escola de Vida - Autobiografia de Baden-Powell*, 1ª ed. (Lisboa: Ésquilo, 2007), 8.

A verdade é que de nada serve adiar a felicidade para o futuro, o que há a fazer é ter sempre gosto pela vida. O homem prudente não conta apenas com um vago paraíso no futuro longínquo. Sabe que pode ter o seu céu aqui e agora neste mundo; e que quanto melhor for o céu que ele formar agora, tanto melhor se prepara para o futuro. E assim, a seu tempo, entrará no verdadeiro Céu que lhe está preparado - o céu da paz e descanso e de acção de graças.⁴⁹

É nesta certeza que podemos constatar que a felicidade está ao alcance de todos, embora cada um tenha de descobrir a forma como a encontrará. Neste acaso concreto, a felicidade do escuteiro está no amor a Deus e ao próximo, servindo sempre a comunidade, sem nada temer, e ainda cuidar da natureza.

Na sua última mensagem, Baden-Powell afirmou: «Mas o melhor meio para alcançar a felicidade é contribuir para a felicidade dos outros. Procurai deixar o mundo um pouco melhor do que o encontrastes».⁵⁰ Com este ideal, apercebemo-nos da necessidade de uma felicidade que se constrói em grupo, ou seja, não é algo individualista, mas que pretende que haja doação de si, em prol do outro.

No entanto, os jovens não podem ver nas dificuldades uma barreira para ficarem estanques, mas devem observar as vicissitudes como uma forma de autoconhecimento e projetar um futuro baseado nas suas capacidades.⁵¹ Visa, também, requintar as qualidades morais e físicas das crianças e adolescentes. Esta educação tem uma peculiar diferença, porque se aplica a cada jovem em concreto, de forma a que este por si só desenvolva o seu próprio crescimento, na prontidão, na responsabilidade e na defesa das várias situações adversas do dia-a-dia, bem como ter disponibilidade para servir sempre, a comunidade e o mundo onde habita. É um movimento de uma vasta acção.

Já expliquei vezes sem conta que o objetivo do Movimento dos Escuteiros e das Guias é moldar homens e mulheres para que tenham Saúde, Felicidade e Prestabilidade. O homem ou mulher que seja bem sucedido em desenvolver estes três atributos conseguirá garantir os principais pilares do sucesso desta Vida. Porém, ainda falta um outro item para completar o sucesso, que é prestar serviços a outros na comunidade. Sem isto, a mera satisfação do desejo egoísta não é suficiente para alcançar o topo.⁵²

⁴⁹ Robert Baden-Powell, *A Caminho do Triunfo*, trad. José Francisco dos Santos (Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 2018), 19.

⁵⁰ Robert Baden-Powell, «Última Mensagem do Chefe», em *Celebrações do CNE* (Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 1999), 194.

⁵¹ Cf. Albertino Rodrigues, «O Escutismo e a Transmissão da Fé» (Universidade Católica Portuguesa, 2013), 12.

⁵² Baden-Powell, *A Escola de Vida - Autobiografia de Baden-Powell*, 23.

Ora, é através deste método que cada escuteiro auferir uma certeza de realização pessoal, bem como a de que exerce um papel ativo na sociedade que o acolhe. É importante que cada jovem saiba que exerce um lugar de destaque na sociedade, quando, por vontade própria, afirma a diferença para a gradual e gratificante edificação da mesma. Neste intuito, Baden-Powell refere, no prefácio do livro *Escutismo para Rapazes*, que

um escuteiro genuíno é tido pelos outros rapazes e pelos adultos como sendo uma pessoa em quem se pode confiar, pessoa que não deixará de cumprir o seu dever, por muito arriscado e perigoso que isso seja, pessoa que se mostra alegre e bem-disposta, por maiores que sejam as dificuldades que se lhe depaerem.⁵³

É nesta certeza que encontramos a essência do jovem escuteiro. Ele será sempre um agente ativo na sua educação, tendo por exemplo os adultos, ou seja, os chefes. Ora, os dirigentes são para ele alguém que o impele a descobrir o bem e a querê-lo, mediante as exigências diárias.⁵⁴ Assim, cada jovem cresce e desenvolve-se num ambiente salutar, erigindo a pessoa que é, num triunfo diário, nas conquistas da vida.

Porque assim o é, o escutismo assume um papel importantíssimo na educação de cada jovem. Sendo escola de cidadania, molda-o na ação em comunidade, na prestação de serviços e na solidariedade para com os irmãos, não deixando nunca ninguém para trás. Ora, a boa relação de um escuteiro não fica apenas pela vertente humana, estende-se à natureza, sendo que é de profunda consciência a realidade ecológica. Na sua génese, o escuteiro tem a necessidade de cuidar da natureza ou seja, é um valor ético proteger a “casa onde vive”.⁵⁵

Constatamos, também, que o escutismo se assume como um movimento mergulhado na natureza, sendo que é no berço da terra que o escuteiro desenvolve o seu “jogo”, medra as capacidades de explorar o espaço, tendo em conta o cuidado do meio-ambiente. «É um jogo de jovens, sob a direção deles mesmos, em que os irmãos mais velhos podem oferecer aos mais novos um ambiente saudável e encorajá-los a praticar atividades saudáveis, que os ajudarão a desenvolver o civismo»⁵⁶. Ora é neste “jogo” que se centra a mística escutista. Este método permite aos mais novos desenvolverem capacidades, físicas e intelectuais, mediante uma proposta que lhe é feita.

⁵³ Robert Baden-Powell, *Escutismo para Rapazes*, 2ª ed. (Barcelos: Edições Flor de Lis, 1962), 12.

⁵⁴ Cf. Marcel Forestier, *Pela Educação à Liberdade. Um Caminho - O Escutismo*, trad. Branca Seixal (Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 1993), 11.

⁵⁵ Cf. João Miranda Teixeira, «Os Desafios da Nova Evangelização e o Escutismo», em *Celebrações do CNE* (Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 1999), 222.

⁵⁶ Robert Baden-Powell, *Auxiliar do Chefe Escuta*, trad. José Santos, 7ª ed. (Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 2018), 31.

O jogo, realizado a partir de um imaginário, não é algo leviano, mas adquire um enorme sentido libertador onde as regras existem apenas para poder regular a orientação de um jogo justo. É por isso que a Lei e Promessa constituem a fonte primordial e a maior expressão do Escutismo, no seu espírito pedagógico.⁵⁷

Deste modo, a mística da pedagogia escutista está fortemente ligada ao jogo e ao imaginário que abrem planos para que cada jovem conheça Deus e se relacione com Ele. Cabe também a cada jovem aderir a Deus, pela fé.

2.1. A Lei e a Promessa Escutista

Nesta mesma linha, é de referir que a *Lei* e a *Promessa* escutista assumem um papel fundamental na vida de cada jovem que pretende abraçar este movimento. Não são imposições, são apenas indicações para agir de forma correta, sem que cada um tenha, por sua iniciativa, ideais próprios, que quer seguir de forma autónoma. Instituídas pelo fundador, a lei e a promessa garantem ao escuteiro os princípios pelos quais deve pautar a sua vida. Neste sentido, pode dizer-se que a promessa faz parte do ritual de estrada no movimento, no qual cada jovem promete ser fiel a princípios básicos, que o movimento exige. Então, é pedido a cada escuteiro que defenda todos os dias da sua vida, os princípios que prometeu na *Promessa*, caso contrário, a sua presença no movimento é posta em causa. Lei e promessa são de carácter universal, ou seja, todo o movimento, em qualquer parte do mundo, tem a mesma promessa e a mesma lei. Isto permite que o escutismo tenha os mesmos princípios em todo o lado e possa cada escuteiro conviver com qualquer irmão escuta, porque defendem os mesmos ideias. Então, a lei não é uma imposição de normas, mas um conjunto de indicações que orientam o jovem para o bem comum e para o seu dever para com Deus e com a sociedade. «A lei do escuteiro contém as regras que se aplicam aos jovens escuteiros de todo o mundo, e que tu prometes cumprir quando és admitido como escuteiro».⁵⁸ Não é algo banal, mas uma promessa que se faz e que se jura cumprir sempre.

Na promessa, o jovem que deseja fielmente ingressar no escutismo promete, pela sua honra e com a graça de Deus, fazer todos os possíveis por: «cumprir os meus deveres para com Deus e com a Pátria; auxiliar os seus semelhantes em todas as circunstâncias; obedecer à lei do

⁵⁷ Cf. Rodrigues, «O Escutismo e a Transmissão da Fé», 24.

⁵⁸ Baden-Powell, *Escutismo para Rapazes*, 24.

Escuta»⁵⁹. Em apenas três pequenas frases, o escuteiro jura ser fiel a esses três princípios que nunca deve apagar da sua mente.

A lei é um pouco maior, é formada por dez máximas que cada jovem deve saber e cumprir fielmente. «O segredo da Lei escutista é pois o amor. Basta refletir um pouco nos dez artigos para ver que ela orienta atitudes e atividades para o bem dos outros. É dentro de uma moral de caridade que se desenvolve a nossa disciplina da honra e do serviço»⁶⁰. A lei escutista ensina o jovem a amar a Deus, o próximo e a natureza. É com base no amor que o escuteiro edifica as suas relações. No entanto, essas relações também obedecem a princípios da ordem moral, como sustento da comunhão, que se estabelece nas comunidades.

Baden-Powell, como homem crente, deixou-se sempre envolver pelo amor de Deus, sabendo que de Deus vem todo o conhecimento e se nos queremos conhecer, a nós próprios, temos de orientar o nosso olhar para o transcendente. Com isto, aconselha-se todos os escuteiros a olhar o Criador como resposta às maiores questões da vida. Ora, Deus não está apenas presente no conhecimento, mas também no serviço, na prestação de auxílio ao irmão que necessita. É neste apoio diário à comunidade feito por cada um que o sujeito descobre dentro de si o amor que se desenvolve, até ficar sólido. Nesse momento, podemos verificar que esse amor o faz feliz e o transporta alegremente, sem que se deixe ficar preso nas pequenas dificuldades da vida. O amor transforma a pedra em possibilidade de construir um caminho bem edificado. Isto transparecerá sempre na vida do indivíduo, que se diferenciará dos outros humanos. Quanto tudo isto acontece, a consciência repousa, porque sabe que tudo foi bem feito⁶¹. Embora existam alguns tipos de amor, o fundador explica que

por Amor, com maiúscula, não me refiro à paixão amorosa, etc. Refiro-me à manifestação dum espírito amável que se revela na prestação de serviços aos outros, na bondade e compaixão, e na manifestação de gratidão aos outros por serviços prestados. É a boa vontade. E a boa vontade é a vontade de Deus.⁶²

Ao acolher o que está certo, fazemos a vontade de Deus, que toma parte na ação do escuteiro. É aí que o jovem descobre a imagem de Deus inscrita no seu coração, visto que é neste caminho que Ele fala no coração humano.

Em cada ser humano existe o gérmen do Amor, o “pedacinho de Deus” como já alguém chamou à alma se a sua expressão for estimulada, invadirá todo o caráter do rapaz. A sua

⁵⁹ Baden-Powell, 16.

⁶⁰ Forestier, *Pela Educação à Liberdade. Um Caminho - O Escutismo*, 144.

⁶¹ Cf. Baden-Powell, *A Caminho do Triunfo*, 174.

⁶² Baden-Powell, 18.

tendência é de continuar a aumentar até invadir a totalidade do seu ser, e cada um dos seus atos, até lhe proporcionar, na realidade, a felicidade de descobrir o Céu aqui na Terra, e levar o seu ser ao plano da associação com Deus e com a Imortalidade. Meus irmãos, enquanto pudermos, façamos o que estiver ao nosso alcance.⁶³

Então, descobrir dentro de cada um o “pedacinho de Deus” permite ao sujeito encontrar a marca de Deus em si. Cada vez que isto acontece, o ser-humano tornar-se-á feliz, porque encontrou o verdadeiro tesouro. A partir daqui, todo o ser humano olha a sua vida como dom de Deus e trabalha para a edificação de uma cidadania com bases no transcendente. O próprio Baden-Powell descobriu a essência de Deus e viveu a partir dela, numa autêntica relação. Então, pode-se dizer que não existem impossíveis que não sejam alcançáveis.

Assim, o grande objetivo do escutismo é e sempre será formar jovens, com caráter e com um papel ativo na sociedade. Sujeitos íntegros em quem se possa confiar, sabendo que são leiais à promessa que fizeram. «O nosso objetivo de transformar os jovens em bons cidadãos é em parte para benefício do país, para que este possua um conjunto de cidadãos viris e merecedores de confiança, cuja delicadeza e sentido de lealdade o conservará unido internamente e em paz com os seus vizinhos externos».⁶⁴ Um bom escuteiro será sempre um bom cidadão e um filho de Deus.

3. O escutismo católico

Na origem, o escutismo é um movimento que não possui uma religião definida. No entanto, encontramos em Baden-Powell a certeza de que o jovem escuteiro, para além de acreditar, deveria viver segundo os valores de Deus. Essa relação deveria viver-se no serviço a Ele e ao próximo, na gratuidade dos gestos. Uma clara relação entre os valores humanos e os valores da fé. Baden-Powell não atribuiu nenhuma religião ao movimento que criou, no entanto não deixou de referir a necessidade de o escuteiro viver em relação com Deus.⁶⁵ Neste sentido, entendemos que o fundador pretendia que os jovens trilhassem o caminho cristão.

3.1 Escutismo religioso

Um escutismo autêntico e verdadeiro nunca pode ser concebido sem ter por base uma religião, ou seja, sem ter por base Deus criador, como autor de todo o cosmos e fim último de

⁶³ Baden-Powell, *A Escola de Vida - Autobiografia de Baden-Powell*, 20.

⁶⁴ Baden-Powell, *Auxiliar do Chefe Escuta*, 17.

⁶⁵ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, *Exortação Pastoral - O Escutismo, Escola de Educação* (Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1995), 7.

toda a natureza humana. A Comissão Internacional de Escutismo Católico indica, na *Carta Católica do Escutismo*, que «na intenção do seu fundador, B. P., o Escutismo é um método educativo orientado para o desenvolvimento da pessoa na sua totalidade. Este método inclui necessariamente a educação religiosa».⁶⁶ Então, o escutismo tem de ter por base a religião para que possa educar integralmente. Se o escutismo quer formar jovens completos, não pode prescindir da religião, porque todo o ser humano tem em si uma dimensão espiritual .

Neste sentido, o cristianismo viu no escutismo uma semelhança de ideais e projetou uma possibilidade de complementar a formação pedagógica. O movimento, apesar de ter uma forte educação completa, não tem definidos os valores da fé que cada humano deve conhecer, para bem viver.

Os valores do Escutismo carecem de uma iluminação da fé. O cristianismo é uma proposta de fidelidade a Deus e ao homem, promove a verdadeira fraternidade e liberdade responsável, educa para a convivência pacífica entre todos os homens, dá origem à vida comunitária, à partilha fraterna e ao serviço mútuo.⁶⁷

Alicerçados neste fundamento que é a fé, o jovem escuteiro tem a sua formação completa, visto que assume todos os parâmetros da vida, para construir o seu caminho bem edificado.

O Escutismo é um meio pelo qual um malandro dos piores não pode ser levado senão aos pensamentos mais elevados, aos elementos da fé em Deus; e, juntamente com a obrigação escutista de fazer diariamente uma Boa Acção, fornece a base dos deveres para com Deus e para com o próximo, sobre a qual os pais ou o director espiritual, mais facilmente, podem construir o edifício da fé. Tal é o segredo do Escutismo, tal é o espírito da nossa fraternidade.⁶⁸

Neste meio e por este modo pretende-se moldar jovens a ser completos e exemplares, com fé.

Assim sendo, o escutismo católico aparece inicialmente em França, antes de se espalhar pelo mundo. É o padre jesuíta Jaques Sevein que leva a cabo toda a missão de dar ao escutismo uma vertente católica, embora estabeleça algumas diferenças do escutismo de Baden-Powell. Com isto, em 1913, o sacerdote, num encontro com o fundador, em Inglaterra, decide formalizar a ideia inicial e é a partir desse ponto que começa toda a aventura. «O Escutismo Católico nasceu, procedido por uma experiência amadurecida em oração, reflexão, obediência e humildade»⁶⁹. Ora, é nesta linha que o Pe. Sevin quer dar ao escutismo a possibilidade de ser

⁶⁶ Conferência Internacional Católica do Escutismo, «Carta Católica do Escutismo», em *Celebrações do CNE* (Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 1999), 195.

⁶⁷ Teixeira, «Os Desafios da Nova Evangelização e o Escutismo», 222.

⁶⁸ Jacques Sevin, *O Escutismo*, trad. João Costa, 1ª ed. (Loures: Paulinas Editora, 2011), 31.

⁶⁹ Marie-Thérèse Toulouse, *O Padre Jacques Sevin. Fundador do Escutismo Católico*, trad. Manuel Losa (Braga: Apostolado da Oração, 2015), 11.

um lugar de evangelização, de anúncio da Boa Nova, no qual os jovens façam uma experiência de Deus, no meio fraternal do jogo, que vivem neste movimento. Ele afirma também que «toda a atividade, seja qual for, prepara-se na oração».⁷⁰ Nota-se então, a profunda ligação do sacerdote a Deus, fazendo da sua fé um dos alicerces que queria dar ao escutismo. Tal como o fundador, o padre jesuíta não concebe um escutismo sem um fundamento religioso e seria impensável para ele que cada escuteiro não tivesse Deus por base. «O escutismo é resposta ao chamamento ao louvor perpétuo a Deus; a finalidade do movimento é a salvação».⁷¹ Se assim é, o jovem escuteiro não planifica só a vida atual, como prepara o caminho para a vida celeste.

3.2. *Escutismo escola de fé?*

O escutismo não pretende que a formação moral seja distinta da formação religiosa, bem pelo contrário, pretende que estas se completem, para dar ao jovem uma formação única e completa. O jovem tem de ter presente a religião em que acredita, em todas as boas ações que realiza. É assim que o sujeito se edifica e molda a sua consciência, assente em bons valores humanos.⁷² Então, o escutismo católico não anula nenhum fundamento do movimento original, mas completa-o, dando-lhe ainda mais bases, para edificar o sujeito civil. «O método escutista, pela sua pedagogia comunitária, a sua educação pela ação, pelo exercício da responsabilidade, pelo compromisso da Promessa e pelo progresso pessoal, coincide com as preocupações educativas da Igreja».⁷³ Então, o método escutista dá à Igreja capacidade de reconhecer a boa formação de que os jovens são alvo, logo é apropriado que o catolicismo una os seus princípios aos do escutismo, para construírem uma sociedade juvenil repleta dos valores do Evangelho.

Neste intuito, o escutismo poder-se-ia definir como uma escola de fé, ou de transmissão de fé, na qual os jovens dão os primeiros passos na religião, juntamente com outras mediações educativas da comunidade cristã. Não sendo uma catequese, o escutismo insere os jovens na vida religiosa, propondo dinâmicas com um fundo religioso, para que as crianças ganhem conhecimento de que Deus está presente em todas as situações da vida. Na verdade, a dimensão espiritual

é enriquecida pela adesão ao Evangelho e pelo seguimento de Jesus Cristo, tornando-se apta para responder aos anseios mais profundos do coração dos jovens e potenciando o

⁷⁰ Toulouse, 22.

⁷¹ Sevin, *O Escutismo*, 9.

⁷² Cf. Sevin, 32.

⁷³ Conferência Internacional Católica do Escutismo, «Carta Católica do Escutismo», 195.

Escutismo católico para ser um instrumento privilegiado de proposta de fé e de evangelização dos mais novos.⁷⁴

A fé é a dimensão que o escutismo tem de manter viva sempre, para que o jovem tenha capacidade de desenvolver dentro de si uma vida alicerçada na fé em Deus. Esta fé completa-se pelas boas ações que o sujeito realiza no dia-a-dia. «A Igreja interessa-se pela educação que o Escutismo dá aos seus filhos, porque considera que a Fé não pode separar-se da vida».⁷⁵ Um escutismo autêntico garante o aprofundamento da vivência da fé, que cada escuteiro possui. O ser humano é um ser orientado para o transcendente, com uma consciência orientada para o divino. O humano não pode ser concebido apenas pela razão, tem de encontrar o seu fundamento na religião, que lhe dirá a origem da sua existência.

Deste modo, é precioso ter consciência de que o movimento escutista é uma escola, na qual «a educação dos seus membros deve ter prioridade sobre as necessidades de organização do Movimento Escutista e as estruturas devem, conseqüentemente, permitir o pleno desenvolvimento religioso de todos os rapazes»⁷⁶. Esta escola de formação integral acompanha cada jovem em concreto, para que cada um realize o seu plano de autoeducação.

Esta educação interage num plano comunitário, sendo que o jovem está inserido numa comunidade, na qual é sujeito de ação, com direitos e deveres. Sendo assim, o escuteiro deve viver a sua fé numa experiência pessoal e numa vivência comunitária. Então, o grupo onde o escuteiro está inserido forma uma comunidade espiritual, na qual cada um cresce na experiência comunitária da fé.

O Escutismo Católico tem consciência das dimensões comunitárias da Fé. Por isso, é normal que os Escuteiros e, conseqüentemente, os Escuteiros católicos possam formar, como tais, uma comunidade espiritual de jovens, animados e inspirados pela Igreja, tanto à escala local como no plano nacional.⁷⁷

No entanto, a fé é dinamizada em cada comunidade em concreto, sendo que cada associação de escuteiros, a nível nacional, define os mecanismos para dinamizar essa patente. Porém, cabe a cada comunidade, agrupamento, ajustar os dinamismos da fé à realidade dos seus jovens, sendo que cada agrupamento tem as suas características.

Assim, o Movimento Escutista de caráter católico assume um grande relevo na transmissão da fé cristã aos jovens de cada era, que formam a sociedade de então. O escutismo

⁷⁴ Conferência Episcopal Portuguesa, *Exortação Pastoral - O Escutismo, Escola de Educação*, 8.

⁷⁵ Conferência Internacional Católica do Escutismo, «Carta Católica do Escutismo», 195.

⁷⁶ Conferência Internacional Católica do Escutismo, 195.

⁷⁷ Conferência Internacional Católica do Escutismo, 195.

católico não vai contra os ideais do fundador, mas completa a educação integral dos jovens, que assumem ser dignos de fazer parte deste movimento.

4. O Corpo Nacional de Escutas (CNE)

Em Portugal, o escutismo católico surge inicialmente em Braga. É pelas mãos do Arcebispo Primaz D. Manuel Vieira de Matos e do Monsenhor Avelino Gonçalves que no ano de 1923 este movimento ganha forma no nosso país. Impressionados pela intervenção dos escuteiros de Roma, no Congresso Eucarístico Internacional, quiseram desde logo trazer o movimento para Portugal, para que a juventude revitalizasse o amor a Deus. Isto seria também uma forma de dar ao escutismo português a marca de Deus, fazendo com que o movimento não fosse ausente da vertente religiosa.⁷⁸ A partir daqui, há uma expansão por todo o país, com algumas dificuldades, visto que se atravessaram períodos difíceis na sociedade inerente.

Depois de muitas evoluções e renovações o escutismo católico em Portugal chega aos dias de hoje com força para continuar o grande trabalho que desenvolveu no meio juvenil, sendo sempre fiel aos princípios do Escutismo. «Presentemente, o Escutismo Católico está implantado em todo o território, constituindo o maior movimento juvenil nacional, com mais de um milhar de Agrupamentos paroquiais, colhendo apoio da Conferência Episcopal Portuguesa».⁷⁹ Deste modo, nota-se a importância que o escutismo desenvolveu a nível nacional na formação integral dos jovens e na transmissão da fé. Assim o comprova a *Exortação Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa - Escutismo, Escola de Formação*, ao afirmar o grande contributo do escutismo para os jovens portugueses. «O Escutismo mostra hoje grande vigor e dinamismo. Tem conhecido nos últimos anos uma expansão notável e prestado um contributo precioso à educação integral dos jovens».⁸⁰ Escrita à vários anos, poderia também descrever a realidade que hoje se constata.

Ora, o Corpo Nacional de Escutas (CNE) é uma instituição de jovens que tem a fé cristã por base. É destinada a rapazes e raparigas, que desde crianças entram para o movimento, para receber uma formação integral, desenvolvendo uma educação complementar que dá a cada jovem um conhecimento próprio das suas capacidades. «O Escutismo, como método de educação, vai de encontro a necessidades hoje sentidas, adapta-se à sensibilidade das novas

⁷⁸ Cf. João Vasco Reis, *Uma História de Factos*, 1ª (Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 2007), 81.

⁷⁹ Rodrigues, «O Escutismo e a Transmissão da Fé», 21.

⁸⁰ Conferência Episcopal Portuguesa, *Exortação Pastoral - O Escutismo, Escola de Educação*, 3.

gerações e apresenta uma pedagogia que mostra a sua eficácia pelos frutos alcançados».⁸¹ Com isto, não limita as crianças, mas potencia-as para conseguir atingir os seus objetivos. Assim o refere a *Carta do CNE – Escutismo Católico Português*, que este movimento é a base da educação integral dos jovens.

O Corpo Nacional de Escutas – CNE - é o Escutismo Católico Português, movimento de voluntariado e auto-educação de rapazes e raparigas, com o apoio de adultos. Os escuteiros do CNE querem viver integralmente o Escutismo, como estilo de vida proposto por Baden-Powell, seu fundador, em fraternidade e de forma criativa, à luz de Jesus Cristo e do Evangelho.⁸²

Este movimento não tem cariz político e não fecha as portas a ninguém que queira entrar. Os princípios e os métodos utilizados têm sempre por base o fundador do escutismo, Baden-Powell. As indicações do fundador serão sempre algo que todo o escuteiro deve ter em mente, pois é nessa fidelidade que consegue desenvolver o método escutista na sua vida.

Como instituição, o CNE pertence inteiramente à Igreja Católica, sendo que deve professar e ensinar a fé e a doutrina da Igreja Romana, devendo também transmitir aos jovens as verdades da fé e a Boa Nova do Evangelho.⁸³

Este movimento tem como finalidade os princípios oriundos do fundador, pois é de lá que surge toda a base do escutismo.

O CNE, integrado na Organização Mundial do Movimento Escutista, tem por finalidade a educação integral dos jovens, contribuindo para o seu desenvolvimento, ajudando-os a realizarem-se plenamente no que respeita às suas possibilidades físicas, intelectuais, sociais e espirituais, como pessoas, cristãos e cidadãos responsáveis e membros das comunidades onde se inserem.⁸⁴

Neste sentido, é importante referir que este movimento é de total interação com a natureza, como cuidador e como alguém que vive no meio dela. O escuteiro é também formado para respeitar o próximo, dando a sua vida em prol do outro e só depois cuida de si.

O CNE privilegia o contacto com a Natureza e promove o respeito do escuteiro por si próprio e pelos outros. A vida em pequenos grupos e o compromisso pessoal são elementos

⁸¹ Conferência Episcopal Portuguesa, 3.

⁸² Corpo Nacional de Escutas, «Carta do CNE - Escutismo Católico Português», em *Celebrações do CNE* (Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 1999), 196.

⁸³ Cf. Corpo Nacional de Escutas, 196.

⁸⁴ Reis, *Uma História de Factos*, 19.

fundamentais do método escutista que se desenvolve na acção, na responsabilidade de cada um e no serviço aos outros, começando em casa.⁸⁵

Ora, é neste compromisso diário que cada escuteiro deve viver, sendo responsável pelas suas acções, tendo sempre presente a aprendizagem que desenvolveu. Não deve ser contra os princípios estabelecidos e deve sempre primar pelo bem da comunidade e pelos deveres para com Deus.

É seguindo as pisadas do fundador que o escutismo deve aderir à fé, à mensagem revelada, para transmitir a cada jovem uma educação cada vez mais completa e fundamentada nos verdadeiros princípios do movimento. «O Escutismo contém uma proposta de educação integral; a relação da pessoa consigo própria, corpo e espírito; a relação da pessoa com o meio ambiente; finalmente, a relação com os outros e com Deus».⁸⁶ É essa educação integral que dará ao jovem escuteiro a capacidade de se desenvolver, procurar um equilíbrio e uma harmonia, dentro das suas dimensões enquanto pessoa humana. Esse equilíbrio estará presente nas relações que ele próprio estabelece, seja consigo próprio, seja com o meio que o envolve, seja com os outros, ou com a comunidade que o acolhe e ainda com Deus. Estes parâmetros têm de ser vistos pelo jovem como fontes de estabilidade, para que ele se possa desenvolver-se sem impedimentos e com total liberdade para aprender a viver da melhor forma.

Em Portugal, o escutismo tem sido também uma «escola de cidadania, pela educação para a participação, para o serviço e para a solidariedade, na correta articulação entre a liberdade e responsabilidade do indivíduo e do grupo que constitui uma experiência primária na prática escutista».⁸⁷ O indivíduo tem de sentir-se livre, para poder desenvolver-se, logo o escutismo como escola na qual o jovem por si só se desenvolve tem de dar ao sujeito liberdade, para que este se desenvolva de forma responsável, na experiência escutista.

O escutismo, com um plano pedagógico bem estruturado e com a ajuda religiosa, forma um conjunto de muita qualidade no âmbito da formação. Nenhum jovem que passe por este movimento dirá que lhe foram incutidos falsos valores ou ideais erróneos. O CNE tem «referência ética constante a um quadro de valores e a abertura espiritual e religiosa que lhe são próprias e conferem, também, à sua acção educativa um alcance inquestionável nas actuais circunstâncias».⁸⁸ Como escola de educação, o CNE tem sido uma mais valia para todos os jovens que aderem ao movimento.

⁸⁵ Corpo Nacional de Escutas, «Carta do CNE - Escutismo Católico Português», 196.

⁸⁶ Teixeira, «Os Desafios da Nova Evangelização e o Escutismo», 222.

⁸⁷ Conferência Episcopal Portuguesa, *Exortação Pastoral - O Escutismo, Escola de Educação*, 6-7.

⁸⁸ Conferência Episcopal Portuguesa, 7.

O Método Escutista praticado pelo CNE é o mesmo criado por Baden-Powell, embora ajustado e atualizado, sendo que obedece às demarcações propostas pela Organização Mundial do Movimento Escutista. Este método é sempre ajustado a cada faixa etária, ou seja, a cada secção.

O Método Escutista é um sistema de auto-educação progressiva, que tem por base a Promessa e a Lei, a educação pela acção, a vida em pequenos grupos (Bando, Patrulha, Equipa), com o auxílio e o conselho dos seus dirigentes, a descoberta e a aceitação progressiva de responsabilidade pelos jovens e uma preparação para a autonomia com vista ao desenvolvimento do carácter, à aquisição de competências, à confiança em si, ao serviço dos outros e à capacidade quer de cooperar, quer de dirigir; programas de actividades variados, progressivos e atractivos, baseados nos interesses dos participantes, incluindo jogos, técnicas úteis e a realização de serviços à comunidade.⁸⁹

Com este método, o escutismo dá a cada jovem a capacidade de desenvolver por si só conhecimentos que o fazem progredir de forma audaz na vida, para além do movimento. O jovem adquire aqui uma história que o acompanhará para o resto da vida, levando uma bagagem cheia de aprendizagem, que em nenhuma outra instituição conseguiria obter.

Outros dos fundamentos do escutismo são a *Lei* e a *Promessa*, como foi destacado anteriormente. Neste sentido, o CNE segue integralmente esses dois fundamentos, visto que, sem eles, não seria possível seguir o escutismo idealizado pelo fundador. Foram, são e serão sempre as bases do escutismo, mesmo que exista a religião, a Lei e a Promessa não podem ser retiradas do movimento.

4.1. A metodologia pedagógica

A organização pedagógica deste movimento é feita por idades, ou seja, por secções, para que cada faixa etária esteja reunida dentro das suas capacidades. Este sistema pedagógico designa-se por sistema de progresso ou sistema de patrulhas. É assim que o plano pedagógico é posto em prática por cada agrupamento. Esta divisão por secções começa nos lobitos, depois os exploradores, depois os pioneiros e por último os caminheiros. Os chefes não fazem parte desta divisão, porque exercem a sua função como formadores e já passaram pelas etapas de formação referidas.

⁸⁹ Reis, *Uma História de Factos*, 21.

A I Secção, os Lobitos, é a secção mais jovem do movimento, com idades entre os 6 e os 10 anos de idade. Nesta fase, o importante é a brincadeira e os mais variados jogos, para que cada um se mantenha ativo e vá despertando dentro de si o espírito escutista.⁹⁰

Na II Secção, os Exploradores, com idades entre os 10 e 14 anos, estão na idade da descoberta, desenvolvendo o espírito aventureiro. «O escutismo propõe-lhes a “Aventura”, verdadeiramente decidida em comum e vivida por todos em que a pessoa de um herói é ao mesmo tempo um desafio e o cimento necessário à coesão do grupo».⁹¹ Descubrem a realidade.

Na III Secção, os Pioneiros, na idade dos desafios, entre os 14 e 18 anos, gostam de demarcar-se. Começam a desenvolver aptidões para quererem afirmar-se no meio da comunidade, destacando a sua própria personalidade. Estão também na altura das descobertas, nomeadamente do outro, diferente de si. É uma secção de muitos progressos e de muitos achados, na qual se desenvolve, acima de tudo, a responsabilidade.⁹²

A IV Secção é formada pelos Caminheiros, com idades entre os 18 e os 22. Estão no tempo de começar as grandes decisões da vida. É nesta idade que os jovens começam a ganhar consciência de que o mundo precisa deles e eles, embora com medo, tem de avançar, de dar uma resposta positiva às necessidades que surgem. «Através da autonomia progressiva em relação ao grupo, da aceitação de responsabilidades para com os outros, o Escutismo propõe-lhes uma verdadeira “partida” para uma vida construtiva e livre na sociedade dos Homens».⁹³ Depois de tudo o que aprenderam, chegou a vez de eles ensinarem ao mundo, ou no papel de chefes, ou como cidadãos, tudo o que de outros receberam, fazendo do ciclo da vida uma inversão de papéis que leva à transmissão contínua de todos os bons valores humanos. Neste progressivo crescimento, todo o escuteiro terá a capacidade necessária para ser formador dos mais jovens, dentro das suas capacidades.

4.2. A fé na pedagogia escutista

A animação da fé é uma realidade fundamental no CNE. Este tem por base o escutismo católico mundial, mas assumindo a fé e os valores da Igreja Católica. Deste modo, a dimensão da fé faz do escutismo uma instituição, na qual se transmitem os valores do Evangelho, a

⁹⁰ Cf. Reis, 22.

⁹¹ Reis, 22.

⁹² Cf. Reis, 23. Cf.

⁹³ Reis, 23.

doutrina da Igreja e os valores fundamentais do catolicismo. Isto permite dar aos jovens uma formação humana e cristã, numa essencial comunhão com a Igreja.

A educação da fé deve ser procurada e operada intencionalmente, de modo sistemático e de acordo com a metodologia de cada Secção e nesta integrada, tendendo a criar um espírito de vida cristã adulta, empenhada, responsável e participante; tem como conteúdos a transmitir a formação bíblica, litúrgica, moral e a doutrina social da Igreja e, como princípios orientadores, os documentos conciliares, pontifícios e da Conferência Episcopal Portuguesa, nomeadamente sobre o apostolado dos Leigos e sobre o Escutismo.⁹⁴

Ora, como acima referido, a animação da fé é adaptativa a cada secção, para que cada uma entenda Deus mediante as capacidades que possui. Aos mais pequenos não se podem exigir grandes reflexões, mas apenas ideias básicas que os liguem a Deus. Já aos mais crescidos é exigida uma experiência religiosa desenvolvida, na qual se poderá descobrir a vocação a que cada um é chamado e se descobrem os modos de como e onde podem levar a mensagem do evangelho. É também esperado um contacto acrescido com a oração, tal como Jesus, para fortalecer os laços com o Pai, para que nela encontrem respostas para as dificuldades do dia a dia, e acima de tudo, conheçam Deus, que se revela.

4.3. A inserção na comunidade

Como já referido acima, o CNE faz-se representar nas paróquias por agrupamentos. Ora, a ação do agrupamento realiza-se em ambiente eclesial, tendo em vista o envolvimento com a comunidade. Embora seja constituído por jovens, o foco da ação escutista chega mais longe, quer pelas famílias dos escuteiros, quer pelas pessoas que participam nas atividades escutistas. Isto permite desenvolver um plano conjunto, entre a pastoral paroquial ou diocesana, com a proposta na fé, para o ano escutista. As orientações pastorais devem servir de mote para as atividades pensadas, no que toca à animação da fé. Revela-se importante que os jovens escuteiros estejam por dentro das propostas da Igreja, para que eles as vivam, quer nas atividades, quer no dia a dia. Também é importante que o agrupamento possa ter voz no planeamento pastoral das comunidades, visto que neles está grande parte da pastoral juvenil.⁹⁵

Assim, vemos que o contexto comunitário é o campo no qual todos os escuteiros agem e desenvolvem as suas capacidades. Isto acontece, não só em serviço de voluntariado, no apoio

⁹⁴ Reis, 21.

⁹⁵ Cf. Pedro Duarte Silva, «A inserção eclesial do CNE», em *Escutismo e Desenvolvimento Espiritual* (Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 2008), 65.

às necessidades manifestadas, mas também numa participação ativa nas ações litúrgicas. Nas comunidades cristãs o escutismo é um grande foco de evangelização e um ótimo instrumento da pastoral juvenil.

CAPÍTULO II – A PEDAGOGIA DA FÉ E O ESCUTISMO

No presente capítulo, pretendemos mergulhar na centralidade da pedagogia da fé. Ao partir de uma definição, queremos que esta seja o mote de todo o capítulo, ou seja, a base na qual será desenvolvida a pesquisa. Tal como referido anteriormente, a fé é central na vida de um cristão, logo pretendemos analisar o método pedagógico que o escutismo utiliza para transmitir a fé aos jovens, bem como os agentes da transmissão. É de salientar que, como o nosso objetivo é analisar a pedagogia que o CNE utiliza, no âmbito da fé, todas as referências ao escutismo pressupõem o escutismo católico, em Portugal.

1. A pedagogia da fé

Intrinsecamente ligada à pedagogia da fé, está a pedagogia de Deus, sendo esta a fonte e modelo de toda e qualquer ação, na transmissão da doação divina. Ora, partindo desta ideia formulada, poder-se-á dizer que a pedagogia de Deus origina a pedagogia da fé, que é uma disciplina do agir humano, e é parte integrante da identidade cristã. Esta metodologia de ação humana, na transmissão do dado revelado por Deus, é o método como o humano transmite a gratuidade do dom divino. Deus desce ao encontro do ser humano, para dar-se integralmente a conhecer, em ato de amor. Logo, a resposta humana não é senão um abrir-se livremente à doação de Deus, em ato de crer/acreditar no que recebe. A partir daqui, o homem transmite ao seu semelhante o que recebeu, de forma autêntica, não porque transmite a experiência pessoal do que vive, a partir desse dado, mas porque transmite a mensagem tal como a acolhe de Deus. Na verdade, São João Paulo II afirmou na Exortação Apostólica, *CATECHESI TRADENDAE*, que «ao longo de toda a história sagrada, sobretudo no Evangelho, o próprio Deus serviu-se de uma pedagogia que deve continuar a ser modelo para a pedagogia da fé» (CT, 58). Assim se concebe a pedagogia da fé embebida na metodologia divina, para que professe a mesma autenticidade e verdade. Logo, a forma de agir de Deus é semelhante ao método de agir humano na revelação e transmissão da Palavra.⁹⁶

Efetivamente, a ação de Deus na história humana é contínua e constante, desde a criação do mundo, até ao presente dia. O Criador faz caminho e está sempre com o humano, não porque o ser humano suba até Ele, mas porque Deus, em total dádiva de bondade, desce até ao concreto de cada ser. Ora, esta maneira de Deus agir é designada por pedagogia divina.⁹⁷ Deste modo,

⁹⁶ Cf. J. C. Carvajal Blanco, «La pedagogia de Dios en la historia de la salvación», em *La Pedagogía de la Fe*, ed. Manuel del Campo Guilarte (Madrid: Publicaciones San Dámaso, 2009), 22.

⁹⁷ Cf. Javier Ramírez, *La Pedagogia de Dios*, 3ª ed., vol. 2 (México: San Pablo, 2009), 15.

compreende-se que a revelação de Deus aconteça de forma paralela, porque Ele coloca-se ao mesmo nível do humano. Nesta certeza, o encontro entre as duas naturezas é pessoal e vital, repleto de doação e receção. Para a receber, o ser humano necessita não só da consciência, que o direciona para Deus, mas também de colocar-se integralmente inteiro, aberto e recetivo para receber a grandeza da doação divina. Ao orientar-se para a transcendência, o ser aceita o toque profundo e intenso do Absoluto, enchendo a própria existência da identidade divina. É assim a forma de proceder de Deus em toda a tradição bíblica, porque apesar de invisível aos olhos humanos, Ele sempre esteve presente na instrução do povo.⁹⁸

1.1. A ação pedagógica de Deus

Entende-se que a pedagogia de Deus seja o método como Ele instrói o povo no seu conhecimento e manifesta a sua libertação à humanidade.⁹⁹ Na verdade, «a salvação da pessoa, que é o fim da Revelação, manifesta-se como fruto de uma original e eficaz pedagogia de Deus».¹⁰⁰ A pedagogia divina, numa primeira instância, demarca-se com um estilo de educar próprio de Deus, que fecunda todas as ações educativas derivadas dela. Dela nascem metodologias concretas usadas para transmitir o conteúdo da fé, entre a humanidade. «A contribuição da pedagogia de Deus para a educação e para as Ciências da Educação é sempre muito importante»,¹⁰¹ porque é autêntica e verdadeira, para a estruturação do ser humano em todas as suas dimensões. Esta realidade não é algo de novo, tal como o demonstra a Sagrada Escritura e a tradição da Igreja. «A escritura mostra a pedagogia de Deus no desdobramento da Revelação que prepara sabiamente a plenitude dos tempos».¹⁰² Por conseguinte, os agentes e os métodos vão-se atualizando conforme a cultura, mas a mensagem a transmitir é sempre a mesma. Deus nunca deixa de instruir o povo em cada época. Logo, os crentes, que já receberam a doação divina, são meio de transmissão do dado revelado. A pedagogia da fé não é senão um comunicar integralmente a revelação de Deus. Nela deve ver-se presente o modelo pedagógico de Deus, que sempre foi agente de revelação em toda a Sagrada Escritura, tal como foi referido anteriormente. Então, contempla-se o modo admirável de proceder de Deus com o ser humano,

⁹⁸ Cf. Isabel Posada, «La originalidad de la pedagogía de la fe», *Revista Teológica Xaveriana*, n. 95 (1990): 139.

⁹⁹ Cf. Ramírez, *La Pedagogía de Dios*, 2:15.

¹⁰⁰ Xavier Morell, «Pedagogía de Dios», em *Nuevo Diccionario de Catequética* (Madrid: San Pablo, 1999), 1784.

¹⁰¹ Jaime Pujol; Francisco Domingo; Anastasio Gil e Mateo Blanco, *Introducción a la Pedagogía de la fe* (Pamplona: EUNSA, 2001), 48.

¹⁰² Morell, «Pedagogía de Dios», 1785.

que é a total doação em ato de amor, mesmo sem correspondência. Verdadeiramente Deus é um pedagogo autêntico, na gratuidade do ensino e na doação total de si.

Esta pedagogia de Deus, o estilo de educar que Deus tem, será sempre ponto de referência e objeto de um maior conhecimento para qualquer tipo de educação, não só na educação da fé. É um modo de ensinar e de “formar o homem a partir de dentro”, centrada na grandeza de ser imagem e semelhança de Deus.¹⁰³

Deus dá ao humano tudo o que é necessário para que ele construa a sua identidade pautada de valores divinos. A constituição do ser inicia-se a partir do interior, sendo que é dentro de si que está toda a centralidade do dado revelado. Desta forma, percebemos que a pedagogia divina vai dando sinais de que Deus se revela de forma gradual. Ora, porque o humano também é agente na pedagogia, há necessidade de constantes ajustes, na metodologia usada para transmitir a fé. Se não há autenticidade e verdade no conteúdo, tudo o que é feito não serve de nada. Mesmo usando linguagem humana, ninguém tem legitimidade para alterar a mensagem contida na Revelação.¹⁰⁴ A pedagogia da fé tem origem e bebe da pedagogia de Deus, porque é modelo autêntico para uma pedagogia que se realiza a partir do transcendente.¹⁰⁵ Não é uma ação para transmitir conhecimentos humanos, mas para dar a conhecer o Deus Uno e Trino. Os sujeitos desta ação são apenas mediadores que devem manter o conteúdo inalterável, tal como o receberam.

Transformado pela doação de Deus, o humano caminha no tempo para contemplar que a tradição que lhe deu origem está marcada com o sinal da morte e ressurreição de Cristo, num ato de amor total. Jesus é o *sits in lebem* de toda a revelação. Deus faz-se Homem, para que a doação total do seu amor salve o ser humano. Por Ele o humano vai mergulhando no conhecimento do transcendente, abrindo-se cada vez mais ao encontro total com o Altíssimo. Ora, o próprio Deus, ao longo de toda a história sagrada e principalmente no evangelho, fez uso da pedagogia que deve continuar a ser o modelo da pedagogia da fé.¹⁰⁶

1.2. Jesus, o verdadeiro pedagogo

Em Jesus Cristo, que é a figura central de toda a revelação, a pedagogia de Deus revela-se próxima e viva, em ações e palavras. Jesus é a Palavra encarnada, descendo à humanidade tornou-se mediador e plenitude de tudo o que foi e é revelado. Pela sua forma de proceder, Jesus

¹⁰³ Jaime Pujol; Francisco Domingo; Anastasio Gil e Mateo Blanco, *Introducción a la Pedagogía de la fe*, 48.

¹⁰⁴ Cf. Morell, «Pedagogía de Dios», 1785.

¹⁰⁵ Cf. Blanco, «La pedagogia de Dios en la historia de la salvación», 15.

¹⁰⁶ Cf. Posada, «La originalidad de la pedagogía de la fe», 140.

é a autêntica referência de toda a pedagogia cristã. Então, poder-se-á dizer que Jesus é o pedagogo, que conduz o ser humano à fé. Jesus é o agente e a mensagem, porque por Ele, Deus realiza a plenitude de toda a Revelação, no encontro pessoal com o seu povo. Esta ação tem dupla face, ora porque Jesus dá-se integralmente a conhecer, ora porque há receção ativa e total por parte do discípulo. Logo, aos que faziam caminho com o Mestre, enquanto discípulos, foi-lhes possível aprender e compreender os mistério do Reino. Com isto, Cristo incita o recetor da mensagem, primeiramente a compreendê-la e a vivê-la, para depois a levar aos outros como anunciador do que recebeu.¹⁰⁷ A fonte de inspiração de toda a ação da Igreja centra-se em Jesus, como modelo para a comunicação e anúncio da fé, a toda a humanidade. «O propósito de recorrer à pedagogia de Deus não é esvaziar a nossa responsabilidade humana, mas sustentá-la e indicar-lhe os fins últimos e as razões sobrenaturais para agir».¹⁰⁸ Neste sentido, o modo de viver e de pôr em prática a pedagogia da fé é em contacto e profunda relação com Cristo, que é o sustento de toda a ação da Igreja.¹⁰⁹ Este modo de viver e sustentar uma plena relação com o Mestre é garantia de uma coerência de vida, que permite a quem a sustenta ser exemplo verdadeiro para outros. O próprio Jesus sempre assumiu uma inteira coerência entre o que vivia e o que ensinava, porque Ele mesmo vivia o que era e o que anunciava. Assim, toda a figura de Jesus é exemplo a seguir, sendo que o testemunho também se dá visivelmente. Ao tornar-se modelo coerente, atrai a si as intenções e buscas de sentido, por parte da humanidade.¹¹⁰ Segui-lo torna-se uma oportunidade de aprendizagem e de aprofundamento na relação com Ele. Ao receber o dado revelado, o ser humano deve compreendê-lo, vivê-lo e levá-lo aos outros, garantindo a continuidade da ação pedagógica da Igreja. Esta tarefa nunca estará concluída enquanto a humanidade existir.

1.3. A ação pedagógica humana

Constatamos que toda a ação pedagógica se inicia a partir de Deus, sendo que é d'Ele que vem todo o conteúdo revelado. Com isto, os agentes da missão não transmitem conhecimentos de origem mundana, mas levam ao outro o que de bom receberam, por doação de Deus. Sendo verdade, «na pedagogia da fé, não se trata simplesmente de transmitir um saber humano, por mais elevado que se considere; trata-se de comunicar na sua integridade a

¹⁰⁷ Cf. Morell, «Pedagogía de Dios», 1785.

¹⁰⁸ Morell, 1787.

¹⁰⁹ Cf. Blanco, «La pedagogia de Dios en la historia de la salvación», 39.

¹¹⁰ Cf. Morell, «Pedagogía de Dios», 1786.

Revelação de Deus» (CT, 58). A ninguém é dado que, por sua própria vontade, altere e transforme a essência da mensagem. Ao educador, agente pedagógico na transmissão da fé, é apenas permitido que use a sua metodologia para melhor transmitir o conteúdo central da fé. Nesta certeza, afirmamos que o educador «é quem sabe e quem transmite todo o saber aos educandos, os quais têm que o aprender e assimilá-lo».¹¹¹ Neste sentido, o recetor, para que possa receber o que lhe é dado, nas mais variadas formas, tem de estar em plena sintonia com o locutor. Ou seja, na transmissão da fé, se a sujeito não estiver plenamente consciente e centrado na pessoa que lhe transmite o conhecimento, nunca o conseguirá receber. O sujeito que está a ser alvo de um processo de aprendizagem tem de manter-se consciente «em apropriar-se do saber tal como é definido, organizado e apresentado por parte do educador».¹¹² Deste modo, o educando começa a fazer um caminho interior para desenvolver duas aptidões: a primeira é a de que, tal como recebeu a mensagem de outros, também ele deve ser agente de transmissão, agora que possui o dado revelado; a segunda centra-se numa reflexão pessoal a partir do que aprendeu, sabendo que esse conhecimento moldará a sua vida. Na verdade,

há, por um lado, a transmissão de conhecimentos estáveis e, por outro, o desenvolvimento de uma aptidão para trabalhar com essas informações e com a prática desses métodos, enfim, para elaborar metodicamente conhecimentos posteriores. [...] O aprendiz é considerado o agente de sua própria formação.¹¹³

A partir desta transformação interior, que nunca deve deixar o sujeito igual, compreendemos que toda a ação pedagógica é fundamental para a constituição humana. Se isto acontece a partir da pedagogia humana, significa que o humano aprendeu de Deus a comunicar-se ao outro e a viver segundo o que professa. Jesus, o pedagogo por excelência, não só ensina o que Ele é, mas vive integralmente tudo aquilo que ensina. Se Jesus é realmente imagem e modelo a seguir, devemos ter noção de que em toda a nossa vida vivemos em constante aprendizagem. Não se pode restringir a pedagogia da fé à catequese, às celebrações comunitárias ou mesmo ao que aprendemos nos movimentos da Igreja. A relação com Cristo é diária e constante, logo toda a vida é uma aprendizagem, se for vivida em relação com o Mestre.

A pedagogia da fé, como a cima referimos, tem origem no modo de agir de Deus, sendo esta o método de o humano crer e dar a conhecer ao outro o transcendente. Esta metodologia humana é também fruto da própria mensagem que transmite, porque os métodos que o humano

¹¹¹ Morell, 1788.

¹¹² Morell, 1788.

¹¹³ Morell, 1789.

usa para transmitir a revelação de Deus, surgem da ação pedagógica que a Palavra tem no seu coração. O agir humano é moldado pelo transcendente, quando ele se abre e deixa que Deus opere nele.¹¹⁴ Neste sentido, não podemos dizer que a pedagoga da fé esteja restrita a métodos ou a fórmulas concisas. Certamente a doutrina cristã é uma parte importante da ação pedagógica para todos os fiéis, sendo que é a porta para entrar no conhecimento da mensagem divina. Porém, é na família e na comunidade que o sujeito vai experienciar a vivência cristã da doação que recebeu de Deus. O homem é um ser em relação, logo vive a fé na e com comunidade. Apesar da fé ter um carisma pessoal, não deixa também de ter um comunitário. As relações comunitárias fortalecem e vivificam a fé, porque ajudam cada crente a fazer o seu caminho pessoal, num todo que é a Igreja.¹¹⁵ Partindo da relação com Cristo e com a comunidade, o homem aprofunda e cresce na fé. Poder-se-ia dizer que a pedagogia de Deus é fonte de amor, de fraternidade e de caridade.

2. A pedagogia da fé na formação escutista

A ação pedagógica escutista é totalmente centrada no desenvolvimento integral de crianças e jovens. Esse crescimento individual de cada formando realiza-se sempre num todo, para que desenvolva todas as dimensões que possui. «Estas são as dimensões da personalidade a ter em conta: o desenvolvimento físico, o desenvolvimento afectivo, o desenvolvimento do carácter, o desenvolvimento espiritual, o desenvolvimento intelectual e o desenvolvimento social».¹¹⁶ Nesse sentido, a partir destas seis áreas de progresso pessoal, a criança vai-se desenvolvendo num todo igual, sem que tenha insuficiências numa dessas dimensões. Com isto, potencia-se que a criança, em cada atividade escutista, desenvolva todas as capacidades que possui. Logo, realizam-se atividades de campo que contemplem todas estas dimensões. Por isso, ao ganhar segurança em si mesma, a criança vai-se envolvendo integralmente em cada atividade, retirando dessa experiência um maior proveito. Quanto mais segura a criança estiver, mais confiança ganhará em si e no ambiente em que vive.¹¹⁷

¹¹⁴ Cf. Jaime Pujol; Francisco Domingo; Anastasio Gil e Mateo Blanco, *Introducción a la Pedagogía de la fe*, 47.

¹¹⁵ Cf. Ramírez, *La Pedagogía de Dios*, 2:25.

¹¹⁶ Corpo Nacional de Escutas, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente* (Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 2011), 4.

¹¹⁷ Cf. Corpo Nacional de Escutas, 4.

2.1. A dimensão espiritual, no projeto educativo do CNE

Uma das áreas expressas no programa educativo escutista é a espiritual. Se na constituição humana uma das suas dimensões é a espiritual, o escutismo nunca poderia deixar de fora esta dimensão. Tal como referimos no primeiro capítulo, Baden-Powell sempre pensou um escutismo ligado à religião, tendo Deus por base de toda a vida. Se assim é, o escutismo, na sua vertente católica, não poderia deixar de lado esta necessidade ontológica do ser humano. A pedagogia da fé tinha necessariamente de fazer parte da mística e simbologia deste movimento. A vivência espiritual vai garantido que todos os membros sejam profetizados na fé católica. Assim, todas as crianças que fazem parte do movimento escutista vivem e recebem uma educação cristã.¹¹⁸ Deste modo, percebemos que o escutismo segue as diretrizes indicadas pela Igreja, tal como apontou São João Paulo II na Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *CHRISTIFIDELES LAICI*: «Toda a agregação de fiéis leigos deve ser lugar de anúncio e de proposta da fé e de educação na mesma, no respeito pelo seu conteúdo integral» (*ChL, 112*). Conscientes desta necessidade, todo o programa escutista é centrado na vivência e na educação da fé católica. Nesta certeza de que o escutismo fica mais enriquecido com a dimensão espiritual, a Conferência Episcopal Portuguesa referiu na Exortação Pastoral, *O Escutismo, Escola de Educação*, dirigido ao Corpo Nacional de Escutas, que «a fé ilumina o projecto educativo de Baden-Powell e oferece-lhe uma consistência mais sólida, identificando e enformando a dimensão espiritual que lhe é implícita».¹¹⁹ Imbuído por esta certeza, o escutismo vive atualmente integrado na Igreja, com uma presença pastoral muito forte. Nele crescem jovens maturados na fé católica, com uma presença ativa na sociedade contemporânea.

Olhando para este horizonte, percebemos que, desde os primeiros tempos, o escutismo católico viveu irrigado pela fidelidade ao evangelho. Nele a Igreja confia uma educação ativa de todas as crianças. Neste movimento vive-se uma autêntica pedagogia da fé, adaptada a cada idade, com a certeza de que ninguém é excluído. A aventura da fé é uma experiência vital que cada jovem é convidado a fazer, para que a partir dela cresça na relação pessoal com Jesus. Podemos dizer que muitas crianças têm o primeiro contacto religioso nas atividades escutistas. O escutismo dá a oportunidade a todos os jovens de viverem e professarem a sua fé desde tenra idade. Com isto, todos os que neste movimento fazem caminho recebem valores fundamentais da existência humana, proporcionando uma vida fundamentada em princípios vitais.

¹¹⁸ Cf. Javier Galdona, «Pedagogía de fe: evangelización en el Movimiento Scout», *Ficha Pastoral nº 1* (2014): 6.

¹¹⁹ Conferência Episcopal Portuguesa, *Exortação Pastoral - O Escutismo, Escola de Educação*, 8.

2.2. A ação pastoral escutista

A pastoral escutista centra-se numa pedagogia da fé adaptada a cada idade e ajustada a cada criança. Sabendo que cada um é diferente do seu semelhante, os educadores escutistas, na relação pessoal com as crianças, vão dando uma ajuda específica, para que o desenvolvimento pessoal não fique afetado. Na verdade, a ação pedagógica escutista ganha um sentido religioso, porque centra as suas colunas basilares no evangelho.

De facto, esta é enriquecida pela adesão ao Evangelho e pelo seguimento de Jesus Cristo, tornando-se apta para responder aos anseios mais profundos do coração dos jovens e potenciando o Escutismo católico para ser um instrumento privilegiado de proposta de fé e de evangelização dos mais novos.¹²⁰

Certamente, a ação educativa escutista é uma verdadeira transmissão dos valores do Evangelho. Não sendo uma ação catequética, porque não substitui a catequese paroquial, apenas complementa e ajuda os jovens a viver a fé, em atividades de campo e em momentos de oração comunitária. Aqui não se pretende que a criança aprenda as verdades sistemáticas da fé, mas, a partir da natureza e das relações pessoais, consiga descobrir e aprofundar a sua fé pessoal com Jesus.¹²¹ Por isso, se denomina a educação escutista como não formal. Não se pretende que seja atabalhoada, mas que, a partir da simplicidade de conteúdos e de indicações, os educandos sejam capazes de integrar-se na vivência do evangelho. É daqui que as crianças ganham uma educação para a vida, enraizada nos valores cristãos. É na flexibilidade pedagógica que as crianças aprendem a ser e viver como Jesus. Na verdade, o método educativo oferecido a cada criança permite-lhe mergulhar na fé, para que cresça e viva fundada nos valores cristãos. De facto, a fé é a luz que solidifica os valores fundantes do escutismo.¹²² É na Igreja Católica que o escutismo procura dar às crianças uma profunda e verdadeira experiência na fé. É a partir do trilho escutista que os jovens iniciam o caminho na Igreja, perlongando-o a toda a vida. Para os jovens escuteiros, as atividades são o mote para uma vivência de fé autêntica. Pelo serviço, pela oração, pelas atividades na natureza e pela vivência comunitária, os escutas vão encontrando reminiscências de Deus, pela qual alimentam a sua fé.

Do mesmo modo, por exemplo, a “Promessa” escutista e o cumprimento da “Lei” afirmam-se como possibilidades de ensaiar a adesão ao Deus da aliança e ao compromisso ético

¹²⁰ Conferência Episcopal Portuguesa, 8.

¹²¹ Cf. Galdona, «Pedagogía de fe: evangelización en el Movimiento Scout», 4.

¹²² Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, *Exortação Pastoral - O Escutismo, Escola de Educação*, 9.

dela decorrente. A “Boa-Ação” típica do Escutismo torna-se educação para a caridade gratuita e para a imitação de Jesus Cristo, o Servo.¹²³

Em Jesus encontram sempre uma figura com a qual se identificam, pelo serviço, pela doação de si e pelo amor aos outros e a toda a Criação. A felicidade de que Baden-Powell falava começa precisamente com a configuração pessoal à imagem de Jesus. Esta adesão total a Cristo não se restringe a nenhuma das idades, mas aplica-se a todos, mesmo aos mais pequenos.

2.3. *A pedagogia do sistema de progresso*

A cada secção escutista é-lhe atribuído um patrono, ou seja, um santo, para que, através dele, os seus membros sejam exemplares no serviço e na vida, como ele foi. Cada patrono é escolhido para uma secção mediante a mística e o imaginário que cada uma tem. A partir da figura desse santo, toda as crianças são incitadas a agir segundo a mística da sua secção. A mística funciona como um proposta de vivência espiritual, para que, em cada idade e mediante as suas capacidades, os jovens consigam aprofundar a relação com Deus.¹²⁴ É assim que se realiza o sistema de progresso, na pedagogia escutista. O designado sistema de progresso baseia-se na idade de cada um, ou seja, permite aos jovens, ao longo da sua caminhada escutista, terem contacto com uma mística e um patrono indicado para a sua idade. Com estas coordenadas, as crianças são direccionadas no caminho cristão. É nesses passos diários que vão percebendo a presença de Deus. Mesmo sendo fruto de um método pedagógico não formal, a educação escutista segue sempre por um desenvolvimento integral de todos os jovens. O escutismo permite aos jovens perceber a presença do Mistério Transcendente no caminho que fazem.¹²⁵ Este movimento proporciona, sempre, um aprofundamento na existência, em questões centrais que formam a criança desde a raiz, para que ela cresça com autenticidade de vida. É ancorados nesta certeza que os bispos portugueses afirmam: «o Escutismo católico encontra em Jesus Cristo uma referência concreta e um alicerce transcendente para o caminho que propõe».¹²⁶ Jesus é e será sempre o Mestre por excelência de cada escuteiro, sabendo que com Ele chegam a Deus.

¹²³ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, 9.

¹²⁴ Cf. Corpo Nacional de Escutas, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 87.

¹²⁵ Cf. Juan Ambrosio, «Desenvolvimento Integral e Desenvolvimento Espiritual», em *Escutismo e Desenvolvimento Espiritual* (Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 2008), 30.

¹²⁶ Conferência Episcopal Portuguesa, *Exortação Pastoral - O Escutismo, Escola de Educação*, 11.

Perante o que dissemos anteriormente, passaremos a uma abordagem aprofundada da pedagogia da fé, em cada secção. Esta análise permite-nos ter conhecimento das diferentes abordagens e um olhar concreto para a mística de cada idade.

2.3.1. Primeira Secção (Lobitos)

A presente secção é constituída por crianças, que, tal como é próprio da idade, têm dificuldade de concentração. Comunicar-lhes algo torna-se por vezes complexo, se não for usada uma linguagem muito simples e imagens claras. Se assim for, os miúdos conseguirão relacionar o que lhes é transmitido, com o que experienciam e sentem. Isto acontece na relação com o mundo, na natureza, e com os irmãos mais velhos. É assim que iniciam o processo de aprendizagem e de caminhada nos conceitos da fé. Nesta secção, uma verdadeira pedagogia tem de ser simples e moldada por referências a imagens, que levem a criança a iniciar o seu caminho na fé.

Neste sentido, a mística dos lobitos é o louvor ao Criador, para que aprendam a ver e a descobrir que toda a natureza em que vivem é criação de Deus. Em conformidade com esta realidade, o patrono é São Francisco de Assis, para que as crianças aprendam a louvar e a amar o Criador de todas as coisas.¹²⁷ Deste modo, toda a vida em campo, nas relações entre todos e na relação com a natureza, deve ser fonte natural de uma vivência de fé autêntica. A partir daqui, o lobito, lentamente, chegará a uma configuração total entre o que vive no movimento escutista e na sua vida quotidiana. Começam assim os primeiros passos na fé. É então possível aos chefes falar-lhe de Jesus como um amigo, que está com eles e em quem podem confiar. Isto possibilita que a criança comece a descobrir e identificar a figura de Cristo no local onde está, seja na natureza, em casa, na escola e até mesmo nas orações comunitárias. É importante que ela desenvolva o verdadeiro sentido de amizade a todas as pessoas. Com esse exemplo concreto, vê Jesus como um amigo e sente que Ele a ama.¹²⁸

Assim, a pedagogia da fé apresentada nesta secção é exposta de forma compreensível à idade em questão, sem conteúdos exaustivos, para que a criança entenda o que lhe é dito. Começa, no entanto, a mergulhar nos valores cristãos, com a ajuda e apoio dos adultos. Se é possível um aprofundamento na fé, a partir de uma pedagogia que vem de Deus, ela começa aqui, neste âmbito concreto e simples.

¹²⁷ Cf. Corpo Nacional de Escutas, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 91.

¹²⁸ Cf. Francisco Carrilho, *Metodologia Educativa da I Secção* (Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 1992), 19.

2.3.2. Segunda Secção (Exploradores)

A presente secção sucede à que anteriormente analisamos. Esta centra-se em idades entre a infância adulta e a adolescência. «É um período chave na evolução da personalidade humana e cristã. Embora não seja uma idade das grandes opções, é, contudo, a idade das grandes descobertas».¹²⁹ Nesta fase, as crianças são, preponderantemente, abstraídas da realidade, pelo mundo que começam a descobrir e pela realidade que as leva a longos pensamentos. É aqui que começam a surgir as primeiras dúvidas, bem como o alicerçar dos conteúdos que lhes foram transmitidos. Emerge, então, a compreensão inicial de Deus.¹³⁰

Nesta faixa etária, propensa à descoberta do mundo, introduzem-se as crianças no saber reconhecer-se em caminho, à descoberta da terra prometida, segundo a aliança estabelecida com Deus. Centra-se aqui a mística desta secção, tendo por patrono São Tiago Maior. Com esta imagem de plano de fundo, o explorador começa a descobrir a presença de Deus nos passos que dá e nos espaços onde habita. Num processo evolutivo, reconhece que a fé não é abstrata, mas alimenta-se da relação com o Deus revelado, sabendo que o caminho que faz o ajuda a ganhar confiança e audácia. Vê em Jesus o caminho a seguir, bem como o exemplo para a sua vida.¹³¹ É neste cenário de descobertas que a pedagogia da fé se afirma como uma ajuda imprescindível para a vida destes jovens escuteiros. Permite-lhes «descobrir o sentido genuinamente da vida, iluminando com a luz da mensagem cristã as realidades que mais o impressionam: o sentido da existência corporal, amor e família, orientação da vida, realidade do trabalho e tempo livre, justiça, paz, amor à Natureza».¹³² Entendemos que, perante estas orientações, a estrutura interna das crianças começa a alicerçar-se em valores autênticos, guiadas por um Deus que se revela presente no caminho que fazem. Começa, então, a ganhar consciência de uma personalidade que estrutura o seu modo de ser e de agir, uma identidade. É aqui que começa a assemelhar-se com a identidade cristã.¹³³

Neste sentido, a pedagogia da fé, nesta secção, inicia-se por mergulhar no entendimento da vida, no que diz respeito às experiências humanas da própria criança. Logo, é necessário uma «pedagogia encarnada na realidade do Explorador, profética, original, dinâmica e personalizada, ativa, criativa, dialogante, respeitadora da caminhada de cada um, geradora de

¹²⁹ Carlos Mana, *Metodologia Educativa da II Secção* (Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 1992), 21.

¹³⁰ Cf. Corpo Nacional de Escutas, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 99.

¹³¹ Cf. Corpo Nacional de Escutas, 99.

¹³² Mana, *Metodologia Educativa da II Secção*, 21.

¹³³ Cf. Mana, 21.

otimismo, comunitária, livre e libertadora».¹³⁴ Isto leva as jovens crianças a introduzir-se, a seu ritmo, na fé em Jesus, que lhes é revelado. Neste período é importante o diálogo com alguém mais velho, como ajuda ao esclarecimento das dúvidas que começam a surgir. Revela-se, também, necessário o contacto com a Bíblia e com a liturgia comunitária, como pontos de referência e como momentos reflexivos. Assim, entendemos que nestas ações e vivências os exploradores podem entender o modo de ser cristão. Se isto acontecer, será oportunidade de ver o escutismo como promotor de um foco da pastoral juvenil.¹³⁵

2.3.3. Terceira Secção (Pioneiros)

Entraremos agora na terceira secção, com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos. Nesta secção pretende-se dar um contributo performativo a cada jovem, no aprofundamento da fé, descobrindo-se como católico e, por isso, em contacto com a natureza, a sociedade e Deus.¹³⁶ Entendemos, portanto, que «numa idade em que a dúvida se instala, o desafio é ajudar a que o pioneiro seja capaz de ultrapassar as suas perplexidades, compreenda a grandeza do amor de Deus e se assuma como cristão convicto e actuante».¹³⁷ Ora, esta ajuda incide em acompanhar cada adolescente na própria evolução, garantindo que o seu crescimento seja saudável, ao desenvolver-se no grupo. Fruto desta idade, surgirão inúmeras perguntas, logo é necessário uma atenção, por parte dos adultos, para que as respostas sejam certas e adequadas, na construção da identidade dos jovens.

Efetivamente, podemos constatar que a mística desta secção é a Igreja em construção, como que sendo pedras vivas do templo de Deus e, por isso, assumem-se construtores da Igreja de Cristo. Isto realiza-se na edificação da comunhão, da sociedade e no serviço à comunidade. Para consolidar o imaginário, São Pedro é o patrono desta secção, como pedra na qual Cristo edificou a Igreja.¹³⁸ Deste modo, poderemos compreender que o pioneiro deve ser orientado para a descoberta do dom de si, do amor e da crença, como pontos para alicerçar a experiência de Deus em si. Assim, compreenderá os sinais de Deus, inscritos em si, as palavras proferidas em nome de Cristo e iniciará um caminho de aprofundamento da fé.¹³⁹ Na verdade, compreendemos que nesta secção «a finalidade é fazer com que cada um se ponha, não apenas

¹³⁴ Mana, 22.

¹³⁵ Cf. Mana, 22.

¹³⁶ Cf. Carlos Mana, *Metodologia Educativa da III Secção* (Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 1992), 23.

¹³⁷ Corpo Nacional de Escutas, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 108.

¹³⁸ Cf. Corpo Nacional de Escutas, 108.

¹³⁹ Cf. Mana, *Metodologia Educativa da III Secção*, 23.

em contacto, mas em comunhão e em intimidade com Jesus Cristo, que é Caminho, Verdade e Vida».¹⁴⁰ Nota-se que a proposta vigente assenta na possibilidade de os jovens fazerem experiência de Deus, em Jesus Cristo. Entende-se como oportuno o contacto com o evangelho, para que entendam que é de lá que brota o modelo de vida a incorporar.

Assim, «na pedagogia da fé não se trata simplesmente de transmitir um saber humano, mas sim de comunicar, na sua integridade, a revelação de Deus, não como ideia ou conceito, mas como vida».¹⁴¹ É nessa partilha que nasce uma experiência comum de Deus, entrelaça-se nas relações humanas e garante a transmissibilidade do dom de Deus. Verifica-se uma pedagogia que promove as relações humanas e o apoio constante dos mais velhos, aos mais novos.

2.3.4. *Quarta Secção (Caminheiros)*

Na quarta e última secção, encontramos os caminheiros, com idades compreendidas entre os 18 e os 22 anos. É a última secção do sistema de progresso. O patrono desta secção é São Paulo, tendo como mística “a vida do homem novo”. Este é um projeto de vida no qual todos os caminheiros alicerçam a sua caminhada, como sinal de uma maturidade de fé. Começam, por eles próprios, a dar sinais de serem cristãos, com uma presença ativa na comunidade.¹⁴²

Neste sentido, o caminheiro, como «homem novo» (Ef. 2, 15) une-se inteiramente a Cristo, pela fé e pelo batismo. Começa um caminho a Cristo, como cristão que vive à luz do Espírito de Deus. Vive inserido no amor e na comunhão trinitária, presente nos irmãos com quem partilha o caminho. O caminheiro assume-se como profeta da novidade de Cristo à comunidade, pelo testemunho, pelo anúncio e pelo serviço, em prol dos outros. Na verdade, encarna as palavras do apóstolo, como uma verdade: «Cada um ponha ao serviço dos outros o dom que recebeu» (1Pe. 4, 10).¹⁴³ Anunciar o evangelho é um dever de qualquer cristão, logo o caminheiro tem essa missão.

Deste modo, como jovens adultos, possuem uma consciência clara e crítica da realidade que os envolve. Como cidadãos de um país têm uma voz ativa na planificação do mundo que advém. Entendemos que, como jovens, são impulsionadores de uma sociedade que pode

¹⁴⁰ Mana, 23.

¹⁴¹ Mana, 24.

¹⁴² Cf. Corpo Nacional de Escutas, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 120.

¹⁴³ Cf. Carlos Mana, *Metodologia Educativa da IV Secção*, 6ª ed. (Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 2006), 31–32.

assumir contornos diferentes, se a sua voz denunciar as injustiças sociais e alertar para uma sociedade mais fraterna, sem individualismos doentios. Cabe-lhes essa edificação social e comunitária, com base no amor, pela renovação das mentalidades. «Transformai-vos pela renovação da vossa mente» (Rom. 12, 2). Este desafio não é mais do que levar Cristo ao mundo, na edificação do Reino dos Céus. Em liberdade e com responsabilidade, o caminheiro assume esse projeto novo de trilhar os caminhos de Deus.¹⁴⁴ Este compromisso de vida assume-se com base na confiança proveniente da fé em Jesus Cristo.

Assim, verificamos que os caminheiros são jovens cuja fé é madura, pela experiência pessoal e comunitária de Jesus, pelo contacto com a Sagrada Escritura e pela vida de oração, quer na liturgia, quer na oração pessoal. O modo de vida destes jovens é motivo de referência para os mais novos, quer pela fé, quer pela ação social e o apoio comunitário que cada um realiza no meio onde vive. De facto, revelam-se como testemunhas audazes, pelo que vivem e pelo que professam, não deixando de realizar os sonhos pessoais, nas decisões que tomam. São, certamente, peregrinos em busca de uma fé cada vez mais enraizada em Jesus e de uma comunidade cada vez mais justa, envolta pelo amor.¹⁴⁵ É este o caminho do “homem novo”.

3. Os adultos no escutismo

O escutismo, enquanto movimento juvenil, é composto por crianças em quatro faixas etárias, como vimos no ponto anterior. Com isto, é necessário educadores que garantam toda a ação pedagógica do movimento, bem como a organização da instituição. No CNE têm o papel de educador os chefes, pessoas mais velhas que fizeram, ou não, o percurso escutista, e mediante uma preparação bem estruturada, são agora responsáveis pela educação dos jovens que lhes são confiados. Existem também os assistentes, um por cada agrupamento, sendo estes padres; normalmente é o pároco da paróquia na qual o agrupamento está sediado. São responsáveis pela animação da fé, em consórcio com os chefes. É nos chefes e nos assistentes que residem os dinamismos próprios, para que as crianças desenvolvam uma educação integral, com base nas dimensões pedagógicas. Com eles as crianças realizam o seu projeto de felicidade.¹⁴⁶

¹⁴⁴ Cf. Mana, 33.

¹⁴⁵ Cf. Mana, 34.

¹⁴⁶ Cf. Equipa Nacional Dos «Scouts de France», *Baden-Powell Hoje*, trad. João Mascarenhas, 3ª ed. (Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 1993), 13.

Efetivamente, o CNE aceita para educador as pessoas que se identifiquem com a proposta educativa vigente e estejam aptas para desempenhar essa função. Perante a vontade, necessitam de fazer um percurso formativo, no qual desenvolvem competências para educar e acompanhar as crianças e jovens escuteiros. O educador é voluntário, na ação educativa, não sendo remunerado pelo trabalho que realiza.¹⁴⁷ Ora, o objetivo da ação pedagógica é a criança ou jovem, tendo em conta uma evolução da personalidade da mesma, sem que a criança deixe de ser ela mesma a protagonista da sua educação, pela vivência do jogo escutista. Compreende-se que, mesmo acompanhada, o principal agente da sua educação é a própria criança ou jovem. Por isso, a ação do educador varia mediante a idade e a maturidade dos jovens, não deixando de lhe prestar assistência sempre que necessário. Em grupo, a criança desenvolve-se em contacto e em experiência com os outros, seus semelhantes, com que se identifica.¹⁴⁸ No escutismo, todas as atividades são realizadas em grupo, para que as crianças se desenvolvam em comunidade.

Neste sentido, sendo o CNE um movimento da Igreja Católica, entendemos que o educador é um cristão cuja fé está profundamente alicerçada em Jesus e no evangelho. Ele é o exemplo visível, para que todas as crianças o sigam nas práticas religiosas, bem como no modo de viver. Como irmão mais velho, é exemplo a seguir.¹⁴⁹ Na verdade, «os mestres são pais dos seus discípulos, porque geram neles certo modo de sabedoria e de existência».¹⁵⁰ É sobre esta panorâmica que os educadores agem.

Deste modo, no escutismo, o adulto acompanha, apoia e revela as crianças e adolescentes. O modo de acompanhar verifica-se por estar junto deles, escutando-os e compreendendo o seu dialeto, característico da idade. A escuta é importante, porque na adolescência existem imensos sonhos, projetos e dúvidas que necessitam de ser esclarecidas, não com respostas feitas, mas com indicadores de um possível caminho. Cada chefe saberá entrar no dinamismo próprio das crianças, para aí desenvolver o jogo escutista. Por conseguinte, apoia nas dificuldades e vicissitudes que nas crianças aparecem. Para as crianças, o adulto é alguém que lhes garante um apoio constante, como porta aberta para inúmeras possibilidades. Porque assim é, o adulto revela-lhe e apoia na descoberta da sua identidade e a do grupo. Por isso, desenvolve mecanismos para entender o modo de ser das crianças que acompanha, quer em grupo, quer individualmente. Isto permite a que ajude cada um a desenvolver as suas

¹⁴⁷ Cf. Secretaria Nacional Pedagógica, *Adultos no Escutismo* (Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 2015), 5.

¹⁴⁸ Cf. Corpo Nacional de Escutas, *Programa Educativo*, 2ª ed. (Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 2010), 45.

¹⁴⁹ Cf. Secretaria Nacional Pedagógica, *Adultos no Escutismo*, 4.

¹⁵⁰ Duque, *No Corpo do Tempo*, 134.

competências físicas, sociais, morais e espirituais, de modo qualitativo e igual.¹⁵¹ Os adultos são os responsáveis diretos por uma pedagogia escutista bem ou mal sucedida.

3.1. A ação performativa dos dirigentes

No CNE, os dirigentes são chefes que, tal como referimos anteriormente, são responsáveis pela educação das crianças e jovens escuteiros. Com idade adulta, depois de fazer um percurso formativo, previsto pela comissão pedagógica da instituição, tornar-se-á dirigente, com a promessa feita. Para os que estão já no escutismo, este percurso inicia-se na idade final dos caminheiros, quando se tornam candidatos a dirigentes, optando por ele apenas alguns candidatos. Para os que vêm de fora, o percurso formativo é igual, embora devam começar por conhecer a instituição. Tanto mulheres como homens podem fazê-lo, desde que tenham competências e formação, para desempenhar um bom papel educativo.¹⁵²

Neste sentido, entendemos que um bom dirigente se distingue pela sua capacidade de ação pedagógica, junto dos jovens. Isto demonstra-se pela relação que estabelece com eles e o modo como conhece as particularidades de cada um, dentro do grupo. Saberá, também, potenciar as características que um jovem necessita de desenvolver, para um desenvolvimento integral. Como isto, permite que as crianças tenham experiências educativas gratificantes e desenvolvam as suas capacidades e identidade.¹⁵³ Logo, o exemplo que o dirigente dá, quer nas atividades, quer quando está com os jovens, é exemplar, visto que as suas atitudes são exemplo para todos os escuteiros. Terá autoridade dialogante, entre os escuteiros, se realizar aquilo que ensina. Com base num diálogo frutífero, conseguirá apelar à consciência dos jovens. A escuta e o diálogo são a chave de uma relação bem edificada.¹⁵⁴ Ora, como educadores, têm também a missão eclesial de evangelizar. São leigos, logo assumiram o compromisso de viver e anunciar o evangelho, no meio onde se encontram.

Constatamos que todos os dirigentes são batizados e receberam os sacramentos da iniciação cristã, por isso, vivem uma fé alicerçada em Cristo, na prática religiosa e vida configurada com o evangelho. Com isto, assumem a vocação primeira da santidade, na missão que lhes é confiada.¹⁵⁵ É imbuído dessa necessidade, que todo e qualquer dirigente deve «possuir uma formação cristã católica que lhe permita uma vivência da fé esclarecida e

¹⁵¹ Cf. Equipa Nacional Dos «Scouts de France», *Baden-Powell Hoje*, 11.

¹⁵² Cf. Secretaria Nacional Pedagógica, *Adultos no Escutismo*, 5.

¹⁵³ Cf. Corpo Nacional de Escutas, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 3.

¹⁵⁴ Cf. Mana, *Metodologia Educativa da III Secção*, 57.

¹⁵⁵ Cf. Mana, 27.

esclarecedora».¹⁵⁶ Compreende-se que não só deve aprofundar a sua fé, como deve ser uma pessoa de referência para os jovens, no esclarecimento das suas dúvidas. Assim sendo, «a educação da fé implica uma relação interpessoal, em que o que mais pesa é a própria pessoa do educador, muito para além das suas palavras».¹⁵⁷ Mais do que respostas feitas, a ajuda às perguntas dos mais novos passa por abrir horizontes de caminhos a percorrer, numa relação aprofundada entre os dois. O exemplo que o dirigente dá é parte importante da resposta que o jovem compreende. Na verdade, «o dirigente deve ser fiel aos princípios da Igreja, fazendo da sua vida um autêntico exemplo e testemunho - fidelidade à promessa de dirigente».¹⁵⁸ É pelo testemunho que o dirigente garante a veracidade do que ensina aos mais novos. Um ensino descorado da incorporação da mensagem revela-se fraco, ou mesmo indiferente, para quem o recebe. Portanto, o dirigente, como discípulo autêntico, desempenha diante do grupo as funções que lhe competem, no serviço à comunidade, encarnado no evangelho. A fé do dirigente é distinta e enraizada em Cristo.¹⁵⁹ Logo, ele é o responsável pela vida cristã dos jovens escuteiros, enquanto estão nas atividades ou em grupos. Será sempre a voz que anuncia Jesus ao grupo. Por isso, deve convidar as crianças e os jovens a rezar, quer como dinâmica de grupo, quer como forma de alimentar a fé de cada um. É nesses momentos que os escuteiros revelam um dom repartido por todos, sendo espontâneos e partilhando a sua vida como testemunho. Toda esta vivência de fé deve ser natural, e será, se fizer parte da vida quotidiana de todos. A oração é tão ou mais importante do que todas as outras atividades realizadas na natureza, sabendo que o dirigente deve proporcionar a qualquer escuteiro a possibilidade de ver e experienciar Deus na natureza. Isto permite, como já vimos, desde os lobitos até aos caminheiros, que todos façam uma experiência consciente de Deus como Criador de todo o cosmos. Ser cristão implica uma vivência diária e constante da doação de si, em prol dos outros e como ato de fé. Em todo e qualquer lado, o escuteiro é sempre cristão. É neste modo de vida que os escuteiros devem ser instruídos pelos dirigentes.

Deste modo, conferimos que o dirigente é alguém que vive enamorado por Cristo, deixando transparecer na sua vida o modo de ser do próprio Jesus. É desse modo que dará bom testemunho evangélico, no meio das jovens crianças. É essa a sua missão, enquanto leigo: ser discípulo. Percebemos que o modo como vive a sua fé é testemunho visível, no qual as crianças veem o modo de ser para com Deus. É característico da adolescência os jovens reproduzirem o

¹⁵⁶ Secretaria Nacional Pedagógica, *Adultos no Escutismo*, 8.

¹⁵⁷ Duque, *No Corpo do Tempo*, 138.

¹⁵⁸ Mana, *Metodologia Educativa da III Secção*, 27.

¹⁵⁹ Cf. Mana, 27.

que observam dos adultos. A sua consciência molda-se por influência de terceiros. Portanto, o dirigente, para além de ser exemplar, deve propor aos jovens um espírito crítico, para que não tomem tudo o que veem, como exemplo a seguir.¹⁶⁰

Assim, percebemos, no nosso entender, que os dirigentes são os grandes potenciadores da ação educativa escutista e é por eles que a renovação pastoral chega aos jovens. Em tempos que se afirmam de mudança, no CNE, os chefes terão o papel de impulsionar todos os escuteiros a caminhar com a Igreja, no mesmo caminho. Necessitam então de estar atualizados pelo magistério da Igreja e ter disponibilidade evangélica para iniciar esta grande caminhada. Na verdade, todos os dirigentes, como amimadores do movimento, assumem de forma autêntica uma missão no apostolado dos leigos.¹⁶¹ De facto, vemos que a ação laical dos dirigentes é importante para a pedagogia da fé no escutismo.

3.1.1. Os dirigentes no apostolado dos leigos

Como anteriormente estudamos, os dirigentes, como batizados, têm a missão de anunciar o evangelho em todos os lugares onde estejam. Ora, se assim o fizerem, participam de um apostolado que se realiza na missão de cada dia. É assim que devem proceder perante as crianças e jovens. São autênticos agentes da pastoral juvenil. Na verdade, o Santo Padre, Papa Francisco, afirma na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, que «cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito activo de evangelização» (EG, 120). Portanto, os dirigentes não só são agentes de missão, como devem potenciar os mais novos a sê-lo, mesmo com uma caminhada de fé no início.

Neste sentido, retrocedendo alguns anos até ao *Concílio Vaticano II*, percebemos que naquele tempo o papel dos leigos, na Igreja, era simplesmente de ouvintes. Depois, perante a reforma conciliar, os leigos passam de passivos para ativos, quer na participação da liturgia, quer como arautos do evangelho. Podemos conferir esta nova realidade, com uma afirmação da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*:

o apostolado dos leigos é participação na própria missão salvadora da Igreja, e para ele todos são destinados pelo Senhor, por meio do Baptismo e da Confirmação. E os sacramentos,

¹⁶⁰ Cf. Ângelo Pinto, «Dirigente do CNE, Quem és tu?», em *Celebrações do CNE* (Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 1999), 228.

¹⁶¹ Cf. Teixeira, «Os Desafios da Nova Evangelização e o Escutismo», 224.

sobretudo a sagrada Eucaristia, comunicam e alimentam aquele amor para com Deus e para com os homens, que é a alma de todo o apostolado (*LG*, 33).

Entendemos, efetivamente, que a missão dos leigos é participar da ação da Igreja, tendo como alimento os sacramentos. Esse modo de vida desenvolve neles um amor autêntico por Deus e pelos irmãos. É, de facto, uma missão que engloba uma responsabilidade acrescida, porque a todo o ser humano deve chegar a alegria da salvação, que se realiza em Cristo. Esta missão concretiza-se num caminho aberto, tendo em conta as necessidades próprias de cada tempo, ou seja, os leigos devem estar dispostos a ouvir e a entender os sinais de cada tempo. Fruto dessa análise, surgirão indicações concretas, para que todo o ser humano encontre Deus na sua vida (Cf. *LG*, 33).

Deste modo, entendemos que a ação pastoral dos leigos caminha a par com a evangelização proposta pelos sagrados pastores. O apostolado laical não pretende substituir a pastoral dos padres, antes pretende-se que seja um complemento à sua ação no meio do povo. Logo, percebemos que toda a missão laical deve ser auxiliada pelos pastores, quer com a Palavra de Deus, quer com os sacramentos. Revela-se necessário que os ministros ordenados acompanhem espiritualmente todos os fiéis (Cf. *LG*, 37). Ora, este modo de vida levará a que a ação pedagógica dos dirigentes, como leigos, seja autêntica referência para as crianças e jovens com quem contactam. Na verdade, «na educação da fé, o que se transmite é um modo de vida a outro modo de vida. E os modos de vida transmitem-se vivendo e sendo, mais do que falando - ou falando apenas na medida em que as palavras são mediadoras e esclarecedoras de modos de ser e de viver».¹⁶² Neste sentido, o anúncio do evangelho deve ser acompanhado de um modo de vida configurado com Jesus. O modo de ser em Deus levará a que outros sejam também n'Ele.

Assim, conferimos que o modo de ser de um dirigente é o modo de ser de um de um discípulo, pronto para fazer caminho com outros, no serviço e na partilha da vida. Configurado com Cristo, pode ser ele mesmo missionário, pelo encontro com o amor de Deus. Em linguagem atual, poderá dizer-se que, como cristão, é «discípulo missionário» (*EG*, 120). Essa missão é fundamental e deve acompanhar o sujeito em todos os momentos da sua vida. «Ser discípulo significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus; e isto sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho» (*EG*, 127).

¹⁶² Duque, *No Corpo do Tempo*, 138.

Tendo recebido o dom do amor de Deus, não só deve viver dele, como deve transmiti-lo aos outros, para que eles mesmo façam experiência desse amor.

3.2. *A ação espiritual dos assistentes*

Os assistentes, no CNE, são sacerdotes que auxiliam a dimensão espiritual na missão pedagógica dos dirigentes. É por eles que todos os escuteiros têm uma maior ligação à comunidade nas celebrações litúrgicas e é por eles que a animação da fé pode ser mais dinâmica e construtiva, dentro do agrupamento. A sua ação complementa a pedagogia utilizada pelos dirigentes. A sua missão, no agrupamento, destaca-se pelo modo como acompanham espiritualmente as crianças e jovens, tendo em vista uma maior proximidade com a Palavra de Deus e uma experiência de fé mais consistente, quer com a celebração dos sacramentos, quer com a partilha de um modo de vida em Cristo.¹⁶³ Logo, a ação do assistente não fica restrita à igreja, mas alarga-se a todas as atividades escutistas, podendo nelas fortalecer a relação com os escuteiros.

Neste sentido, devemos ter presente que a missão do padre, enquanto assistente, passa por estabelecer comunhão entre a paróquia e o agrupamento, tendo sempre como principal objetivo promover a evangelização. «A vida comunitária no agrupamento, a ligação à paróquia, a educação integral dos membros do C.N.E., a formação adequada dos dirigentes leigos são alguns dos aspectos que necessitam do apoio e do cuidado pastoral do assistente».¹⁶⁴ É nessa missão que deve centrar-se um acompanhamento com base na escuta, para promover um discernimento, tendo em vista a felicidade de cada membro. Porque «o Escutismo quer partir das aspirações profundas das crianças, para as levar a viver experiências onde se descubram a si próprias. O Educador deve viver esta aventura com as crianças, para melhor lhes poder revelar o seu sentido».¹⁶⁵ No nosso entender, é profundamente errado impor-se caminhos, dar respostas feitas, ou apresentar soluções antiquadas. Nos tempos atuais, o assistente deve partir da escuta pessoal de cada criança e jovem e propor-lhe um caminho de felicidade, apelando sempre à liberdade. Mesmo vivendo em grupo, quer nas atividades escutas, quer na comunidade, os jovens necessitam de ser ouvidos, quanto às suas preocupações e medos, e quanto aos seus projetos e desejos. Cabe ao assistente ser um “pai” na fé.

¹⁶³ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, *Exortação Pastoral - O Escutismo, Escola de Educação*, 11.

¹⁶⁴ Conferência Episcopal Portuguesa, 17.

¹⁶⁵ Equipa Nacional Dos «Scouts de France», *Baden-Powell Hoje*, 14.

Assim, verificamos que a missão do assistente no agrupamento escutista passa por acompanhar as crianças e jovens, podendo levá-los a fazer uma experiência profunda de fé. Na verdade, o assistente partilha a mesma missão do dirigente, porque «cada cristão é chamado a ser pai/mãe na fé, em relação a outros, para que se tornem cristãos (é assim que se “transmite” a fé)». ¹⁶⁶ É na partilha do “eu” com o “tu” que nasce um “nós” em Deus. Essa relação, se bem estruturada, pode ser uma profunda experiência de fé.

¹⁶⁶ Duque, *No Corpo do Tempo*, 135.

CAPÍTULO III – O ACOMPANHAMENTO PASTORAL NO ESCUTISMO

1. A ideia de acompanhamento pastoral

No tempo hodierno, no qual vivemos, sente-se a presença de uma Igreja, a nível geral, que vive alocada num paradigma pastoral clássico, completamente esgotado. Sente-se, com isto, fervilhar, por entre as realidades paroquiais, uma necessidade vigente de mudança. Para isso, tendo em conta que «o meio do homem é a realidade em conjunto»,¹⁶⁷ propomos entrar pela via do acompanhamento pastoral, como um novo paradigma de ser Igreja, no caminho conjunto a fazer. Queremos trilhá-lo, porque «a fé cristã não é uma ideia, é vida».¹⁶⁸ Este ponto é o continuar das ideias apresentadas nos capítulos anteriores. Deste modo, pretendemos planear um trajeto possível, para que jovens e adultos caminhem juntos, de um modo pedagógico, porque «a fé é luz que vem do futuro, que descerra diante de nós horizontes grandes e nos leva a ultrapassar o nosso “eu” isolado abrindo-o à amplitude da comunhão» (*LF*, 4). Esta é uma verdade supracitada pelo Papa Francisco, logo queremos inseri-la como ponto demarcado da nossa pesquisa.

Neste sentido, temos consciência de que «escolher a via do acompanhamento, como perspectiva fundamental da ação pastoral, comporta uma conversão de mentalidade e metodologias».¹⁶⁹ Não é fácil mudar a consciência de uma Igreja cujos membros, sacerdotes, religiosos e leigos, não estão preparados para a “arte do acompanhamento”. O clericalismo, a sede propensa de poder, a indiferença, entre outros, são sinais que impedem este novo modo de ser e estar em comunhão. Com isto, entendemos que «a disponibilidade para o acompanhamento é a atitude fundamental da reforma e conversão pastoral».¹⁷⁰ Nela percebe-se que «devemos dar ao nosso caminhar o ritmo salutar da proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que ao mesmo tempo cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã» (*EG*, 169). Se assim não for, não é possível.

A ação pastoral que pretendemos explicar tem como chave duas realidades: libertar e fazer crescer. A partir daqui, entendemos que o acompanhamento pastoral ganha uma visibilidade de futuro, sem se desprender do presente, onde acontece. Dá-se onde cada um estiver no crescimento pessoal na fé, em conjunto com outros, sem deixar de revelar

¹⁶⁷ Kasper, *Introdução à Fé*, 31.

¹⁶⁸ Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 69.

¹⁶⁹ Nuno Almeida, «Acompanhar: estilo e chave da pastoral juvenil e samaritana», em *A edificação do tecido eclesial*, ed. Luís M. Figueiredo Rodrigues (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2021), 177.

¹⁷⁰ Almeida, 177.

esperança.¹⁷¹ Esta dádiva pode ser a arte como muitos desabrocham para a fé. Na verdade, «o crente não vive isolado dos demais. Está inserido na teia da sociedade e da história que condiciona o seu caminho. A fé não pode ser, pois, considerada como assunto apenas da esfera privada de cada um».¹⁷² Se uma comunidade é convertida num museu, esta nunca poderá ser um centro de fecundidade espiritual. Ao contrário, comunidades criativas e produtivas assumem-se como necessárias para o florescimento espiritual de todos. É no centro de um grupo saudável que nascem pessoas capazes de acompanhar os mais novos no percurso inicial de fé; de apoiar e ajudar a germinar, para que desde novos ganhem o gosto da busca interior por algo maior. No nosso entender, todos, mesmo com percursos distintos, peregrinam para o mesmo destino: Deus. Hoje mais do que nunca há sede de sentido, logo, como referido em partes anteriores, o sentido último da nossa existência, como humanos de fé, é a ressurreição em Cristo. Para uma compreensão nítida desta realidade terá de fazer-se uma caminhada de vida cristã, numa profunda espiritualidade, com a ajuda de alguém.¹⁷³

Ora, para caminharmos rumo à profundidade da questão central, compreendemos que «a origem do termo “acompanhar” remete para o pão partido e compartilhado (*cum pane*), com toda a riqueza simbólica humana e sacramental desta referência».¹⁷⁴ Acompanhar é, em sentido cristão, partir da eucaristia em caminho conjunto, ou seja, o núcleo deste caminhar é Jesus. «Uma vez que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque todos participamos desse único pão» (1 Cor. 10, 17). A nossa comunhão entre seres vivos e relacionais assenta sobre Ele. «Os muitos que somos formamos um só corpo em Cristo, mas individualmente, somos membros que pertencem uns aos outros» (Rom. 12,5). Para os cristãos, não há outra realidade a não ser esta. Como exemplo, serve-nos a relação trinitária de perfeita comunhão.

Deste modo, sabendo-nos humanos e por isso imperfeitos, não temos um modo de acompanhar perfeitamente eficaz, porque acompanhar revela-se como uma arte, que necessita de ser trabalhada todos os dias. As boas relações constroem-se com sentido artesanal, no diálogo interpessoal. Logo, para que isto aconteça, entendemos como necessário uma abertura interna, das duas partes, numa conversa livre e desimpedida. No entanto, não deixa de ser importante o acompanhante ter uma experiência interior de si próprio madura e uma grande disponibilidade,

¹⁷¹ Cf. Almeida, 178.

¹⁷² Domingos Terra, «A fé como dom e resposta da liberdade», em *A fé da Igreja*, ed. João Lourenço (Lisboa: Paulus Editora, 2014), 174.

¹⁷³ Cf. Almeida, «Acompanhar: estilo e chave da pastoral juvenil e samaritana», 179.

¹⁷⁴ Almeida, 180.

para acolher de forma serena a realidade do outro, para poder ajudá-lo a discernir.¹⁷⁵ Coaduna-se uma confiança a partir de um crescer caminhante, na alegria da proximidade e na visibilidade da maturidade.

O acompanhamento pastoral é também um veio que leva à vida espiritual, ou seja, abre-se a hipótese de cura interior, para que a pessoa consiga crescer saudável. Este instrumento pode conciliar-se de igual modo com a medrança ética, no progresso da pessoa, nas dimensões que a constituem. Aqui pretende-se que o acompanhado viva em liberdade, verdade e crescimento, quer consigo próprio, quer nas relações interpessoais.¹⁷⁶

Com base nessa linha de pensamento, queremos destacar o valor da escuta. Todo o acompanhante se serve deste precioso instrumento, para auscultar a realidade interna da pessoa. Há sinais, gestos e palavras que definem o sujeito. Mas é a partir de uma abertura interna, real e confiante, que se dá o desvelar do verdadeiro “eu”, para que o “tu” o tome como um dom e o cuide. Ora, «para ouvir bem é preciso sensibilidade: capacidade de sintonizar, de compreender o que o outro nos diz com as suas palavras e, sobretudo, com os seus silêncios, os seus gestos, o seu olhar».¹⁷⁷ O acompanhamento implica uma compreensão afetiva e prudente, capaz de agir docilmente, em conformidade com a ação do Espírito. Entenda-se que ser para o outro é uma arte, a da espera, na proximidade. Esta conexão poderá despertar no acompanhante o desejo de querer compreender o que Deus realiza na sua própria carne.¹⁷⁸

Assim, acreditamos que o acompanhamento pessoal e grupal não pode restringir-se à dimensão espiritual. A constituição da pessoa é diversificada, tanto quanto os parâmetros que desenvolve no caminhar existencial. Entender-se-á que a atenção pedagógica se centra no todo do humano. No entanto, enquanto cristãos, a luz da Palavra de Deus auxilia a leitura interna da vida, para potenciar um discernimento, sincero, da mesma. Daqui despertará a alegria de ser e viver em Cristo, com sonhos realizáveis, sem esquecer as adversidades do caminho.¹⁷⁹

1.1. Passos de dois a três

No decorrer do caminhar, ressalta ao entendimento que o acompanhamento peregrinante não é um ciclo fechado entre dois, há um terceiro. Lembramo-nos do caminho de Emaús?

¹⁷⁵ Cf. Almeida, 179.

¹⁷⁶ Cf. Almeida, 180.

¹⁷⁷ Manuel Sánchez Monge, *Aprender el arte de acompañar. Guía para acompañantes y acompañados* (Salamanca: Editorial Sal Terrae, 2020), 33.

¹⁷⁸ Cf. Almeida, «Acompanhar: estilo e chave da pastoral juvenil e samaritana», 182.

¹⁷⁹ Cf. Almeida, 184.

Dois dos discípulos iam a caminho de uma aldeia chamada Emaús, que ficava acerca de duas léguas de Jerusalém; e conversavam entre si tudo o que acontecera. Enquanto conversavam e discutiam, aproximou-se deles o próprio Jesus e pôs-se com eles a caminho; os seus olhos, porém, estavam impedidos de o reconhecer (Lc. 24, 13-16).

Enquanto decorre toda a ação, aparece, imprevisivelmente, um terceiro, desconhecido, que muda o sentido de uma história fracassada. Embora sem o conhecer, acolhem-no com disponibilidade e relacionam-se, significativamente, com ele.¹⁸⁰ Deste modo, pensamos que, se este caminho não fosse a três, nos passos de dois, nunca teria havido um encontro com o Outro que chegara, nem haveria mudança interior, visto que iam desanimados. Na verdade, «Jesus acompanha o processo interior dos discípulos, mas não os substitui ou suplanta. Em tempos difíceis, o principal é o retorno a Cristo e ao seu Evangelho».¹⁸¹ Tanto naquele caminho, como no de hoje, há sempre um terceiro à espera de fazer caminho conjunto, porque «acreditar em Jesus Cristo é entrar pelo seu “caminho” seguindo os seus passos».¹⁸² No entanto, se a relação fica enclausurada entre dois, perde-se o caminhar do discipulado e o acompanhamento fica, fundamentalmente, aprisionado no querer pessoal.

Efetivamente, pensamos que peregrinar entre dois não pode ser uma troca de ideias, em ciclo fechado. Primeiramente, procura-se abertura interior, para que Deus intercete este itinerário. «Na fé, o “eu” do crente dilata-se para ser habitado por um Outro, para viver num Outro, e assim a sua vida amplia-se no Amor» (LF, 21). É pessoalmente e em conjunto que Ele aparece, revela e explica o sentido da existência. «É na carne e no sangue da nossa humanidade que o encontro entre Deus e cada homem e cada mulher se dá. E (só) assim continua a ser».¹⁸³ A disponibilidade para acolher, requerida ao acompanhante e ao acompanhado, é, primeiramente, para escutar a Voz que ecoa na interioridade do ser. O caminho do acompanhamento é um veio rumo ao interior. A título de exemplo, serve-nos a pergunta do discípulos de Emaús: «Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?» (Lc. 24, 32). O amor revelado e acolhido arde no peito como um fogo, porque se torna vivo. Deus é e continuará a ser o terceiro, invisivelmente presente, das relações humanas.

¹⁸⁰ Cf. Almeida, 180.

¹⁸¹ Monge, *Aprender el arte de acompañar. Guía para acompañantes y acompañados*, 49.

¹⁸² José Antonio Pagola, *O Caminho Aberto Por Jesus*, trad. Augusto Marques (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2011), 5.

¹⁸³ Correia, *A Fé vive de afeto*, 102.

Este modo de existir implica dar os primeiros passos em direção a Ele, pelo interior do outro. A partir daqui, poder-se-á escutar a vida do acompanhado, para que, em diálogo fermentado, se chegue à liberdade plena, entre Deus e a pessoa. Será sempre em relação profunda que dar-se-á o crescimento interno intencionado.¹⁸⁴ Entre os passos de dois está o Amor.

1.2. Caminhar em comunidade

A primeira relação vivencial de todo o ser, enquanto humano, dá-se na família. Ela não gera para si, mas para que um “outro” seja. A partir daqui, todo o humano está exposto ao contacto com a esfera social e cultural. É nestes dois enquadramentos que queremos delinear a nossa apresentação posterior.

1.2.1 A família, primeiro berço geracional da fé cristã

A clara evidência de nascer e crescer numa família, educado por um estilo familiar próprio, é cada vez menos padronizada. Embora subsista a ideia da família tradicional (pai, mãe e filhos), não deixa de ser verdade que esta tem perdido força nos últimos anos, aqui na Europa ocidental. O estilo monoparental, com os avós na linha da frente a apoiar, o abandono familiar e a adoção, tem crescido no tempo que nos antecede. Verifica-se, no entanto, que a realidade portuguesa vive, maioritariamente, na tríade familiar.

Neste sentido, perante a concepção de um filho, a família reúne-se em torno dele, tomando-o como o centro da vida conjunta, ou seja, o filho passa a ser o núcleo vivencial, no qual converge uma doação integral dos progenitores. Afirma-se que «ser gerado é ser confrontado com uma oferta de generosidade radical, presença fundamental da vida de outros a nós mesmos que nos constitui graciosamente no ser “eu” original, formada em diálogo de existências».¹⁸⁵ Um “nós” educa um “tu”, doando-se para que ele cresça, de forma constitutiva, íntegro. No diálogo existencial e interpessoal edifica-se a personalidade do “tu”, rumo à liberdade de existir, como sujeito primário da sua existência. A vida é um dom que cada um possui desde a concessão no ventre materno. Na verdade, «a precedência do dom, representado na mãe e no pai, gera a possibilidade da liberdade do filho, não como dependência servil, mas

¹⁸⁴ Cf. Almeida, «Acompanhar: estilo e chave da pastoral juvenil e samaritana», 180.

¹⁸⁵ Teresa Messias, «A fé como experiência existencial», em *A fé da Igreja*, ed. João Lourenço (Lisboa: Paulus Editora, 2014), 290.

como correspondência, responsorial e responsável». ¹⁸⁶ Pela liberdade cresce a responsabilidade de ser e viver, numa humanidade sociável.

Deste modo, enquanto cristãos, asseveramos que «estando no mundo e agindo como crentes, os pais vão gerando nos filhos o modo crente de estar no mundo - que a liberdade dos filhos pode recusar ou aceitar». ¹⁸⁷ Como primeiros transmissores, os pais, sendo cristãos, podem, em liberdade, transmitir aos filhos os dons da fé, que também eles receberam. Em ambiente familiar dá-se o despontar inicial e o contacto primeiro dos filhos, com a fé professada em Jesus.

A família é, portanto, a primeira escola das virtudes sociais de que as sociedades têm necessidade. Mas, é sobretudo, na família cristã, ornada da graça e do dever do sacramento do Matrimónio, que devem ser ensinados os filhos desde os primeiros anos, segundo a fé recebida no Batismo, para conhecer e a adorar Deus e a amar o próximo; é aí que eles encontram a primeira experiência quer da sã sociedade humana quer da Igreja; é pela família, enfim, que eles são pouco a pouco introduzidos no consórcio civil dos homens e no Povo de Deus (*GE*, 3).

Ora, na afetividade da casa familiar nasce o sujeito, enquanto ser no mundo, porque recebe de outros a identidade ativa, que contacta com a sua realidade constituinte. Portanto, «é-se filho quando se chega a decidir receber-se, livre e confiadamente, de um outro, instaurando relações de mútuo reconhecimento». ¹⁸⁸ Não há crescimento sem diálogo, sem harmonia interpessoal, sem viver “com” e “para”. A família tem o papel decisivo na orientação vivencial dos filhos. Sem esquecer a presença constante e marcante dos amigos, nas idades propensas à relação grupal, os progenitores não deixarão de ser o pilar fundante da personalidade das crianças/jovens.

Nesta linha, percebemos que «a educação dos filhos na fé passa, inevitavelmente, pela prática celebrativa dos pais, no interior da comunidade cristã». ¹⁸⁹ Sem exemplaridade e constante convite a ser “em” comunidade, da parte dos progenitores, a tendência geral é desaparecer fugazmente. E porque o cristianismo é um caminho conjunto, a atenção volta-se para todos, para que com todos se faça o caminho da verdade. ¹⁹⁰ Uma profunda vivência da fé paterna não despontaria nos filhos interesse? Quer-se que os filhos vivam o que os pais não acreditam? Em realidade, «crescer na fé implica, pois, uma aprendizagem do que

¹⁸⁶ José Frazão Correia, *Entre-tanto. A difícil bênção da vida e da fé* (Porto: Paulinas Editora, 2022), 69.

¹⁸⁷ Duque, *No Corpo do Tempo*, 135.

¹⁸⁸ Correia, *Entre-tanto. A difícil bênção da vida e da fé*, 70.

¹⁸⁹ Duque, *No Corpo do Tempo*, 137.

¹⁹⁰ Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 69.

verdadeiramente somos e das nossas relações aos humanos que nos são próximos». ¹⁹¹ Para que os filhos sejam, a família tem de ser, integralmente, relação corporal com os sacramentos e com a comunidade.

Por conseguinte, o olhar que estendemos, sem um pessimismo abrupto, sobre o nosso contexto, faz ressaltar uma crescente crise familiar, no seio das comunidades, como referimos anteriormente. O Papa Francisco entende que «no caso da família, a fragilidade dos vínculos reveste-se de especial gravidade, porque se trata da célula básica da sociedade, o espaço onde se aprende a conviver na diferença e a pertencer aos outros e onde os pais transmitem a fé aos seus filhos» (EG, 66). Com o núcleo existencial a fragmentar-se, cresce, velozmente, uma perda de sentido, ou seja, sente-se um divagar geral na sociedade juvenil. Do sentido cristão, passa-se ao sentido da “libertinagem”. Sem compromissos, responsabilidades, ou crenças, entra-se no vazio divagante habitacional. Ainda que em números reduzidos, há tendência crescente para o deflagrar da realidade exposta.

Assim, sem esquecer as imagens que nos chegam, ousamos incidir a proposta do caminho iniciático da fé na esfera familiar. Se a conversão não parte de dentro, incite-se as comunidades a que centrem o objetivo primeiro na realização familiar. Há um caminho de discipulado a fazer, no qual a comunidade cristã é responsável pelos que ficam para trás. A comunidade não pode viver sem que todos vivam para o Todo. ¹⁹² Como seres em constante criação, dever-se-á viver na história do tempo presente, a busca interna e externa de sentido, para poder fazer-se experiência de Deus, para que Ele seja fonte de esperança. ¹⁹³ É tanto dever da família como da comunidade levar os mais novos à fé, acompanhando-os sempre nos passos e passagens.

1.2.2. A comunidade paroquial e social

A clara evidência de que um sujeito vive compenetrado num contexto social próprio leva-nos ao pensamento de que, como cristão, a vivência que partilha em comunidade paroquial, pode ser determinante para o seu futuro como pessoa cristã. Seguindo o pensamento iniciado no ponto anterior, queremos agora realçar a vivência paroquial como ponto secundário de transmissão de fé aos jovens, visto que a família se assume como o lugar nuclear.

¹⁹¹ Duque, *No Corpo do Tempo*, 141.

¹⁹² Cf. José Eduardo Borges de Pinho, «Dimensão eclesial da fé», em *A fé da Igreja*, ed. João Lourenço (Lisboa: Paulus Editora, 2014), 190.

¹⁹³ Cf. Messias, «A fé como experiência existencial», 294.

A pertença a uma realidade identitária, na qual há partilha de vivências, porque o centro da existência é comum, coaduna o modo de estar numa paróquia. Deus é o todo comunitário, pelo qual há experiências interpessoais dialogantes. N'Ele há um meio harmónico, no qual converge a fé do povo. A fé parte de Deus, é experienciada pelo humano na encarnação do Verbo e com a ação do Espírito Santo e orienta-se em entrega confiante para o ponto de origem. Neste percurso, não são dispensáveis as ligações inter-humanas. É com elas que tudo acontece. Vê-se assim que «a comunidade cristã caracteriza-se por essa “sintonia do Espírito”, que liga os seus membros numa pertença comum, para uma mesma missão».¹⁹⁴ A polaridade de pessoas e de dons não invalida um objetivo comum, antes garante que nas diferenças está a riqueza da graça. Logo, o contacto com outros, em comunhão, impulsiona a um melhor discernimento pessoal nas decisões a tomar, porque serão recebidas por terceiros, como garante de que as mesmas são assertivas.

Se há uma visão pessoal e interpessoal centrada na verdade de Jesus, a escolha é, firmemente, certa.¹⁹⁵ Para garantir que a fé não é um ato isolado, entre o “eu” do crente e o “Tu” de Deus, esta exige abertura ao “nós”, na comunhão do corpo eclesial (Cf. *LF*, 39). Nesta verdade, já citada por nós um bom número de vezes, pensamos que na interação conjunta, principalmente em idades inferiores à maioridade, há uma compenetração relacional que potencia o jovem a ser pelo modo como é orientado. Posto isto, entendemos que «a paróquia é assim um exemplo de comunidade cristã imediata, constituída de modo estável na Igreja particular e lugar privilegiado onde se realiza a comunidade cristã».¹⁹⁶ Pela exemplaridade que lhe é requerida, incita-se o povo de Deus a serem discípulos de Cristo, a partir de casa. Como centro comunitário estão os sacramentos, pela vivência que requerem. No entanto, não invalida que o trabalho pastoral seja reduzido às práticas celebrativas.

Deste modo, seguindo o caminho paroquial, percebemos que hoje há necessidade de uma atenção pessoal e grupal, redobrada, da parte de quem orienta. Com a grande oferta de caminhos de felicidade momentânea, o acompanhamento pastoral «antes de ser uma tarefa de algumas figuras específicas, é uma atitude pedagógica básica e uma mentalidade que permeia toda a comunidade educativa».¹⁹⁷ Enquanto humanos, habitantes do mesmo espaço, assumem, como viventes, uma responsabilidade pedida a todos. O facto de uma pessoa estar inserido num

¹⁹⁴ José Almeida, «Comunidade Evangeliadora na perspectiva de João Paulo II», em *Propor a fé numa pluralidade de caminhos*, ed. Luís M. Figueiredo Rodrigues (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017), 51.

¹⁹⁵ Cf. Pinho, «Dimensão eclesial da fé», 205.

¹⁹⁶ Almeida, «Comunidade Evangeliadora na perspectiva de João Paulo II», 57.

¹⁹⁷ Almeida, «Acompanhar: estilo e chave da pastoral juvenil e samaritana», 186.

meio responsabiliza o mesmo da necessidade de contribuir, frutiferamente, para a sua felicidade. Esta ideia diz-nos que, enquanto ser relacional, a pessoa se viver isolada está em contrariedade com aquilo que é parte constituinte do seu “eu” autêntico. No grupo todos acompanham todos, porque vivem em correspondência *interdialogal*. Na verdade, «o primeiro sujeito do acompanhamento é a comunidade no seu conjunto, precisamente porque é no seu seio que se desenvolve aquela trama de relações que pode apoiar a pessoa no seu caminho, oferecendo-lhe pontos de referência e orientação» (*DFSB*, 92). Aconselhado por outros, em fraternidade consonante, porque pertencem ao mesmo corpo eclesial, o sujeito realiza-se como pessoa a partir da escuta da Palavra, da vivência sacramental e da missão que lhe é confiada.¹⁹⁸ De facto, para os paroquianos «a paróquia é presença eclesial no território, âmbito para a escuta da Palavra, o crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, a adoração e a celebração» (*EG*, 28). Tudo isto, implica ser-se para um outro que me é semelhante, no qual eu reconheço a presença efetiva do Outro a quem me doou. Por assim ser, viver em prol da comunidade mostra-se o melhor caminho cristão. Acompanhar é um modo de servir um outro, para que ele reconheça em si a presença do Outro e para que ele seja autêntico na vivência diária, correspondendo à sua vocação primária. Assim, identifica-se que o modo de ser do humano é essencialmente social, em fraternidade.¹⁹⁹

Neste sentido, o facto de uma comunidade se revelar unitária, tendo em conta que o centro é Cristo, pragmatiza a ação dos membros a viverem espiritualmente e moralmente a partir de uma fé celebrada em união (Cf. *GS*, 23). Ora, se é a partir de criança que a pessoa constitui a identidade, acredita-se que o bom ambiente relacional contribuirá para um bom futuro.

A comunidade desempenha um papel muito importante no acompanhamento dos jovens, e toda a comunidade se deve sentir responsável por acolhê-los, motivá-los, encorajá-los e estimulá-los. Isto implica que se olhe para os jovens com compreensão, estima e afeto, e não que sejam julgados continuamente ou lhes seja exigida uma perfeição que não corresponde à sua idade (*CV*, 243).

Ter em consideração a idade, a personalidade e as capacidades de cada um, em particular, é a análise primeira a fazer, para poder ajudar a pessoa a desenvolver-se. «A pessoa não é fechada individualisticamente, e a comunidade não é compreendida colectivamente, de forma

¹⁹⁸ Cf. Pinto, *Fé e Existência Cristã*, 21.

¹⁹⁹ Cf. Pinto, 171.

impessoal; as duas coisas sobrepõem-se, mutuamente, de modo inseparável».²⁰⁰ A título de exemplo, serve-nos a afirmação de São Paulo, dirigida à comunidade de Roma: «pois como em um só corpo temos muitos membros e nem todos os membros têm a mesma função, assim nós, que somos muitos, constituímos um só corpo em Cristo, sendo individualmente membros uns dos outros» (Rom. 12,4-5). A especificidade própria dos sujeitos garante-lhes uma paridade única. Porque sendo diferentes, afirmam-se num todo, «Cristo abraça em Si mesmo todos os crentes que formam o seu corpo, o cristão compreende-se a si mesmo neste corpo, em relação primordial com Cristo e os irmãos na fé» (*LF*, 22). Embora pertençam ao mesmo núcleo, não se pode pôr em causa as sensibilidades e características individuais. Dito anteriormente e frisado novamente, os dons individuais não põem em causa a harmonia conjunta. Antes, revelam que para que o sujeito seja, precisa de outros que o apoiem nas fragilidades, ou seja, o meu semelhante tem algo que eu não domino, logo deixo que ele realize comigo o que preciso para atingir um objetivo. Viver com outros mostra a naturalidade de que os ser humano não vive unicamente para si. Reconhece-se necessário acolher as sensibilidades individuais, para que uma pessoa não seja egocêntrica, mas adapte a suas convicções ao sentido comum.²⁰¹

Recentrando-nos no ponto fundamental deste parâmetro, queremos olhar a paróquia como centro no qual converge a ação universal na Igreja. Nela está a realidade em que o povo de Deus vive a age, sem perder a correspondência de uma fé eclesial, à escala mundial. Ora, a paróquia «é a última localização da Igreja; é, em certo sentido, a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas» (*ChL* 26). Constituída por famílias, é para elas que orienta a sua atenção, porque sem elas não existe. Em significado transversal, a paróquia é a comunidade cristã, na qual as pessoas se relacionam de modo interno com a Igreja, num lugar específico.²⁰² Neste contexto paroquial, os vários grupos, ou movimentos apostólicos, assumem-se como referência para muitas pessoas. Neles está uma oportunidade de se fazer apostolado. Na vivência interna do grupo, está o meio mais fecundo e propenso de viver e enraizar o evangelho nas pessoas. Uma mensagem recebida e aceite por todo o grupo tem maior credibilidade e facilidade de propagação, porque é compartilhada entre todos, assumindo-se como uma verdade conjunta. É também neste ambiente que se pode viver aquilo que se escuta e diz. Se o meio entre a teorização e a prática estiverem relacionados, a garantia de que aconteça, sem perder força, é maior.

²⁰⁰ Joseph Ratzinger, *Caminhar Juntos na Fé*, trad. Manuel Losa (Braga: Apostolado da Oração, 2005), 147.

²⁰¹ Cf. Terra, *O sentido da fé*, 71.

²⁰² Cf. Almeida, «Comunidade Evangelizadora na perspectiva de João Paulo II», 57.

Efetivamente, os grupos requerem orientação de animadores e educadores, para que a pedagogia a aplicar seja realizável. Os orientadores, porque são adultos, acompanham os mais novos na sua caminhada individual e guiam o grupo pelo sentido comum. Como já dissemos, acompanhar é tanto do domínio pessoal, como grupal. Aí põe-se como esfera relacional a amizade, devido à importância que esta assume, para que o acompanhante aceda ao interior do acompanhado (Cf. *DFSB*, 96).

Assim, comprova-se que a partilha de experiências, quer em família, quer no grupo, enquanto meio paroquial em que vive, é crucial para o desenvolvimento da identidade pessoal. A esta verdade advém a imagem de que «caminhamos em comunidade: estamos apoiados por outros que pensam como nós, que rezam como nós e como nós sofrem e amam e experimentam a fonte de uma outra realização e alegrias que não radicam no dinheiro nem no poder nem a ele conduzem».²⁰³ A esperança cristã só faz sentido, se esta for um olhar no qual todos revejam o futuro próximo das suas vidas, sem desacreditar no hoje que vivem. A paróquia é o meio no qual Cristo serve os irmãos pelas mãos de cada pessoa.

2. O caminho conjunto no escutismo

Abre-se, nesta parte que iniciamos, a leitura concreta do que até agora descrevemos. Então, volta-se o olhar para o movimento escutista em Portugal, com que nos detivemos nos dois capítulos anteriores. Sabemos, porque a analisamos, que a pedagogia educativa do CNE é realizada pela ação de dirigentes e assistentes, que acompanham crianças e jovens, desde tenra idade até à maioridade. Este modo de acompanhar é para nós lugar de modelo para o desenrolar da pesquisa que se segue. Queremos, então, detalhar este modelo educacional, que é enquadrado na pastoral da proximidade, ou seja, no acompanhamento pessoal e grupal.

Efetivamente, como sabemos, a pedagogia humana é exemplo da pedagogia divina. Pela tradição apostólica e pelo conhecimento de paradigmas anteriores, temos conhecimento de que «Deus educa o seu povo na história, a partir da sua própria vida».²⁰⁴ Ora, esta ação de Deus não deixa de ser encarnada em muitas medições. N'Ele está a revelação plena e atuante em cada humano. Porque assim é, hoje, assume-se como indispensável a existência de pessoas referência dentro das comunidades e grupos, que orientem os mais novos, quer no caminho interior, na descoberta de Deus, quer no caminho da felicidade de vida, visto que ambos são um só. Na

²⁰³ Messias, «A fé como experiência existencial», 379.

²⁰⁴ João Alberto Sousa Correia, «Deus educa o seu povo. A pedagogia da Escritura», em *Propor a fé numa pluralidade de caminhos*, ed. Luís M. Figueiredo Rodrigues (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017), 45.

verdade, «é preciso acompanhar, com misericórdia e paciência, as possíveis etapas de crescimento das pessoas, que se vão construindo dia após dia» (EG, 44). Nas paróquias, a figura principal a quem tradicionalmente se confia esta missão é o pároco, que assiste espiritualmente os fiéis. Mas como é dever de todos acompanhar, porque receberam essa missão no batismo, os agentes pastorais fazem-no de forma concreta nos grupos onde servem.

Quanto ao Corpo Nacional de Escutas, porque é um movimento da Igreja Católica, os seus dirigentes e assistentes garantem um acompanhamento concreto e personalizado a cada pessoa que esteja inserida no movimento. Mesmo em tempos vertiginosos, há um esforço para que a felicidade dos acompanhados não se corrompa.²⁰⁵ A dimensão espiritual, enquanto vivência de fé, como já referido, é tão ou mais necessária do que qualquer outra área de desenvolvimento da pessoa. A partir daqui, mesmo sabendo que «no processo educativo, Deus assume-se como pedagogo insuperável»,²⁰⁶ o foco educacional orienta-se para a relação entre o apoiante e o apoiado, para que nela haja verdadeira compenetração de acompanhamento e de transmissão de valores cristãos fundamentais.²⁰⁷ Isto acontece nas atividades escutistas e em qualquer lugar onde os dois estejam. Para isso, o acompanhamento cristão implica ser-se bom ouvinte, de gestos e palavras, ao ritmo do tempo de Deus, porque sem Ele não há esperança que a novidade aconteça no tempo certo.²⁰⁸ Acompanhar é tanto da esfera experiencial, como a fé o é. Assim perfeccionado, acompanhar define-se como uma arte em constante desenvolvimento, na medida do amor, porque é tão natural como amar.²⁰⁹

Desta forma, a missão educativa do CNE acontece na prática concreta das atividades e serviços realizados pelas crianças e jovens. Estes acontecimentos entranham-se na sua própria realidade e no seu modo de viver.²¹⁰ Não deixa de ser importante destacar que no meio das atividades há momentos de oração e partilha de grupo, nos quais se realça a vivência da palavra de Deus e da experiência humana, como centros chave para todos os escuteiros. Já o fundador do movimento escutista, Baden-Powell, dizia que «a vida da fé não é resultado de lições bem aprendidas, a vida da fé nasce nesta experiência, porque é relação que transpõe a diferença,

²⁰⁵ Cf. Corpo Nacional de Escutas, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 397.

²⁰⁶ Correia, «Deus educa o seu povo. A pedagogia da Escritura», 46.

²⁰⁷ Cf. Almeida, «Acompanhar: estilo e chave da pastoral juvenil e samaritana», 189.

²⁰⁸ Cf. Juan de Dios Larrú, «Acompañar, integrar y discernir», *Isidorianum* 27, n. 53 (25 de Junho de 2018): 27, <https://doi.org/10.46543/ISID.1827.1003>.

²⁰⁹ Cf. Monge, *Aprender el arte de acompañar. Guía para acompañantes y acompañados*, 9.

²¹⁰ Cf. Corpo Nacional de Escutas, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 38.

como uma ponte transpõe o ribeiro».²¹¹ Se não há relação, neste objetivo comum, não há crescimento.

Neste olhar sobre o acompanhamento proporcionado pelo CNE, cabe-nos sublinhar que ele abrange todas as áreas de desenvolvimento da pessoa. Então, aos assistentes, porque são padres, cabe a assistência na fé e aos dirigentes, a assistência na formação humana. No entanto, não implica que haja um rigorismo na separação destas duas orientações, porque de ambas as partes pode e deve haver assistência para todas as áreas, dada a interligação existente. Ora, tudo isto se dá em liberdade, sem receitas ou estereótipos, pois cada pessoa é única, como deve ser único o acompanhamento pessoal.²¹² É sobretudo dos orientadores e dos mais velhos que parte toda a exemplaridade, porque a pedagogia do testemunho é realmente importante na educação juvenil.²¹³

A partir daqui, queremos traçar uma personalidade identitária quer de acompanhados, quer de acompanhantes. Este perfil servir-nos-á de exemplo para uma realidade futura. Logo, esta arte carece de humanos com capacidade de escuta das movimentações interiores das crianças, para que de forma carinhosa e simples as ajudem a desenvolver-se e a despertar para uma vida de amor.²¹⁴ A docilidade aproxima as carências, para que se possa tratá-las.

2.1. Os acompanhados

Ao voltar o olhar, especificamente, para os acompanhados e tendo em conta que as relações acontecem no espaço vivencial concreto, destacamos que «ser corpóreos significa ser dependentes. [...] Fomos feitos para depender uns dos outros».²¹⁵ Ser com outros implica reconhecer que não há vida exilada. Uma pessoa depende de outras e com outras faz caminho. Logo, para que no percurso haja interajuda, não poder faltar transparência interna do “eu” verdadeiro, ao “tu”, que com mãos de oleiro, vai moldar a realidade fragmentada, para a cuidar, aperfeiçoar e potenciar.²¹⁶ Neste ponto de vista, o acompanhamento pedagógico não deixa de se aplicar quer no modelo vertical, quer no modelo horizontal, porque ninguém é realmente

²¹¹ Baden-Powell, *A Caminho do Triunfo*, 97.

²¹² Cf. Correia, «Deus educa o seu povo. A pedagogia da Escritura», 46.

²¹³ Cf. Corpo Nacional de Escutas, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 234.

²¹⁴ Cf. Pagola, *O Caminho Aberto Por Jesus*, 148.

²¹⁵ Timothy Radcliffe, *Na margem do mistério: ter fé em tempos de incerteza*, trad. Maria Pernas (Lisboa: Paulinas Editora, 2017), 95.

²¹⁶ Cf. Monge, *Aprender el arte de acompañar. Guía para acompañantes y acompañados*, 43.

crescido, que não consiga descer ao nível do outro.²¹⁷ Na comunicação acompanhante é essencial estar ao mesmo nível, sem trocar de papéis, pela verticalidade que os distingue.

O acompanhante nasce não só da vontade própria de querer ser ajudado, como do tempo indicado, em que sente que é a hora certa. Embora possa ser despertado por um outro que o quer auxiliar, este não pode ser obrigado, caso contrário perde-se a essência do acompanhamento. Tudo começa bem, quando há dois desejos, um de pedir apoio e outro de querer coadjuvar.²¹⁸ É-se útil, quando livremente há disponibilidade para apoiar um outro, em qualquer mútua. Viver acompanhado por terceiros descentra a pessoa do egoísmo e fá-la entender-se precisada de outros para ser.²¹⁹ No entanto, ser acompanhado não retira o dever à própria pessoa de ser protagonista da sua vida. Ser auxiliado não implica ser por si. «Na realidade, no escutismo, pretende-se que a acção pedagógica esteja centrada no próprio escuteiro, que é chamado a ser protagonista do seu auto-desenvolvimento».²²⁰ Aos jovens apenas é dado impulso para enfrentar medos e centra-se na esperança, a partir de um outro que já enfrentou a mesma realidade e agora pode desmitificar ideias que assombram a mentalidade pueril.²²¹ A relação que prevemos será frutífera a partir da confiança e respeito mútuo, como base na qual assentam as relações.²²² Encontrar-se com alguém para se expor a uma ajuda é um encontro cristão. É um acontecimento de comunhão no qual os dois se abrem ao terceiro,²²³ que guia o encontro.²²⁴ Neste contexto, requer-se franqueza no diálogo, em liberdade de assumir o que é, mesmo perante as maiores fragilidades. Quando um ecoa dentro do outro, começa o acompanhamento.²²⁵

A partir daqui destacamos três características fundamentais para que o acompanhado faça um percurso saudável e eficaz, como ato potenciador da pessoa humana. A primeira centra-se na pessoalidade, a segunda na integralidade e a terceira na potencialidade. Vejamos:

a pessoalidade: o acompanhamento requer um espaço e tempo próprio, no qual a pessoa adquire a coragem de transpor o medo de dizer-se como pessoa a um outro. Cada um tem a sua história a partilhar, pelas várias dimensões que a constitui. É gratificante ser escutado, na

²¹⁷ Cf. Corpo Nacional de Escutas, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 233.

²¹⁸ Cf. Enrique Montalt, *El consejero pastoral. Manual de «relación de ayuda» para sacerdotes y agentes de pastoral* (Bilbao: Editorial Desclée de Brauwert, 2010), 119.

²¹⁹ Cf. Corpo Nacional de Escutas, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 54.

²²⁰ Corpo Nacional de Escutas, 382.

²²¹ Cf. Henri Nouwen, *O curador ferido. O ministério na sociedade contemporânea*, trad. Luísa Abreu, 3ª (Porto: Paulinas Editora, 2021), 56.

²²² Cf. Montalt, *El consejero pastoral. Manual de «relación de ayuda» para sacerdotes y agentes de pastoral*, 122.

²²³ Explanamus este conceito no ponto: *1.1. Passos de dois a três*, pág. 61.

²²⁴ Cf. Balthasar, *Só o Amor é Digno de Fé*, 103.

²²⁵ Cf. Montalt, *El consejero pastoral. Manual de «relación de ayuda» para sacerdotes y agentes de pastoral*, 124.

possibilidade de abertura total. Daí a primeira característica ser a personalidade edificada na confiança. Importante é ajudar a reconhecer a presença de Deus na vida da pessoa. Contudo, embora seja requerido um espaço recatado, não invalida a prática do acompanhamento em contexto grupal, durante as atividades. Esses momentos também são importantes;²²⁶

a integralidade: o acompanhado ao expor o que é, ao descobrir-se, tem de o fazer num todo, ou seja, ele não possui só dons, ou qualidades, nem é, unicamente, definido pelas vulnerabilidades, ou erros cometidos. Se usa máscaras, como encobrimento, danifica a hipótese de na verdade construir a sua identidade. É com o que ele é que se faz caminho;²²⁷

a potencialidade: a partir do que vive e do que apresenta, traça-se um caminho concreto, que o próprio poderá escolher, de modo a ultrapassar as dificuldades e estimular o que de bom já possui. Tudo isto acontece de modo gradual. Não há limitações temporais, nem metas a cumprir. Requer-se apenas que o acompanhado descubra quem é e identifique, pela fé, a ação de Deus em si. Fazer este caminho a partir do totalmente Outro melhora-o radicalmente. Com isto, inicia-se o caminho de conversão pessoal, de que falaremos mais à frente.

Enfim, os jovens escuteiros crescem em liberdade, a partir de um método que os eleva a ser autores da sua educação, com o acompanhamento de adultos. Respeita-se a sua liberdade, sem deixar de se indicar o caminho a seguir (Cf. *CV*, 242). Em verdade, o acompanhado descobre-se amado, para viver em felicidade.

2.2. Os acompanhantes

Em seguimento com o que aferimos no pensamento anterior, queremos agora traçar linhas bases do acompanhante, em perfil cristão. Como característica principal, entendemos a disponibilidade interior de se pôr à disposição de quem lhe solicita apoio, com uma fé esclarecida.²²⁸ Em virtude desse dom, o acompanhante cristão, autêntico, vive compenetrado com a Igreja, no espaço e no tempo. Este deseja a santidade, por meio do múnus que desempenha. Possui a aptidão da escuta salubre, para compreender e para responder amavelmente. Sem esquecer nenhum dos seus limites, assume-se manso, bondoso e com uma consciência clara de si próprio (Cf. *CV*, 246). O que aconselhar aos jovens, tenha-o experimentado primeiro. É caso de dizer que, embora aconselhe, não substitui a pessoa. Logo, o dirigente, ou assistente, não impõe, mas propõe. «Só assim permite que o escuteiro seja o

²²⁶ Cf. Monge, *Aprender el arte de acompañar. Guía para acompañantes y acompañados*, 27.

²²⁷ Cf. Monge, 28.

²²⁸ Cf. Nouwen, *O curador ferido. O ministério na sociedade contemporânea*, 55.

principal motor da sua educação. É preciso não esquecer, então, que educamos para a autonomia. Por isso, é necessário que, mantendo-nos vigilantes e atentos, eduquemos com autonomia».²²⁹ Nesse caso, no sistema de progresso, os dirigentes tomam a vida do escuteiro, cultivam-na, com atenção e cuidado, retirando os impedimentos que a travam, e deixam-na desabrochar, para que dê frutos.²³⁰

Com efeito, o testemunho é um marco na planície educativa. A imagem comportamental transmite tanto ou mais saber do que palavras despidas de prova.²³¹ O bom acompanhante vê-se pela vida que trilha. «Sê para eles um modelo, nunca um legislador».²³² Ainda mais, o dirigente traduz todo o conhecimento que possui, na linguagem pueril, quando a transforma em imagens visíveis. Mais do que mensagens, ele é a mensagem viva. A vida transmite vida. Em fase de crescimento, as crianças/jovens adquirem muita sabedoria pela visão. O modo como percebem o mundo edifica o estilo com que querem vivê-lo.²³³ Portanto, o estilo de vida do acompanhante, a qualidade do seu ser determinará o modo como acompanha.²³⁴ Nesta esteira, queremos apresentar o perfil identitário do acompanhante, com base no artigo *Acompanhar: estilo e chave da pastoral juvenil e samaritana*. Vejamos as ideias a apresentar:

reconhecer-se humano: ter uma consciência límpida e clara, quanto à afetividade, racionalidade e praticidade. Saber-se incapacitado e congratulado de dons.²³⁵ Fazer todos os possíveis para que haja coerência entre o que vive e ensina. Essa congruência dá-lhe autoridade, mesmo sendo imperfeito.²³⁶ Sem dúvida que um bom orientador sabe criar espaços de proximidade e de contacto, nos quais a sua presença pode ser positiva. A humanidade tem por base a amizade.²³⁷ Pode dizer-se que «o modo como tocamos nas pessoas faz intimamente parte da nossa missão; é por isso que o contacto invasivo, o contacto violento é tão terrível».²³⁸ A humanidade reconhecida no todo natural não é invasiva para o próprio, nem para os semelhantes.

ser na comunidade eclesial: um acompanhante é caracterizado pela sua oração, expressão de fé, e participação ativa e efetiva na liturgia paroquial. Nesta reconhece-se

²²⁹ Corpo Nacional de Escutas, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 160.

²³⁰ Cf. André Louf, *Ao ritmo do absoluto. Viver em oração*, trad. Miriam Godinho (Braga: Apostolado da Oração, 1999), 94.

²³¹ Cf. Corpo Nacional de Escutas, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 377.

²³² Louf, *Ao ritmo do absoluto. Viver em oração*, 95.

²³³ Cf. Forestier, *Pela Educação à Liberdade. Um Caminho - O Escutismo*, 98.

²³⁴ Cf. Louf, *Ao ritmo do absoluto. Viver em oração*, 96.

²³⁵ Cf. Almeida, «Acompanhar: estilo e chave da pastoral juvenil e samaritana», 188.

²³⁶ Cf. Monge, *Aprender el arte de acompañar. Guía para acompañantes y acompañados*, 37.

²³⁷ Cf. Corpo Nacional de Escutas, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 381.

²³⁸ Radcliffe, *Na margem do mistério: ter fé em tempos de incerteza*, 91.

pertencente a um povo, como herdeiro de um legado, do qual recebeu um testemunho e que agora tem a missão de transmitir. Como batizado, tem o dever de ser para os outros, na partilha dos dons que recebe. Exemplo disso é a salvação oferecida por Jesus.²³⁹ Além disso, é um ser para a escuta, para o acolhimento, sem deixar de ser verdadeiro nas palavras. Mesmo na correção fraterna (Cf. *DFSB*, 102). Na comunidade é o primeiro a servir.

espiritualidade discernida: vive a partir da ação do Espírito na sua vida, porque aprofunda e cultiva diariamente a relação com Jesus. Dialoga com a Sagrada Escritura, reconhecendo que dela brota Vida. Silenciosamente contempla e busca a encarnação do Verbo.²⁴⁰ Asseveramos que uma vida espiritual enraizada em Deus é o garante para se ser acompanhante, assumindo essa missão com e para a liberdade (Cf. *DFSB*, 102).

gosto educacional: quem acompanha tem de o realizar com paixão pelos jovens, sabendo que a sua ação contribui para a construção de identidades, que no momento são vulneráveis. O principal objetivo é o bem do educando e a sua liberdade. A título de exemplo, «o dirigente deixa aos seus elementos o máximo de espaço para imaginar, decidir, planejar, concretizar, avaliar e celebrar, evitando ser autoritário, directivo ou super-protector».²⁴¹ Referido noutros contextos, notamos novamente que Deus é o exemplo primário a seguir, na pedagogia educacional, visto que Ele educa com a própria vida da pessoa.²⁴²

orientar ao bom discernimento: com um coração grandioso, orienta à luz de Deus, com sabedoria prática das adversidades da vida. Sem descontrolos, mas com mansidão, arrisca enveredar amorosamente pela coragem de arriscar e experimentar a novidade.²⁴³ Porque sabe esperar o ritmo salutar do caminhar do outro, também «saber ouvir Deus e agir ao seu ritmo, sem pressas nem travagens».²⁴⁴ Entende ritmar o seu pulsar cárdico com o coração que acompanha, para nele depositar o que ouve. Entrar no interior do dialogante e tocar a fímbria do mistério que o constitui. Em silêncio é ativo, até para o observar, visivelmente, toda a sua ação corporal.²⁴⁵ Se este desenrolar for difícil, proponha questões, passivamente, verdadeiras, que deixem o jovem em contacto com a ação do Espírito (Cf. *DFSB*, 97). Saber esperar com paciência é um dom que os jovens desejam sentir.

²³⁹ Cf. Almeida, «Acompanhar: estilo e chave da pastoral juvenil e samaritana», 188.

²⁴⁰ Cf. Almeida, 188.

²⁴¹ Corpo Nacional de Escutas, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 382.

²⁴² Cf. Nouwen, *O curador ferido. O ministério na sociedade contemporânea*, 61.

²⁴³ Cf. Almeida, «Acompanhar: estilo e chave da pastoral juvenil e samaritana», 189.

²⁴⁴ Monge, *Aprender el arte de acompañar. Guía para acompañantes y acompañados*, 38.

²⁴⁵ Cf. Monge, 39.

libertar para crescer: o orientador é o garante do bom ambiente, quer do espaço do acompanhamento, quer do espaço das atividades do grupo. Sem esquecer as regras que os orientam, as crianças e jovens têm esse campo para livre iniciativa. Entende-se que à medida que a idade evolui e o jovem alcança liberdade sadia, a figura dos dirigentes diminui.²⁴⁶ Pela independência dá-se o crescimento. Observe-se, no entanto, que não implica ser autossuficiente, porque, como vimos, somos seres para os outros. Sendo assim, «um orientador deve confiar sinceramente na capacidade que cada jovem tem de participar na vida da Igreja» (CV, 246). Confiar livremente é dar vida ao jovem. Logo, «a tarefa do guia cristão é realçar o melhor que os homens têm. E conduzi-los na direção de uma comunidade mais humana».²⁴⁷ Preparam-se e auxiliam-se os jovens para viverem na e para a comunidade, sabendo-se únicos e verdadeiros.

Por todas estas razões, averiguamos que «só quem se dá a si mesmo é criador de futuro».²⁴⁸ Entenda-se que os chefes têm esta missão de viver em prol da realização pessoal dos jovens que lhes são confiados e que estes tenham um encontro pessoal com Jesus Cristo.²⁴⁹ É um verdadeiro apostolado. «Em síntese, acompanhar exige colocar-se à disposição tanto do Espírito do Senhor como de quem é acompanhado, com todas as suas qualidades e capacidades, e depois ter a coragem de humildemente se afastar» (DFSB, 101). Porque esta legado é exigente, dever-se-ia ter em atenção a correta formação dos orientadores, para que nada se perca, mas tudo seja alcançado (Cf. CV, 246). No CNE esta necessidade é correspondida por formações permanentes e atualizadas, ao tempo presente. Várias são as propostas apresentadas, para que todos estejam cientes do tempo em que vivem.

2.3. A comunidade escutista no âmago da Igreja

O CNE, em Portugal, molda a animação na fé a partir das orientações pastorais, quer a nível nacional, diocesano, quer a nível paroquial, porque «o escutismo é chamado a realizar e a valorizar esta dimensão comunitária da fé».²⁵⁰ Como sabemos, no terreno o movimento demarca-se por agrupamentos, que, normalmente, estão sediados em paróquias. Isso implica que toda a vivência escutista influencia a vida paroquial.²⁵¹ Embora exista muita conexão entre agrupamentos, não é possível que estes vivam de forma isolada, no berço de uma comunidade.

²⁴⁶ Cf. Corpo Nacional de Escutas, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 382.

²⁴⁷ Nouwen, *O curador ferido. O ministério na sociedade contemporânea*, 59.

²⁴⁸ Joseph Ratzinger, *Fé e Futuro*, trad. Conceição Sousa (Lisboa: Princípiã Editora, 2008), 103.

²⁴⁹ Cf. Forestier, *Pela Educação à Liberdade. Um Caminho - O Escutismo*, 323.

²⁵⁰ Conferência Episcopal Portuguesa, *Exortação Pastoral - O Escutismo, Escola de Educação*, 11.

²⁵¹ Cf. Silva, «A inserção eclesial do CNE», 63.

O CNE assume-se como um movimento juvenil, estando deste modo caracterizado pela missão pastoral.²⁵² Perceba-se que na paróquia o escutismo tem de tomar parte no conselho pastoral, pela ação missionárias que desempenha.

Decerto, o facto de o movimento estar inserido na paróquia e de conter uma boa percentagem de jovens leva a pensar que este é um meio fecundo no qual se pode fazer experiência de fé.²⁵³ Depois de analisarmos o método pedagógico na dimensão da fé e percebermos que os orientadores desempenham um legado fundamental no acompanhamento dos jovens, averiguamos que este movimento tem enormes potencialidades. Deste modo, admite-se importante a participação do escutismo nas práticas comunitárias, na inter-relação com os outros movimentos, porque assim faz experiência de eclesialidade. Notando que há possibilidade de os seus membros estarem inseridos nos vários movimentos, ressalta a ideia de se poderem fazer pontes entre as dimensões pedagógicas abordadas por cada um, em vez de se criarem barreiras.²⁵⁴ A participação na celebração dos sacramentos é uma delas.

Consequentemente, aferimos que a vida comunitária não é dispensável. Ao ser em comum, descobre-se que «a experiência comunitária da fé expressa-se sobretudo a partir de três grandes dimensões: celebrativa (liturgia), testemunhal (martírio) e servicial (diaconia)».²⁵⁵ A partir destas três dimensões, a vivência comunitária torna-se real e verdadeira. Um escuteiro, como cidadão exemplar, faça-se discípulo servil.

3. O escutismo no caminho de uma nova conversão pastoral

No terceiro e último ponto, central, deste capítulo, queremos remar até uma nova planície, na qual advém uma conversão pastoral. Temos em vista o desaguar de uma nova mentalidade, a partir de um processo conjunto, desimpedido de autoritarismos ou apenas funcional. Volta-se, novamente, o enfoque para os jovens, porque são eles os protagonistas desta conversão pastoral.

²⁵² Cf. Equipa Nacional Dos «Scouts de France», *Baden-Powell Hoje*, 93.

²⁵³ Cf. Equipa Nacional Dos «Scouts de France», 90.

²⁵⁴ Conferência Episcopal Portuguesa, *Exortação Pastoral - O Escutismo, Escola de Educação*, 12.

²⁵⁵ Messias, «A fé como experiência existencial», 359.

3.1. *Os sinais dos tempos, uma linguagem contemporânea da fé*

Ao desvelar da memória, de um tempo passado, mas ainda bem presente nos nossos contemporâneos, ressalta à vista a obediência amedrontada, própria de um sistema autoritário. Em todos os setores da sociedade ressoava o tom prepotente.²⁵⁶ Poucos eram os que revolucionariamente tentavam derrubar as fatídicas imposições, à procura de liberdade. Mesmo «a fé aparecia como algo invulnerável, transmitida de geração em geração».²⁵⁷ Não havia escolha, nem poder de decisão assumido. A fé dos pais impunha-se aos filhos, criteriosamente ostentada.

Pelo contrário, na crescente maioria, o sujeito atual, desafogadamente livre, vive sem uma estrutura interna definível, tornando-se vulnerável, porque depende apenas de si. Encerrado numa procura interna viciosa, porque gira apenas em volta do ego,²⁵⁸ este não procura edificar a consciência sobre alicerces firmes, rejeita a religião e defende unicamente os seus direitos, num materialismo possessivo (Cf. *FT* 275). O desenho cultural da Europa ocidental, caminha a passos largos para o modelo humanista que apresentamos do humano atual.

A cultura tem, desde sempre, uma influência predominante na ação pedagógica da sociedade, ou seja, desde crianças todos os seres humanos são moldados pelo espaço e pelo tempo onde habitam. Nem sempre esse meio tem um desenvolvimento saudável e sustentável, para uma estruturação adequada de todas as dimensões humanas. Só numa sociedade estruturalmente correta, ou seja, rica em todas as dimensões, é possível que as pessoas tenham perceção de todas as ofertas disponíveis.²⁵⁹ Em Igreja «é necessário ter consciência da indiferença que marca a vida também de muitos cristãos, para a superar com o aprofundamento da dimensão social da fé» (*DFSB*, 12). Nos crentes há um receio contagiante de professar a fé em que acreditam e vivem uma cultura *antitranscendente*. A racionalidade descontrolada é, sumariamente, irracional. A pertença paroquial é diminutiva e o vaguear de territórios leva a não compromisso numa determinada comunidade. Como se não bastasse, as propostas pastorais concedidas ora são ultrapassadas, ora são minoritariamente pouco estruturantes (Cf. *DFSB*, 18).

²⁵⁶ Cf. Michael Paul Gallagher, *A surpreendente novidade de Cristo*, trad. Carlos Reis (Braga: Apostolado da Oração, 2012), 29.

²⁵⁷ Gallagher, 14.

²⁵⁸ Cf. João Manuel Duque, «Desafios contemporâneos ao Cristianismo», em *Propor a fé numa pluralidade de caminhos*, ed. Luís M. Figueiredo Rodrigues (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017), 15.

²⁵⁹ Cf. Gallagher, *A surpreendente novidade de Cristo*, 26.

Não querendo entrar num fundo pessimista, ainda caminhamos para um derrocar profundo da estrutura pastoral pouco apelativa.

Efetivamente, o tempo tende a restringir-se à duração do descarte. Não se produz para durar, mas para satisfazer a insaciedade de um mundo sedento de exibicionismo. Mais produção, mais economia, mais riqueza. Não há tempo para estar, ficar com. O relógio perdeu os sentidos e o humano os sentimentos. Se, imprevisivelmente, dura mais um pouco, terá de ser substituída pela novidade, enquanto outra se produz.²⁶⁰ Em realidade, «na cultura dominante, ocupa o primeiro lugar aquilo que é exterior, imediato, visível, rápido, superficial, provisório» (EG, 62). Posto isto, para nos situarmos, apesar de o humano ser definido, visivelmente, por matéria e forma, há uma dimensão espiritual que não é definível matematicamente.

Quer dizer que, face ao panorama exibido, «o processo de secularização tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado e íntimo» (EG, 64). Contrariamente ao que tende a acontecer, para que a fé viva acesa na comunidade, não se pode enclausurar na vida interior, ou numa questão factual. Na verdade, «a discussão contemporânea sobre as “práticas” acentua no facto de que a nossa linguagem da fé tem que ser comunitária e enraizada em compromissos vividos. Necessita de encarnar num modo de vida partilhado».²⁶¹ De facto, há uma necessidade de assumir a fé compenetrada com a decisão pessoal. Logo, tende a guardar-se no ambiente interior.²⁶² Todavia, essa vivência não impede nem condiciona a profissão pública da fé, antes a impulsiona para a participação na vida comunitária, na liturgia, na escuta da Palavra e na convivência eclesial, na qual serve.²⁶³ O crente não só vive no modo do Absoluto, como ruma contra a maré da devastação, porque tem confiança na verdade divina.

No entanto, este é o tempo que temos para viver e não há outro no qual possamos transplantar a existência. «A cultura em que estamos é inevitavelmente aquela em que a fé cristã pode ser vivida, [...] o nosso lugar é este e não há outro melhor».²⁶⁴ Apesar da fragmentação social, que desemboca no desequilíbrio estrutural, não se pode deixar de ser buscador de sentido verdadeiro, a partir de uma nova consciência espiritual.²⁶⁵ À dormição da sociedade, deste tempo, pela racionalidade sedante, acresce a urgência de despertar para um preâmbulo espiritual arreigado na afetividade. «Para uma sensibilidade pós-moderna, o que é necessário é uma pré-

²⁶⁰ Cf. Byung-Chul Han, *Do Desaparecimento dos Rituais*, trad. Carlos Leite (Lisboa: Relógio D'Água, 2020), 13.

²⁶¹ Gallagher, *A surpreendente novidade de Cristo*, 69.

²⁶² Cf. Duque, «Desafios contemporâneos ao Cristianismo», 15.

²⁶³ Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 69.

²⁶⁴ Duque, «Desafios contemporâneos ao Cristianismo», 12.

²⁶⁵ Cf. Gallagher, *A surpreendente novidade de Cristo*, 34.

evangelização espiritual que liberte a vontade e desperte para formas de oração e de escuta da Palavra. [...] Um lento caminho de disposição para a fé». ²⁶⁶ A partir da urgência de trilhar este caminho, não há um tempo definido, para que este se cumpra completamente. Dar tempo ao tempo, nos passos salutares, reconhecendo que esta é a nossa vez. É no agora que acontece a nossa realização. ²⁶⁷ Amadurecer requer tempo. Tendo isso em conta, não deixa de ser impactante, na cultura, o testemunho comunitário e unitário. Pela presença de adultos na fé, na comunidade, far-se-á questionar quem de fora observa. ²⁶⁸ Com pessoas maduras na fé, potencia-se a maturidade cristã dos mais novos.

Portanto, dá-se na terra que pisamos a evangelização. Esta urge estar e ser adequada à cultura própria na qual é pregada. Na verdade, «a evangelização nasce sempre já de processos culturais e origina processos culturais, sendo uma das suas principais finalidades precisamente a permanente transformação da cultura». ²⁶⁹ Hoje, mais do que nunca, há inúmeros meios disponíveis para se realizar uma atualização pastoral. Ao olhar os sinais dos tempos, com uma interpretação evangélica, sobressai o dever de usar linguagem corrente para responder aos desafios deste tempo. Mesmo para redarguir às questões do foro antropológico e escatológico, supracitadas em contexto religioso (Cf. *GS*, 4). Cabe-nos oscular este tempo para compreender e dar a conhecer a esperança comum, na qual acreditamos em comunidade eclesial. Mesmo rodeados do crescente individualismo, a nossa alegria pascal é o caminho no qual queremos ser no Reino de Deus. ²⁷⁰ Será impossível?

3.2. *O emergir de um novo paradigma, a partir do escutismo*

A antevisão proposta por nós, na exposição transata, conduz a um rescaldo de que é visível a urgência de um novo paradigma pastoral. No escutismo vemos subjacente esse despontar, tendo em conta o modelo pedagógico utilizado. O objetivo comum para a proposta que queremos continuar é criar condições favoráveis para que crianças e jovens possam despertar para Deus. A partir daí, poder-se-á potenciá-las nos seus dons, num diálogo livre e aberto, tendo em conta a sua conversão pessoal, na maturidade cristã. Para um Igreja em missão, formar-se-ão discípulos missionários, a partir da infância (Cf. *EG*, 27).

²⁶⁶ Gallagher, 55.

²⁶⁷ Cf. Julián Carrón, *O despertar do humano. Reflexões de um tempo vertiginoso*, trad. Cláudio Cruz (Porto: Paulus Editora, 2020), 30.

²⁶⁸ Cf. Almeida, «Comunidade Evangeliadora na perspetiva de João Paulo II», 72.

²⁶⁹ Duque, «Desafios contemporâneos ao Cristianismo», 12.

²⁷⁰ Cf. Armando Matteo, *Converter Peter Pan. O destino da fé na sociedade da eterna juventude*, trad. Maria do Rosário de Castro Pernas (Porto: Paulinas Editora, 2022), 154.

3.2.1. A ação pastoral do diálogo

A verdade e a liberdade assentam sobre o diálogo. Nas relações interpessoais, mesmo entre gerações, não há outro jeito de se estabelecer relação sem a existência de uma profunda conversação. Como vimos, a pedagogia escutista tem por base este modo de comunicar, na educação não formal. A obediência dialogal é modo como tudo acontece, entre idades distintas. Acompanhar é dialogar. «É tempo, como crentes, de *oferecer o dom do nosso tempo*».²⁷¹ No tempo a ofertar está não só a nossa liberdade dialogada, como o dom da escuta. É por isso que «a evangelização implica também um caminho de diálogo» (EG, 238). O despertar da mudança inicia-se neste horizonte.

Observe-se que no âmbito pastoral, pela realidade que expomos, toda e qualquer ação discernida é tomada com todos. Ou seja, não há imposição. Pelo diálogo, parte-se de ideias e chega-se a uma conclusão partilhada. Há uma dimensão igualitária no poder de decisão, embora haja fios condutores. Isto estimula a responsabilidade, o poder de decisão e o estado ativo da pessoa. Nesse sentido, «os responsáveis pastorais considerarão os requerentes como seres adultos e, tanto quanto possível, iguais a si. Mais ainda, reconhecer-se-ão, como eles e com eles, recetores do dom gratuito de Deus».²⁷² O diálogo requer partilha e doação mútua. Afirmamos como verdade que «a fé cristã é uma experiência comunitária forte e viva, que os jovens partilham com alegria» (DFSB, 48). Por isso, é espontaneamente livre e pessoal.

Atentamente, notamos que neste tempo há mudanças rápidas que ocorrem constantemente. Ora, a atenção centra-se na linguagem utilizada, para se poder transmitir inalterado o depósito da fé (Cf. EG, 41). Uma ação pedagógica requer-se abertamente dialogal, com termos e conteúdos atualizados. Com transparência e gratuidade caminha-se em conjunto, com a mesma fonte (o evangelho), para um objetivo comum.²⁷³ Nos grupos escutistas nascem e tecem-se momentos de partilha, numa linguagem simples e profunda, sem que nada seja imposto. «A coisa mais bela que podemos dar aos outros, quando os amamos, é apenas o espaço para ser, falar ou estar em silêncio, quando eles têm necessidade».²⁷⁴ Com seriedade e respeito pela integridade pessoal, o grupo edifica-se na amizade e fraternidade.

Nesta linha, os grupos eclesiais que partem da partilha dialogada e experimentada no terreno veem um crescente número de jovens a alterarem o modo de ser e de estar, porque o

²⁷¹ Matteo, 148.

²⁷² Sophie Tremblay, «O diálogo pastoral revisitado», em *Uma nova oportunidade para o Evangelho. Para uma pastoral de geração*, trad. Maria Pernas (Lisboa: Paulinas Editora, 2014), 167.

²⁷³ Cf. Tremblay, 175.

²⁷⁴ Radcliffe, *Na margem do mistério: ter fé em tempos de incerteza*, 19.

que ensinam é vivido e partilhado entre eles. Estes ambientes são de profunda riqueza para a evangelização, pelo contacto entre a realidade humana e a experiência da fé partilhada (Cf. *EG*, 29). Descobrir-se e experienciar a humanidade em conjunto é o caminho mais seguro para a abundante comunhão eclesial. Há beleza na experiência da verdade partilhada.²⁷⁵ No entanto, viver assim exige maturidade para se saber parte de um todo, ou seja, aprender a escutar, dar espaço ao outro, servir, saber pedir perdão e admitir-se envolvido na comunhão do grupo (Cf. *DFSB*, 103). O que quer dizer que toda esta ação acontece não só entre diferentes, em idade (cooperação vertical), como entre semelhantes (cooperação horizontal).

Por esta razão, para além de atividades na natureza, com fundo educacional, projetam-se sempre momentos de oração partilhada, tertúlias, entre outros, nos quais possa haver conversação, troca de impressões e sobretudo aquisição de conhecimentos de vida. Este modo de agir conduz à caminhada peregrinante, porque no mesmo caminho se entrelaçam as identidades (Cf. *DFSB*, 142). Não será este um caminhar conjunto, próprio deste tempo?

Um modo de ser conjunto impele à confiança grupal, comunitária e eclesial. No diálogo entre gerações aprende-se a ser com esperança e a crescer com raízes, porque, «sem um confronto com um adulto, não só de nome, mas também de facto, ninguém se pode tornar, por sua vez, adulto».²⁷⁶ Em conjunto aprende-se uns com os outros, pela experiência e pela novidade a despontar. Pelo evangelho as mãos ganham uma afeição labutar (Cf. *CV*, 199).

3.2.2. Potenciar os jovens a ser missão na Igreja

Ao chegar a este momento, advém a consciência de que, pelo facto de termos abordado o tema do acompanhamento pastoral, cabe agora dizer que o mesmo suscita os jovens a ser por inteiro. No CNE, pelos carismas que lhe compete, os agentes pastorais (leigos e sacerdotes), têm a missão de despontar nos mais novos a consciência para a missão. Sabemos que o escuteiro está alerta para servir. Desse modo, impulsiona-se o jovem a ser um sujeito ativo na e para a comunidade. Por ser verdade, «o Deus que vem ao nosso encontro põe em movimento as potencialidades de cada criatura para que, embora ferida e enfraquecida, possa dar em cada situação o melhor de si».²⁷⁷ A vulnerabilidade desnuda a humanidade e permite que a pessoa conheça as suas limitações e dons.

²⁷⁵ Cf. José Eduardo Borges de Pinho, «A leitura dos sinais dos tempos e suas implicações na vida da Igreja», *Didaskalia* 41, n. 1 SE-Artigos (1 de Janeiro de 2011): 165, <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2011.2299>.

²⁷⁶ Matteo, *Converter Peter Pan. O destino da fé na sociedade da eterna juventude*, 150.

²⁷⁷ Paolo Scquizzato, *O elogio da imperfeição. O caminho da fragilidade*, trad. António Rocha, 3ª (Porto: Paulinas Editora, 2017), 22.

Ora, este modo de estar em comunidade permite evangelizar jovens e permite que eles amadureçam a fé num ambiente salutar. Este compromisso, que muitos jovens aceitam, deveria ser exemplo, quer para outros grupos paroquiais, quer para jovens do exterior (Cf. *DFSB*, 56). No serviço desinteressado, na união e na amizade, transparece a riqueza de pertencer a este berço comunitário.²⁷⁸ Trabalhar em equipa é realmente precioso, pela diversidade de dons. Realmente, o Papa Francisco incide que «todos sejam ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respetivas comunidades» (*EG*, 33). A fé pede criatividade e reinvenção. Ficar preso ao passado, ou a métodos, impede crescer. Jesus foi, poderosamente, criativo nos caminhos que inaugurou.²⁷⁹ Nada o impediu.

Assim, porque todos os jovens devem ser estimulados a sonhar e sustentados nos seus sonhos, cabe a quem de direito fazer os possíveis para que os mesmos se realizem. Ora, esses sonhos crescem dos carismas que cada um possui. Neles está a graça de Deus, presente e atuante, para que a pessoa tenha condições de exercer serviço comunitário.²⁸⁰ Na descoberta dos carismas a pessoa realiza-se e vive para a felicidade evangélica. Na pluralidade dos dons vê-se a beleza e descobre-se que todos têm um dom especial. Infelizmente, nem em todos os contextos há oportunidade de se identificarem estes carismas. Contudo, o dom da fé é a base comum pela qual despontam todos os outros, sabendo que o maior é a caridade.

3.2.3. *Enraizar o evangelho entre os jovens escuteiros*

O caminho escutista, como o decorrer de um rio, desagua no envio para a comunidade. Terminada a idade educativa, ou de ser caminheiro, o escuteiro ou faz formação para dirigente, por indicação da comunidade escutista, ou é enviado em missão. Por esse motivo, durante os anos de escutismo, o jovem deve preparar-se e crescer na fé, para viver a partir do evangelho. Já vimos que há inúmeros esforços para que isto seja possível. Com sentido, diz-se que «o escutismo pode e deve ser hoje caminho para a Nova Evangelização».²⁸¹ Se assim é, tenha-se o cuidado de enraizar o evangelho na vida de todos, fazendo-os discípulos.

Atentamente, relembramos que «sem a dimensão espiritual (dimensão religiosa), não existe verdadeiro escutismo, nem se pode falar em contributo para o desenvolvimento

²⁷⁸ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, *Exortação Pastoral - O Escutismo, Escola de Educação*, 11.

²⁷⁹ Cf. Pagola, *O Caminho Aberto Por Jesus*, 74.

²⁸⁰ Cf. Pinho, «Dimensão eclesial da fé», 208.

²⁸¹ Teixeira, «Os Desafios da Nova Evangelização e o Escutismo», 23.

integral».²⁸² De facto, já Baden Powell pensara o mesmo ao realçar a pertença religiosa como fundamental para a integridade da pessoa humana. Com efeito, o desenvolvimento espiritual manifesta-se no amor fraterno, no saborear da generosidade e misericórdia divina (Cf. *CV*, 163). É na história de cada um que isto acontece, logo pretende-se uma doação total e radical ao ideal evangélico, porque é nele que Jesus se manifesta. Portanto, Deus é o divino presente na realidade concreta de cada um, pela humanidade do Filho.²⁸³ Em certeza, Deus dá-se.

Os dons são personificações que reconhecemos em nós, porque é o único modo que temos de perceber a ação divina em nós. Aceitá-los é receber a doação imanente. Deus dá por amor e «o amor recebido e retribuído permite reencontrar a dimensão corpórea e relacional da nossa humanidade, com os seus ritmos quotidianos e os seus lugares-comuns, onde se dá, de facto, a experiência de Deus».²⁸⁴ Aqui nasce a confiança dos discípulos. Pela fé e verdade, seguem o legado do Mestre, com o desejo de realizar a vontade do Pai.²⁸⁵ Neste modo de vida, aprende-se a ver mais e melhor, a tocar a realidade humana, a escutar a melodia inter-relacional e a apreciar com espanto a bênção que são as pessoas e os acontecimentos que vivemos.²⁸⁶ O gosto da vida está em saborear com outros a beleza de sentir-se amado e amar.

A partir do método pedagógico de cada secção é possível traçar um itinerário peregrinante de conhecimento interno de Jesus Cristo e do seu evangelho. Desta profundidade brotará o gosto pela oração, com escuta da Palavra, pelas práticas celebrativas e pelo serviço à comunidade. Daqui ver-se-á crescer uma autêntica espiritualidade juvenil (Cf. *DFSB*, 133). Nesta certeza missionária perceber-se-á que o movimento escutista é realmente evangelizador, logo está em consonância com os demais movimentos apostólicos.²⁸⁷ Observe-se, portanto, que o cuidado com a oração, desde o lugar, a duração, a estrutura interna, tudo tem de ajudar a rezar. Nela não pode faltar a abundância da Palavra de Deus, porque é o centro de todo o momento. O dever do dirigente é verificar que nada falha e ser o primeiro a criar espírito de oração, sem esquecer a partilha das movimentações interiores.²⁸⁸ Em todo os espaços, nos quais se realize oração, não se pode banalizar o momento. Porque «os jovens mostraram que são capazes de

²⁸² Ambrosio, «Desenvolvimento Integral e Desenvolvimento Espiritual», 30.

²⁸³ Cf. Carrón, *O despertar do humano. Reflexões de um tempo vertiginoso*, 48.

²⁸⁴ Correia, *Entre-tanto. A difícil bênção da vida e da fé*, 33.

²⁸⁵ Cf. José Frazão Correia, «A fé como forma vital e forma expressiva da existência humana», em *A fé da Igreja*, ed. João Lourenço (Lisboa: Paulus Editora, 2014), 55.

²⁸⁶ Cf. Correia, *Entre-tanto. A difícil bênção da vida e da fé*, 32.

²⁸⁷ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, *CNE: Caminho de Esperança* (Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 2012), 14.

²⁸⁸ Cf. Maria do Rosário Pereira, «A oração na atividade escutista», em *Escutismo e Desenvolvimento Espiritual* (Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 2008), 88.

apreciar e viver com intensidade celebrações autênticas, nas quais a beleza dos sinais, o cuidado da pregação e o envolvimento comunitário falam realmente de Deus» (DFSB, 134). Seguir por esta esteira é um modo de iniciar-se uma renovação pastoral, na certeza de que há poucos espaços, ou momentos, nos quais os jovens possam atingir esta profundidade. Não só dentro, como fora, eles precisam de comunidades enraizadas com Cristo (Cf. DFSB, 62). Se hoje começarem, amanhã darão continuidade, porque a ação do Espírito nunca para.

Por conseguinte, os dirigentes têm a missão de realçar, aos jovens escuteiros, a pertença e a participação na comunidade paroquial. Aconselhar a participação na catequese é um dever do adulto; a participação nas celebrações litúrgicas, das quais brota todo o sentido da vivência cristã (se possível ajudar nos ministérios); ter uma presença ativa nas ações paroquiais. Com isto, é necessário que as paróquias abram as portas à novidade e ao dinamismo juvenil, com apoio total às práticas escutistas.²⁸⁹ Logo, os assistentes, como párocos, não sejam barreiras, mas pontes de diálogo e de acompanhamento espiritual. Saibam adequar-se ao tempo e aos dinamismos próprios dos escuteiros, mesmo na liturgia. Auxiliem e promovam a formação contínua dos dirigentes.²⁹⁰ Este cuidado é tão necessário, porque os jovens são tanto o hoje, como o futuro da Igreja local.

3.2.3.1. Crescer na maturidade cristã

A caminhada de vida cristã impele ao amadurecimento na fé, à medida que é realizado o percurso de iniciação catequético e com a receção dos sacramentos. Ora, se o primeiro de três princípios escutistas diz que «o escuta orgulha-se da sua fé e por ela orienta toda sua vida»,²⁹¹ conclui-se que o movimento é uma ajuda viável no percurso religioso.

Acende-se, como luz, a ideia de que é a partir de Cristo, cabeça, que nós, os seus membros, nos estruturamos condignamente. Cresce-se para Ele, com um testemunho verdadeiro de amor. Por isso, humildade e amor são indissolúveis na arte da maturidade. A mesma requer saber dar e receber.²⁹² Note-se que «crescer na fé implica, pois, uma aprendizagem do que verdadeiramente somos e das nossas relações aos humanos que nos são próximos».²⁹³ Quanto mais livre for, mais maduro vive, na certeza do amor. O que implica

²⁸⁹ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, *Exortação Pastoral - O Escutismo, Escola de Educação*, 12.

²⁹⁰ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, 15.

²⁹¹ Forestier, *Pela Educação à Liberdade. Um Caminho - O Escutismo*, 139.

²⁹² Cf. Luciano Manicardi, *Viver uma fé adulta. Itinerário para um cristianismo credível*, trad. António Rocha (Porto: Paulinas Editora, 2012), 237.

²⁹³ Duque, *No Corpo do Tempo*, 141.

reconhecer a diferença alheia e apoiar a pluralidade, sabendo equilibrá-la com o individual.²⁹⁴ Mesmo havendo tenções, ou desequilíbrios, a maturidade dirá que são momentos humanos, para crescer na fé pessoal e comunitária.²⁹⁵ Deste modo, «a comunidade madura tende a suscitar a *responsabilidade* de todos e de cada um, obviamente respeitando as capacidades e os limites, as possibilidades e os dons pessoais».²⁹⁶ Todos são corresponsáveis pela liberdade e verdade dos irmãos. Esta igualdade imprime eclesialidade e responsabiliza para o serviço comunitário, com paciência e esperança.²⁹⁷ Saber esperar é uma virtude da pessoa crescida.

Sempre entendemos que o escutismo educa para a maturidade e responsabilidade, com o jogo escutista. Com o objetivo de desenvolver as personalidades pessoais, não deixa de, livremente, subordinar os escuteiros ao grupo, para despertar o serviço.²⁹⁸ Pela autonomia cedida nas atividades grupais, adquire responsabilidades e competências, para se desenvolver e ajudar outros. A pessoa madura adquire uma relação profunda com Jesus, pela relação com Ele e com os irmãos.²⁹⁹ Um escuteiro maduro será um jovem genuíno.

3.2.3.2. *Caminhar na conversão*

A tradição cristã apresenta um caminho para Deus, a par com a maturidade, que se apresenta pela conversão de coração, ou *metanoia*. Este começa desde o nascimento e termina no fim da vida. Porque assim é, o mesmo requer atenção diária, porque tende a perder-se se não for cuidado. Nasce do encontro profundo com Jesus e vive-se na centralidade evangélica. O mesmo caminho ajuda a reconhecer-se e a descentralizar-se para que Deus viva no meio.³⁰⁰ É um peregrinar rumo à morte do egoísmo e do individualismo, porque «trazemos sempre no nosso corpo a morte de Jesus, para que também a vida de Jesus seja manifesta no nosso corpo» (2 Cor. 4,10). Esta conversão ajuda o sujeito a dar espaço na sua vida, para que o evangelho fermente e radique em gestos de caridade. Uma mudança que é tanto espiritual, como humana. Confirma-se que «é a qualidade interna da vida humana e da sua sabedoria própria que é suposta evoluir, crescer e expandir-se no processo ou itinerário biográfico».³⁰¹ Hoje, oferecer esta

²⁹⁴ Cf. Manicardi, *Viver uma fé adulta. Itinerário para um cristianismo credível*, 240.

²⁹⁵ Cf. Pinho, «Dimensão eclesial da fé», 207.

²⁹⁶ Manicardi, *Viver uma fé adulta. Itinerário para um cristianismo credível*, 242.

²⁹⁷ Cf. Pinho, «Dimensão eclesial da fé», 240.

²⁹⁸ Cf. Forestier, *Pela Educação à Liberdade. Um Caminho - O Escutismo*, 321.

²⁹⁹ Cf. Rui Alberto, «A pastoral juvenil no contexto da Nova Evangelização», *Theologica*, n. 47 (2012): 77.

³⁰⁰ Cf. Messias, «A fé como experiência existencial», 315.

³⁰¹ Messias, 323.

mensagem aos jovens é dar-lhes uma mão para os desafogar do ritmo avassalador. No entanto, sem oração pessoal, personalizante, não é garantido que se consiga sair do ponto estático.

Sublinhamos, novamente, a importância da oração pessoal, porque sem ela não há relação com Deus e as relações humanas perdem o sentido cristão. Uma fé sem alimento morre seca. Em realidade, «a oração cristã consiste por isso na aceitação/entrega da pessoa à relação com Jesus. No seu momento mais denso, ela é participação do própria oração de Jesus que habita no coração do crente. É fruto da ação do Seu Espírito».³⁰² Na oração não se é protagonista, tem-se um papel secundário. Deus assume o primado, porque antecede toda e qualquer ação humana. Logo, é deixar que o Espírito aja no coração humano, sem pressas, nem objetivos. Ele guiará todo o momento dialogal entre Cristo – orante e vice-versa. Por isso, «não existe melhor investimento para a própria humanidade do que o de se ligar à Palavra do Evangelho e à prática da oração».³⁰³ Ambas são os alicerces da vida do cristão, para que este permaneça fiel à missão de discipulado que recebe da Igreja. É na oração que nasce a identificação com Cristo modelo, em tudo o que o define.³⁰⁴ Pela conversão, tende-se a que Jesus seja na pessoa o centro de tudo.

Assim, a caminhada escutista, com o sistema de progresso, tende a guiar o escuteiro a um aprofundamento na fé. Com o acompanhamento dos chefes, a possibilidade da conversão acontecer é enorme. Com a comunidade e na vida corrente, despontará para esta realidade, a partir dos apelos que entroniza nos momentos de reflexão. Portanto, reconhecer-se possuidor de um dom imerecido, estimula o escuteiro a ser dom para os outros, na caridade.

3.2.3.3. *Ser-se caridade*

Ao cerrar desta pesquisa, entendemos abordar a caridade. Estar alerta para servir é o compromisso de honra de todo o escuteiro. A maior das três virtudes teológicas é a essência do ser de Deus e do humano. «Deus é caridade e quem permanece na caridade, permanece em Deus e Deus nele» (1 Jo. 4,16). Ele é amor todo-poderoso. O humano é amor, porque o amor habita nele, na presença efetiva de Jesus encarnado. Por isso é a base de todos os dons, nomeadamente o da fé. Reconhecer, confiar e entregar-se a um Outro faz sentido por amor, porque se reconhece dádiva de um Outro. Nada há que invalide esta comunhão relacional de ser para com os outros.

³⁰² Messias, 340.

³⁰³ Matteo, *Converter Peter Pan. O destino da fé na sociedade da eterna juventude*, 142.

³⁰⁴ Cf. Messias, «A fé como experiência existencial», 341.

Efetivamente, pela lógica escutista, da prática da boa ação diária, desenvolve-se nos jovens uma atenção redobrada à comunidade. Há uma vontade sempre disponível e pronta a agir. Em sentido cristão, isto não é senão uma intensa caridade aplicada na prática.³⁰⁵ Por isso, neste contexto, os mais novos são os primeiros a ir às periferias, a servir os pobres, a estar atentos às necessidades sociais. Isto contribui para comunidades paroquiais fraternas e próximas. Este é o serviço evangélico impellido por Jesus (Cf. *DFSB*, 81). Amar sem condições, nem preconceitos. Este modo de ser também contribui para a configuração com Jesus.

Por essa razão, o Santo Padre, Papa Francisco, frisa a ideia de que «queremos ser uma Igreja que serve, que sai de casa, que sai dos seus templos, que sai das suas sacristias, para acompanhar a vida, sustentar a esperança, ser sinal de unidade (...) para lançar pontes, abater muros, semear reconciliação» (*FT*, 276). Ser uma Igreja-Amor, porque é corpo místico de Cristo. Não se pode negar a si mesma. Aumente-se a proximidade nas comunidades, ao estilo da Samaritana, dispostos a servir. O Espírito conduzirá a Igreja por meio do evangelho.³⁰⁶ A cultura da solidariedade multiplicar-se-á pelo testemunho do discipulado. Ser discípulo é ser servo, na humildade e simplicidade de coração. Basta um sê-lo, e ver-se-á o amor despontar.

Aferimos que «a caridade pode construir um mundo novo» (*FT*, 122). Dela pode brotar um novo modo de ser, um novo paradigma pastoral, porque será a base de uma sociedade mais humana. Pelos jovens do nosso tempo, poder-se-ia edificar uma cultura amorosa, com disponibilidade para servir com caridade. «Os tempos atuais requerem uma cada vez maior capacidade da experiência da fé e da Igreja como comunidade de fé a dialogarem com a cultura nas suas várias valências e dimensões».³⁰⁷ Fechar-se em si é enclausurar o dom divino e amortizar a vida. De vivente passa-se a sobrevivente. A fé cristã é libertação e salvação, na ressurreição de Jesus. O evangelho é bem claro, quanto à nossa esperança escatológica.³⁰⁸

Em suma, o futuro eclesial está nos que enraízam a vida na fé, por meio do evangelho. Que tem uma relação profunda com Cristo e serve com caridade os irmãos.³⁰⁹ Por isso, o testemunho, mais do que transmitir conceitos, transmite vida e alegria, de ser e estar em Cristo. Por meio dele há um convite explícito à fé.³¹⁰ Na verdade, há um convite a ser de tal modo amoroso, que cada gesto, pessoal ou grupal, seja presença do Ressuscitado, para que outros se

³⁰⁵ Cf. Forestier, *Pela Educação à Liberdade. Um Caminho - O Escutismo*, 321.

³⁰⁶ Cf. Almeida, «Acompanhar: estilo e chave da pastoral juvenil e samaritana», 190.

³⁰⁷ Messias, «A fé como experiência existencial», 373.

³⁰⁸ Cf. Terra, «A fé como dom e resposta da liberdade», 178.

³⁰⁹ Cf. Ratzinger, *Fé e Futuro*, 105.

³¹⁰ Cf. Juan Velasco, *A transmissão da fé na sociedade contemporânea*, trad. José Pereira (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2005), 88.

encontrem com Ele. O enamorar-se por alguém pode despontar imagens, ou até palavras e gestos.³¹¹ De facto, «viver o Evangelho é entrar na lógica do amor ao longo de todo um processo».³¹² Enquanto cristãos, todos os escuteiros do CNE recebem a proposta de peregrinar neste caminho de caridade, com outros e para outros. Serão mais felizes, quando contribuírem para a felicidade dos irmãos. Ora, «onde houver amor que nos realiza profunda e transcendentemente, que nos abre à gratuidade e à oferta feliz da vida que somos, acontece uma experiência de fé e aí se revela Deus».³¹³ Há diariamente oportunidade de O encontrar.

³¹¹ Cf. Matteo, *Converter Peter Pan. O destino da fé na sociedade da eterna juventude*, 131.

³¹² Varillon, *Alegria de Crer e de Viver*, 327.

³¹³ Messias, «A fé como experiência existencial», 295.

CONCLUSÃO

A Luz desponta na aurora, a encarnação entranha-se nas ramificações humanas, a beleza é ser-se em Deus-Amor. Em Jesus desabrochamos para a humanidade e imergimos na divindade. A fé é unir-se ao mais puro e verdadeiro encontro com Ele e neles. No compenetrar-se inter-relacional está o Amor, pela dádiva total de Si. Destas imagens sobrevém a centralidade que fundamentou a pesquisa científica desta dissertação. No conteúdo apresentado serve-se o resultado de um caminhar na profundidade da dimensão pedagógica escutista, fundeada pela experiência cristã da fé. Na descoberta contínua da ação de Deus e da vivência humana, pode-se entender que há no escutismo católico um legado a continuar. Às crianças e jovens dá-se a oportunidade de serem pequenos e grandes discípulos de Cristo, pelo que desde cedo vivem. A arte de crescer na fé molda-os para serem caridade.

Neste sentido, ao iniciarmos um caminho por campos ainda pouco explorados, na certeza de querer reconhecer a importância desta abordagem, deparámo-nos com uma enorme escassez de recursos literários e científicos. Limitados, por esse mesmo fator, planeámos remar em direções certas, que possibilitassem chegar a um porto seguro. Inquiridos pela realidade, foi-nos possível estudar o movimento escutista, ainda que de forma breve, na sua história, até aos dias de hoje. Porém, não sendo essa a principal temática desta pesquisa, partimos para uma abordagem da pedagogia da fé, quer no âmbito mais pessoal, quer depois no acompanhamento pessoal. Dela resulta uma proposta de abrir-se um novo paradigma pastoral centrado no acompanhamento dos jovens. Posto isto, recordamos o caminho trilhado, com olhar claro.

Em primeiro lugar, atendemos ao reflexo espelhado pela fé na vida do crente. Sem impor-se, esta é um modo de o humano corresponder à dádiva divina. Chega-se a Ela pela tradição apostólica e pela descoberta do Mestre interior. Em verdade, todo o caminhar existencial é de busca incessante pela profundidade interior da fé, que desponta no âmago do humano. Dá-se na relação com o Absoluto e na inter-relação com os semelhantes. Na verdade, não é um ato isolado e requer entrega total de vida. A fé inquire uma conversão inteira no modo de ser e estar no mundo. A partir daqui, todos peregrinam no mesmo sentido, com a mesma esperança e para a mesma meta: Cristo. Aclarada a breve definição de fé, partimos para uma apresentação, superficial, do nascimento e crescimento do escutismo a nível mundial.

O escutismo foi fundado por Robert Stephenson Smith Baden-Powell, em 1907, na ilha de Brownsea, num acampamento de verão. Ora, daqui surge uma crescente expansão do

movimento. Espalha-se por todo o mundo e adquire novas imagens, adaptadas a cada realidade. Sem estar ligado a uma crença, ou uma religião, o fundador sempre incentivou os jovens a despertar para Deus. Foi com esse intuito que, em França, o padre Jesuíta Jacques Sevin fundou o escutismo católico. Perante uma crise pastoral e vendo no escutismo um dinamismo de desenvolver as crianças, juntou o que acreditava ao que lhe parecia ajudar. Com isto, nasce um escutismo no qual Deus é a base de toda a prática. Com um desenvolvimento semelhante ao do fundador, este espalha-se pela europa e chega a Portugal, pelo Arcebispo de Braga, D. Manuel Vieira de Matos, e pelo Monsenhor Avelino Gonçalves. Em 27 de maio de 1923 inaugura-se em Braga o movimento escutista. A parti daí, com muitos avanços e recuos, chega-se aos dias de hoje com o Corpo Nacional de Escutas (CNE), um movimento escutista na Igreja portuguesa. Aqui explicamos os dinamismos basilares do movimento, como a mística, a simbologia, a lei e a promessa escutista.

Em segundo lugar, entramos na pedagogia da fé, visto que é uma das áreas a desenvolver, das seis dimensões pedagógicas escutistas. Neste ponto, com a imagem de Deus pedagogo, descobrimos a pedagogia da fé. Deus instrui desde sempre o seu povo pela Palavra e com a ação profética. Nesta ação reconhecemos a base para o que queríamos explanar de seguida. Com isto, aclarados os fundamentos, partimos para um análise concreta da metodologia e mística concreta de cada secção. Abordadas as quatro secções, referimos posteriormente a ação dos leigos, como dirigentes, e dos padres, como assistentes, e a missão importante dos mesmos. Sem adultos, o escutismos não subsistiria, porque requer atenção e cuidado de alguém maduro, que testemunhe um cuidado e serviço pelos mais novos. Mesmo sabendo que a intenção central é a de que cada escuteiro assume a sua educação para si, ou seja, é um método que incentiva à autoeducação, pelo jogo escutista, não se poderá deixar a mesma sem instrução salutar. Porque assim é, os dirigentes assumem o legado exposto pela Igreja para a ação dos leigos nas comunidades.

Em terceiro lugar, chegamos ao ponto último e mais desafiante, visto que propomos um novo paradigma pastoral a partir do escutismo. Pelo caminho que fizemos até aqui, surgiu a ideia de que este capítulo seria dedicado ao acompanhamento pastoral, incidindo na esfera pessoal e grupal. De facto, o escutismo proporciona um caminhar em conjunto a partir de casa. Sabemos que é na família que tudo se origina, logo quisemos referir a mesma, pela missão importante que exerce. Com isto, destacamos o papel da comunidade como espaço vivencial da

fé comunitária, quer nos sacramentos e liturgia, quer no espaço convivial, que os movimentos proporcionam.

Com efeito, seguimos para o acompanhamento personalizante. Aqui demos foco à imagem do acompanhado e do acompanhante, sendo que a relação entre os dois não é fechada em si, mas aberta a um terceiro que se revela no íntimo do ser. Este acompanhamento pretende não só curar as feridas, mas dar liberdade, potenciando as crianças nos seus dons e virtudes, para enfrentar a vida como ela é. Incentivá-las a sonhar, com os pés na realidade vivente. Daqui chega-se ao impacto da comunidade escutista no âmbito da paróquia. De facto, este grupo juvenil, presente na grande maioria das paróquias portuguesas, tem um legado muito positivo.

Ora, com um caminho trilhado por muitos e cientes da realidade que se instaura no hoje da humanidade, quisemos observar a propensão para ser isolado e consumista, na medida doentia. Sem tempo e além da responsabilidade, os jovens veem-se alienados a ser unicamente para si, sem sentido e com uma esperança momentânea. Com esta leitura, quisemos partir para uma etapa final que é referência. Nela abordamos a pastoral ancorada no diálogo, o potenciar dos jovens e o enraizá-los no evangelho. Estas três etapas são possíveis no escutismo, se for seriamente trilhado um caminho na fidelidade à fé e a Jesus. Esta vereda desagua na maturidade cristã, na conversão pessoal e no serviço da caridade.

Com enlevo, dir-se-á que a experiência de Deus é um maravilhar-se diário, na simplicidade do viver, ao ver e sentir com intensidade. Pôr tudo em todas as coisas. Com este pensamento queremos destacar que nem tudo é transmissível. A totalidade do que vivemos só é transmitida parcialmente ao outro que a observa. Quem olha, senão ousar fazer, ficará apenas com imagens secundárias. Deste modo, mesmo sabendo que a proposta apresentada não é o paradigma *perfeito* que a Igreja necessita, queremos ter a liberdade de sonhar e realizar a mesma no futuro próximo. Acreditamos que o CNE já auxiliou muitos jovens a descobrir Cristo. Pode ainda ajudar muitos outros, desde que não perca a fundamento no qual tem alicerces. Daqui partimos para a vida no campo pastoral, com um brilho no olhar e com esperança de que nas mãos de quem serve está Cristo a florir.

Assim, com todo este percurso, quisemos ressaltar a imagem de que no escutismo católico, em Portugal, é possível fazer-se uma caminhada de fé. Este percurso acompanha outros paralelos, como o da catequese, a vivência sacramental, entre outros. Logo, é um meio

e um modo no qual os jovens podem viver em comunidade, a partilhar experiências e vivências. No ano em que o CNE celebra o centenário da fundação, queremos deixar a nossa humilde contribuição, para que esta missão de levar jovens ao encontro com Cristo e ao despertar para a vida, possa fazer-se cada vez melhor. Realmente, o encontro e a experiência de Deus dá-se na terra que pisamos, com todos e entre todos. No final do dia, depois da caminhada, ressaltará a pergunta: «Quem poderá separar-nos do amor de Cristo?» (Rom. 8, 35).

BIOGRAFIA GERAL

Fontes Primárias

Biblia Sagrada. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2008.

Benedictus XVI. «Litterae Apostolicae Motu Proprio Datae “*Porta Fidei*”». *AAS* 103, nº 11, (2011): 723-734.

Francisco. «Exortação Apostólica Pós-Sinodal “*Christus Vivit*”», 2019. http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papafrancesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html.

———. «Carta Encíclica “*Fratelli Tutti*”», 2020. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html

Franciscus. «Litterae Encyclicae “*Lumen Fidei*”». *AAS* 105, nº 7, (2013): 555-596.

———. «Adhortatio Apostolica Post-Synodalis “*Evangelii Gaudium*”». *AAS* 105, nº12, (2013): 1019-1137.

Iohannes Paulus II. «Adhortatio Apostolica Post-Synodalis “*Christifideles Laici*”». *AAS* 81 (1989): 393-521.

———. «Adhortatio Apostolica “*Catechesi Tradendae*”». *AAS* 71 (1979): 1278-1340.

Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II. «Declaratio de Educatione Christiana “*Gravissimum Educationis*”». *AAS* 58 (1966): 728-739.

———. «Constitutio Dogmatica “*Dei Verbum*”». *AAS* 58 (1966): 817-830.

———. «Constitutio Dogmática “*Lumen Gentium*”». *AAS* 57 (1965): 5-67.

———. «Constitutio Pastoralis “*Gaudium et Spes*”». *AAS* 58 (1966): 1025-1115.

Synodus Episcoporum. «Coetus Generalis XV Documentum Finale». *AAS* 110, nº 11, (2018): 1583-1658.

Fontes Secundárias

- Alberto, Rui. «A pastoral juvenil no contexto da Nova Evangelização». *Theologica*, n. 47 (2012): 71–95.
- Almeida, José. «Comunidade Evangeliadora na prespetiva de João Paulo II». Em *Propor a fé numa pluralidade de caminhos*, editado por Luís M. Figueiredo Rodrigues, 50–74. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017.
- Almeida, Nuno. «Acompanhar: estilo e chave da pastoral juvenil e samaritana». Em *A edificação do tecido eclesial*, editado por Luís M. Figueiredo Rodrigues, 177–190. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2021.
- Ambrosio, Juan. «Desenvolvimento Integral e Desenvolvimento Espiritual». Em *Escutismo e Desenvolvimento Espiritual*, 21–31. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 2008.
- Ardusso, Franco. «Fe». Em *Cristianismo. Diccionario Enciclopédico San Pablo*, 388–398. Madrid: San Pablo, 2009.
- Baden-Powell, Robert. *A Caminho do Triunfo*. Traduzido por José Francisco dos Santos. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 2018.
- . *A Escola de Vida - Autobiografia de Baden-Powell*. 1ª ed. Lisboa: Ésquilo, 2007.
- . *Auxiliar do Chefe Escuta*. Traduzido por José Santos. 7ª ed. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 2018.
- . *Escutismo para Rapazes*. 2ª ed. Barcelos: Edições Flor de Lis, 1962.
- . «Última Mensagem do Chefe». Em *Celebrações do CNE*, 194–194. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 1999.
- Balthasar, Hans Urs von. *Só o Amor é Digno de Fé*. Traduzido por Artur Mourão. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.
- Beinert, Wolfgang. «Fe». Em *Diccionario de teología dogmática*, editado por Wolfgang Beinert, 288–292. Barcelona: Herder, 1990.

- Blanco, J. C. Carvajal. «La pedagogia de Dios en la historia de la salvación». Em *La Pedagogía de la Fe*, editado por Manuel del Campo Guilarte, 15–46. Madrid: Publicaciones San Dámaso, 2009.
- Carrilho, Francisco. *Metodologia Educativa da I Secção*. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 1992.
- Carrón, Julián. *O despertar do humano. Reflexões de um tempo vertiginoso*. Traduzido por Cláudio Cruz. Porto: Paulus Editora, 2020.
- Conferência Episcopal Portuguesa. *CNE: Caminho de Esperança*. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 2012.
- . *Exortação Pastoral - O Escutismo, Escola de Educação*. Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1995.
- Conferência Internacional Católica do Escutismo. «Carta Católica do Escutismo». Em *Celebrações do CNE*, 195–195. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 1999.
- Corpo Nacional de Escutas. «Carta do CNE - Escutismo Católico Português». Em *Celebrações do CNE*, 196–196. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 1999.
- . *Programa Educativo*. 2ª ed. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 2010.
- . *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 2011.
- Correia, João Alberto Sousa. «Deus educa o seu povo. A pedagogia da Escritura». Em *Propor a fé numa pluralidade de caminhos*, editado por Luís M. Figueiredo Rodrigues, 22–49. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017.
- Correia, José Frazão. «A fé como forma vital e forma expressiva da existência humana». Em *A fé da Igreja*, editado por João Lourenço, 11–57. Lisboa: Paulus Editora, 2014.
- . *A Fé vive de afeto*. Lisboa: Paulinas, 2013.
- . *Entre-tanto. A difícil bênção da vida e da fé*. Porto: Paulinas Editora, 2022.
- Duque, João Manuel. «Desafios contemporâneos ao Cristianismo». Em *Propor a fé numa*

- pluralidade de caminhos*, editado por Luís M. Figueiredo Rodrigues, 11–21. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017.
- . *Homo Credens: Para Uma Teologia da Fé*. 2.^a ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004.
- . *No Corpo do Tempo*. Braga: Editorial Frente e Verso, 2021.
- Equipa Nacional Dos «Scouts de France». *Baden-Powell Hoje*. Traduzido por João Mascarenhas. 3.^a ed. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 1993.
- Faria, Daniel. «Do ciclo das intempéries». Em *Poesia*, editado por Vera Vouga, 2.^a ed., 335–345. Porto: Assírio & Alvim, 2019.
- Fisichella, Rino. *A fé como resposta de sentido*. Traduzido por António Rocha. São Paulo: Paulinas, 2005.
- Forestier, Marcel. *Pela Educação à Liberdade. Um Caminho - O Escutismo*. Traduzido por Branca Seixal. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 1993.
- Galdona, Javier. «Pedagogía de fe: evangelización en el Movimiento Scout». *Ficha Pastoral nº 1* (2014): 1-23.
- Gallagher, Michael Paul. *A surpreendente novidade de Cristo*. Traduzido por Carlos Reis. Braga: Apostolado da Oração, 2012.
- . *Livres para acreditar. Dez passos para a fé*. Traduzido por Luís Amaral. 2.^a ed. Braga: Apostolado da Oração, 2021.
- Gelabert, José María. «Fe». Em *Diccionario de Teología*, editado por César Izquierdo, 394–396. Navarra: EUNSA, 2006.
- Han, Byung-Chul. *Do Desaparecimento dos Rituais*. Traduzido por Carlos Leite. Lisboa: Relógio D'Água, 2020.
- Kasper, Walter. *Introdução à Fé*. Traduzido por Augusto Mourão. Porto: Telos, 1972.
- Larrú, Juan de Dios. «Acompañar, integrar y discernir». *Isidorianum* 27, n. 53 (25 de Junho de

2018): 25–39. <https://doi.org/10.46543/ISID.1827.1003>.

Louf, André. *Ao ritmo do absoluto. Viver em oração*. Traduzido por Miriam Godinho. Braga: Apostolado da Oração, 1999.

Mana, Carlos. *Metodologia Educativa da II Secção*. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 1992.

———. *Metodologia Educativa da III Secção*. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 1992.

———. *Metodologia Educativa da IV Secção*. 6ª ed. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 2006.

Manicardi, Luciano. *Viver uma fé adulta. Itinerário para um cristianismo credível*. Traduzido por António Rocha. Porto: Paulinas Editora, 2012.

Martins, Nuno Brás da Silva. *Introdução à Teologia*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003.

Matteo, Armando. *Converter Peter Pan. O destino da fé na sociedade da eterna juventude*. Traduzido por Maria do Rosário de Castro Pernas. Porto: Paulinas Editora, 2022.

Messias, Teresa. «A fé como experiência existencial». Em *A fé da Igreja*, editado por João Lourenço, 285–381. Lisboa: Paulus Editora, 2014.

Monge, Manuel Sánchez. *Aprender el arte de acompañar. Guía para acompañantes y acompañados*. Salamanca: Editorial Sal Terrae, 2020.

Montalt, Enrique. *El consejero pastoral. Manual de «relación de ayuda» para sacerdotes y agentes de pastoral*. Bilbao: Editorial Desclée de Brauwert, 2010.

Morell, Xavier. «Pedagogía de Dios». Em *Nuevo Diccionario de Catequética*, II:1.780–796. Madrid: San Pablo, 1999.

Nouwen, Henri. *O curador ferido. O ministério na sociedade contemporânea*. Traduzido por Luísa Abreu. 3ª ed. Porto: Paulinas Editora, 2021.

Pagola, José Antonio. *O Caminho Aberto Por Jesus*. Traduzido por Augusto Marques. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2011.

- Pereira, Maria do Rosário. «A oração na atividade escutista». Em *Escutismo e Desenvolvimento Espiritual*, 83–89. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 2008.
- Pinho, José Eduardo Borges de. «A leitura dos sinais dos tempos e suas implicações na vida da Igreja». *Didaskalia* 41, n. 1 SE-Artigos (1 de Janeiro de 2011). <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2011.2299>.
- . «Dimensão eclesial da fé». Em *A fé da Igreja*, editado por João Lourenço, 181–250. Lisboa: Paulus Editora, 2014.
- Pinto, Ângelo. «Dirigente do CNE, Quem és tu?». Em *Celebrações do CNE*, 225–228. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 1999.
- Pinto, António Vaz. *Fé e Existência Cristã*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2010.
- Posada, Isabel. «La originalidad de la pedagogía de la fe». *Revista Teológica Xaveriana*, n. 95 (1990): 139–160.
- Pujol, Jaimel; Francisco Domingo; Anastasio Gil e Mateo Blanco. *Introducción a la Pedagogía de la fe*. Pamplona: EUNSA, 2001.
- Radcliffe, Timothy. *Na margem do mistério: ter fé em tempos de incerteza*. Traduzido por Maria Pernas. Lisboa: Paulinas Editora, 2017.
- Rahner, Karl, e Herbert Vorgrimler. «Fe». Em *Diccionario Teológico*, 2ª ed. 104:250–259. Barcelona: Editorial Herder, 1970.
- Ramírez, Javier. *La Pedagogia de Dios*. 3ª ed. Vol. 2. México: San Pablo, 2009.
- Ratzinger, Joseph. *Caminhar Juntos na Fé*. Traduzido por Manuel Losa. Braga: Apostolado da Oração, 2005.
- . *Fé e Futuro*. Traduzido por Conceição Sousa. Lisboa: Princípia Editora, 2008.
- . *Introdução ao Cristianismo*. Traduzido por Alfred Keller. 2ª ed. Lisboa: Lucerna, 2017.
- Reis, João Vasco. *Uma História de Factos*. 1ª ed. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 2007.

- Rodrigues, Albertino. «O Escutismo e a Transmissão da Fé». Universidade Católica Portuguesa, 2013.
- Scquizzato, Paolo. *O elogio da imperfeição. O caminho da fragilidade*. Traduzido por António Rocha. 3ªed. Porto: Paulinas Editora, 2017.
- Secretaria Nacional Pedagógica. *Adultos no Escutismo*. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 2015.
- Sevin, Jacques. *O Escutismo*. Traduzido por João Costa. 1ª ed. Loures: Paulinas Editora, 2011.
- Silva, Pedro Duarte. «A inserção eclesial do CNE». Em *Escutismo e Desenvolvimento Espiritual*, 59–68. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 2008.
- Teixeira, João Miranda. «Os Desafios da Nova Evangelização e o Escutismo». Em *Celebrações do CNE*, 218–225. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 1999.
- Terra, Domingos. «A fé como dom e resposta da liberdade». Em *A fé da Igreja*, editado por João Lourenço, 129–180. Lisboa: Paulus Editora, 2014.
- . *O sentido da fé*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009.
- Toulouse, Marie-Thérèse. *O Padre Jacques Sevin. Fundador do Escutismo Católico*. Traduzido por Manuel Losa. Braga: Apostolado da Oração, 2015.
- Tremblay, Sophie. «O diálogo pastoral revisitado». Em *Uma nova oportunidade para o Evangelho. Para uma pastoral de gestação*, traduzido por Maria Pernas, 159–174. Lisboa: Paulinas Editora, 2014.
- Varillon, François. *Alegria de Crer e de Viver*. Traduzido por Miriam Godinho. 2ª ed. Braga: Apostolado da Oração, 2013.
- Velasco, Juan. *A transmissão da fé na sociedade contemporânea*. Traduzido por José Pereira. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2005.